

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM  
LINGUÍSTICA**

**MILEIDE TERRES DE OLIVEIRA**

**RIKBAK TSA E PORTUGUÊS: ATITUDES LINGUÍSTICAS**

**Cáceres – MT  
2015**

**MILEIDE TERRES DE OLIVEIRA**

**RIKBAK TSA E PORTUGUÊS: ATITUDES LINGUÍSTICAS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Linguística da Universidade do Estado de Mato Grosso como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob orientação da Professora Dr.<sup>a</sup> Valéria Faria Cardoso.

**Cáceres - MT**

**2015**

Oliveira, Mileide Terres de.

Rikbaktsa e português: atitudes linguísticas./Mileide Terres de Oliveira. Cáceres/MT: UNEMAT, 2015.

97f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado de Mato Grosso. Programa de Pós-Graduação em Linguística, 2015.

Orientadora: Valéria Faria Cardoso

1. Sociolinguística. 2. Língua rikbaktsa. 3. Atitudes linguísticas. 4. Contato de línguas. I. Título.

CDU: 81'27(817.2)

**MILEIDE TERRES DE OLIVEIRA**

**RIKBAK TSA E PORTUGUÊS: ATITUDES LINGUÍSTICAS**

**BANCA EXAMINADORA**

---

**Profª Drª Valéria Faria Cardoso**

**UNEMAT - Orientadora**

---

**Prof Dr Marlon Leal Rodrigues**

**UEMS**

---

**Profª Drª Edileusa Gimenes Moralis**

**UNEMAT**

---

**Prof. Dr. Albano Dalla Pria**

**UNEMAT**

**Suplente**

Aprovada em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_.

*Dedico este trabalho aos meus pais, cada um, na sua maneira, soube me incentivar durante a caminhada acadêmica. Anjos na terra!*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço a realização deste trabalho a Deus, que me abençoou e guiou meus passos durante toda a minha vida. A minha família, que me ensinou a dedicação e o amor em tudo que fazemos, e é só por eles que consegui chegar onde estou, meus pais são minha base e meu refúgio. Ao meu marido Paulo, que me apoiou e ajudou nos momentos em que precisei de auxílio, sobretudo nas dificuldades.

Aos professores que estiveram durante a caminhada acadêmica e repassaram seus ricos conhecimentos. Em especial a Neuza B. S. Zattar, Valdir Silva, Ana Maria Di Renzo, Albano Dalla Pria, Leila S. J. Bisinoto, Judite G. Albuquerque, Vera Regina M. e Silva, Angel H. Mori, Wellington P. Quintino e Léia de Jesus Silva, a cada um deles que, com seu ensinar, nos mostrou que o aprender pode ser magnífico. A professora Nilce Maria da Silva pelo incentivo e palavras: “Lute sempre, em qualquer circunstância”. De maneira especial a professora Edileusa Gimenes Moralis por acreditar em mim, pelo apoio e carinho, que me ajudou nesta trajetória de escrita e reescrita da dissertação.

Aos meus colegas, amigos, companheiros de Mestrado, eternas lembranças e considerações a Jucinéia, Bruna, Jane, Izaíldes, Karine, Ducinéia, Alessandra, Marli, Verônica, Amilton, Erisvânia, Euzélia, Graciene, Juliany, Cristiane, Gislaine, Enilce e Claudia. E a minha amiga de discussões indígenas, viagens, aflições e escrita, Tereza Maracaipe Barboza, meus sinceros agradecimentos e respeito pela pessoa importante que você é na minha vida. Agradeço ao Julio e à Cris, secretários do Mestrado, que estiveram sempre dispostos em me ajudar no que foi necessário.

À CAPES pelo auxílio financeiro durante todo o meu Mestrado.

Em especial agradeço a minha orientadora, professora Valéria Faria Cardoso, que nunca desistiu de mim, e sempre esteve ao meu lado. Minha admiração, respeito e eterno agradecimento à professora Valéria que soube guiar minha escrita e leitura durante todos os obstáculos e desafios sofridos ao longo dissertação. Tudo foi para mim uma aprendizagem, e valeu a pena!

Aos indígenas Rikbaktsa, que tornaram possível este sonho de conhecer uma cultura diferente da nossa, aos meus colaboradores indígenas Rikbaktsa que estiveram dispostos a me auxiliar em todos os momentos.

A todos, meus sinceros agradecimentos e todo este trabalho é fruto da dedicação e disposição de vocês que construíram junto comigo. Sem vocês, nada disso seria possível.

## RESUMO

A presente dissertação, vinculada a linha de pesquisa - descrição e análise de línguas, instituição e ensino, visa refletir sobre a diversidade linguística, pois o Brasil possui muitos povos indígenas em seu território. Nesta pesquisa, lançamos o olhar para o povo Rikbaktsa, habitantes de 34 comunidades indígenas circunvizinhas aos municípios mato-grossenses de Brasnorte, Cotriguaçu e Juara, situados a Noroeste do Estado, cuja população é de aproximadamente 1.411 pessoas de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). A proposta de nosso trabalho é de cunho sociolinguístico, da corrente teórica da *Sociologia da Linguagem*, no qual buscamos ponderar acerca das atitudes linguísticas dos Rikbaktsa a partir da situação de contato entre a língua rikbaktsa e o português, em que a atitude linguística consiste no *saber sobre a língua* e o *discurso público sobre a língua*. Para o referido trabalho, utilizamos pesquisa bibliográfica e coleta de dados realizada por meio de um questionário fechado aplicado a 18 colaboradores bilíngues rikbaktsa/português. Dos resultados encontrados, enfatizamos que os Rikbaktsa possuem um *bilinguismo individual*, pois possuem no seu repertório linguístico duas línguas, L1 e L2, sendo a língua rikbaktsa e o português. Além disso, há nas aldeias um *bilinguismo social*, pois há coexistência da língua nativa e do português, caracterizando uma situação de diglossia e bilinguismo, pois os falantes bilíngues sabem identificar o uso linguístico de ambas as línguas dentro da comunidade Rikbaktsa. Por fim, identificamos o deslocamento linguístico da língua rikbaktsa na comunidade indígena. Este deslocamento trata-se do desaparecimento da língua nativa, que vem paulatinamente perdendo seus lugares de propagação e dando lugar ao português, que está presente em todas as interações nos *domínios linguísticos* – familiar, escolar, vizinhança, religioso e trabalho. As causas deste processo de deslocamento linguístico estão relacionadas a fatores históricos, como o internato Utariti, onde muitas crianças órfãs foram enviadas na época da pacificação e eram obrigadas a se comunicar somente em português. Diante desta situação, a educação indígena é um mecanismo de auxílio para a preservação do idioma nativo nas aldeias, sobretudo da formação de professores indígenas para atuarem nas escolas das aldeias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Contato de Línguas; Língua rikbaktsa; Sociolinguística; Atitudes Linguísticas.

## ABSTRACT

This dissertation, linked to line of research - description and analysis of languages and teaching institution, aims to reflect on linguistic diversity, as Brazil has many indigenous peoples in its territory. In this research, we launched to look at the Rikbaktsa people, residents of the 34 surrounding indigenous communities to Mato Grosso municipalities of Brasnorte, Cotriguaçu and Juara, located to the Northwest, which has a population of approximately 1.411 people according to the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE, 2010). The purpose of the our work is of sociolinguistic nature, the theoretical current of Language Sociology, in which we seek to ponder the linguistic attitudes of Rikbaktsa from the contact situation between the Rikbaktsa language and Portuguese, in which the linguistic attitude consists in the know about the language and public discourse on the tongue. For such work, we use literature search and data collection conducted through a questionnaire applied to 18 employees bilingual Rikbaktsa / Portuguese. From these results, we emphasize that the Rikbaktsa have an individual bilingualism, as they have in their linguistic repertoire two languages L1 and L2, and the Rikbaktsa language and Portuguese. In addition, there is a social bilingualism in the villages because there is coexistence of the native language and Portuguese, characterizing a situation of diglossia and bilingualism, as bilingual speakers are able to identify the linguistic usage of both languages within the Rikbaktsa community. Finally, we identify the linguistic displacement of Rikbaktsa language in the indigenous community, this shift it is the disappearance of the native language which is gradually losing their seats propagation and giving rise to the Portuguese, which is present in all interactions in familiar linguistic domains, school, neighborhood, religious and labor. The causes of this linguistic shift process are related to historical factors, such as Utiariti boarding school, where many orphaned children were sent at the time of pacification and were required to communicate only in Portuguese. In this situation, indigenous education is an aid mechanism for the preservation of the native language in the villages, especially the training of indigenous teachers to work in village schools.

**Keywords:** Language Contact; Rikbaktsa language; Sociolinguistics; Linguistic attitudes.

## LISTA DE MAPA

<i>Mapa (01): Localização dos Rikbaktsa.....</i>	21
--	----

## LISTA DE QUADROS

<i>Quadro (01): Tronco macro-jê.....</i>	<i>29</i>
<i>Quadro (02): Estratificação dos colaboradores.....</i>	<i>32</i>
<i>Quadro (03): Atitudes manifestadas.....</i>	<i>55</i>
<i>Quadro (04): Atitudes manifestadas.....</i>	<i>57</i>
<i>Quadro (05): Atitudes manifestadas.....</i>	<i>69</i>
<i>Quadro (06): População do Brasil por etnia do século XVI ao XIX.....</i>	<i>74</i>
<i>Quadro (07): Atitudes manifestadas.....</i>	<i>76</i>

## LISTA DE ESQUEMAS

<i>Esquema (01): Definição da Sociologia da Linguagem.....</i>	<i>38</i>
<i>Esquema (02): Comunidade diglósica.....</i>	<i>43</i>
<i>Esquema (03): As relações entre o bilinguismo e a diglossia.....</i>	<i>43</i>
<i>Esquema (04): Definição de Atitude Linguística.....</i>	<i>48</i>
<i>Esquema (05): A diglossia entre os Rikbaktsa.....</i>	<i>72</i>
<i>Esquema (06): A relação entre bilinguismo e diglossia dentre os Rikbaktsa.....</i>	<i>73</i>

## LISTA DE SIGLAS

AIMURIK: Associação Indígena das Mulheres Rikbaktsa  
ASSIRIK: Associação Indígena Rikbaktsa  
CAIE/MT: Coordenação de Assuntos Indígenas do Estado de Mato Grosso  
CEE/MT: Conselho Estadual de Educação de Mato Grosso  
CEI/MT: Conselho de Educação Escolar Indígena de Mato Grosso  
FUNAI: Fundação Nacional do Índio  
FUNASA: Fundação Nacional da Saúde  
IBGE: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
ISA: Instituto Socioambiental  
LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
MEC: Ministério da Educação  
MIA: Missão Anchieta  
NEIs: Núcleos de Educação Indígena  
PAIs: Postos de Assistência Indígena  
PROESI: Programa de Educação Superior Indígena Intercultural  
RCNei: Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas  
SECAD: Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade  
SEDUC/MT: Secretaria de Educação do Mato Grosso  
SIL: *Summer Institute of Linguistics*  
UFMT: Universidade Federal do Mato Grosso  
UNI: União das Nações Indígenas  
UNESCO: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura

## SUMÁRIO

RESUMO	
ABSTRACT	
LISTA DE MAPAS	
LISTA DE QUADROS	
LISTA DE ESQUEMAS	
LISTA DE SIGLAS	
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	13
<b>I OS RIKBAK TSA: UMA HISTÓRIA DE LUTA</b> .....	16
1.1 A História do Contato Interétnico e a “Pacificação” Rikbaktsa (DORNSTAUDE R, 1975) .....	16
1.1.1 Localização das TIs Rikbaktsa no território mato-grossense.....	21
1.1.2 O cotidiano Rikbaktsa.....	22
1.2 Os Rikbaktsa: pesquisas preexistentes sobre o povo/língua.....	24
1.2.1 O tronco linguístico macro-jê.....	27
1.3 Procedimentos metodológicos da pesquisa.....	30
<b>II APORTE TEÓRICO</b> .....	35
2.1 Sociolinguística e suas correntes.....	35
2.2 Bilinguismo.....	41
2.3 Atitudes linguísticas.....	45
<b>III ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS RIKBAK TSA</b> .....	49
3.1 Breve histórico do contato linguístico no Brasil.....	49
3.1.1 Atual visão da situação de contato pelos Rikbaktsa.....	51
3.2 TEMA (1): Atitudes linguísticas: saber sobre a língua (SCHLIEBEN-LANGE, 1993) .....	61
3.3 TEMA (2): Atitudes linguísticas: discurso público sobre a língua (SCHLIEBEN-LANGE, 1993) .....	75
<b>CONSIDERAÇÃO FINAIS</b> .....	88
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	91
<b>APÊNDICE</b> .....	96

## INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que se caracteriza pela sua diversidade linguística e cultural: em seu território são reconhecidas cerca de 180 línguas nativas e mais de 220 etnias (RODRIGUES, 1994). Diante desta diversidade étnica, destacamos, neste trabalho, a situação de diversidade linguística e cultural vivenciada pela etnia Rikbaktsa, situada no Noroeste do Estado de Mato Grosso, próxima aos municípios de Brasnorte, Cotriguaçu e Juara, em 34 comunidades indígenas com cerca de 1.411 pessoas, de acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2010). A língua falada pelos Rikbaktsa leva o mesmo nome de sua etnia. Tal língua é, geneticamente, classificada como pertencente ao tronco linguístico macro-jê (BOSWOOD, 1971; RODRIGUES, 1994). Os falantes Rikbaktsa estão em contato com a língua oficial brasileira, o português<sup>1</sup>, a qual vem cada vez mais influenciando a comunidade indígena, o que resulta também em grandes mudanças na vida social e cultural desse povo.

A presente pesquisa busca analisar as atitudes linguísticas dos Rikbaktsa frente à situação de contato linguístico que se dá entre a sua língua nativa<sup>2</sup> e a língua oficial, o português, por meio do aporte teórico sociolinguístico, cuja corrente é a da *Sociologia da linguagem*, embasado nos estudos de Fishman (1971; 1974; 1995), nas definições de bilinguismo individual e social introduzidas pelos estudos de Weinreich (2011) e Atitudes Linguísticas a partir de Schlieben-Lange (1993). Por isso, como objetivos específicos desta pesquisa buscamos:

- i) Identificar e analisar os usos da língua rikbaktsa e do português nos *domínios linguísticos*;
- ii) Identificar e analisar as atitudes linguísticas dos falantes bilíngues Rikbaktsa em relação a sua língua nativa (rikbaktsa) e a do outro (português), considerando o *saber sobre a língua* e o *discurso público sobre a língua* (SHLIEBEN-LANGE, 1993).

Para alcançar nossos objetivos, realizamos uma pesquisa bibliográfica e posterior coletas de dados em que aplicamos um questionário motriz com 26 questões a

---

<sup>1</sup>O português é considerado como a língua nacional oficial, conforme prevê o Art. 13 da Constituição Federal de 1988: “A língua portuguesa é o idioma oficial da República Federativa do Brasil”. Disponível em: <http://www.jusbrasil.com.br/topicos/10640315/artigo-13-da-constituicao-federal-de-1988>. Acesso em: 20, Jun. 2015.

<sup>2</sup> *Língua nativa* ou *idioma nativo* é entendido neste trabalho como a língua rikbaktsa, falada pela etnia Rikbaktsa em estudo.

18 falantes Rikbaktsa. As coletas de dados foram realizadas na cidade de Juína-MT quando os indígenas frequentavam o município para realizar seus afazeres pessoais, e, pelas respostas adquiridas, descrevemos a situação de contato linguístico instaurada e analisamos as atitudes linguísticas dos Rikbaktsa.

No primeiro capítulo, intitulado *Os Rikbaktsa: uma história de luta*, apresentamos a história do contato interétnico entre a etnia Rikbaktsa e os não-indígenas; a localização geográfica das terras indígenas Rikbaktsa; aspectos gerais relacionados ao cotidiano do povo Rikbaktsa, como a alimentação, distribuição de tarefas, e festas; pesquisas preexistentes sobre os Rikbaktsa e sua língua, informando, ainda, aspectos do tronco linguístico macro-jê ao qual pertence a língua rikbaktsa, assim como os procedimentos metodológicos utilizados em nossa pesquisa junto aos colaboradores Rikbaktsa.

O segundo capítulo: *Aporte teórico*, apresenta, sob um viés sociolinguístico, o aporte teórico adotado neste trabalho, destacando a *Sociologia da linguagem*, assim como os *domínios linguísticos*, abordagens adotadas em nosso trabalho e que são embasadas nos estudos de Fishman (1971; 1974; 1995). A *Sociologia da linguagem* possui duas áreas de investigação: a primeira, conhecida como *Sociologia Descritiva da linguagem*, que descreve a organização social do uso da língua em uma comunidade e suas atitudes em relação à língua e seus falantes, assim como os *domínios linguísticos*; depois, a segunda, denominada *Sociologia Dinâmica da linguagem*, busca descrever e analisar os fatores que motivam comunidades linguísticas distintas a mudanças na organização social do uso e do comportamento linguístico. Fishman (1995) afirma que esta subdivisão dos campos de estudo da *Sociologia da linguagem* aponta os fatos linguísticos que devem ser pesquisados na relação entre língua e sociedade, e que ambos os campos se complementam, não podendo ser estabelecidos limites estanques entre eles. Além disso, neste capítulo também apresentamos as definições de bilinguismo individual e social introduzidas por Weinreich (2011). E, por fim, abordamos as atitudes linguísticas a partir dos estudos de Schlieben-Lange (1993), que considera a atitude linguística como um *saber sobre a língua* e um *discurso público sobre a língua*.

O terceiro capítulo, *Atitudes linguísticas dos Rikbaktsa*, traz uma descrição histórica da situação do contato linguístico no Brasil e depois a atual visão dos Rikbaktsa diante da situação de contato entre a língua nativa e o português, em que descrevemos as primeiras relações de contato entre os Rikbaktsa e os não-indígenas a

partir das respostas dos colaboradores sobre como os Rikbaktsa conheceram os não-indígenas e as consequências linguísticas deste contato de línguas e povos. Posteriormente, iniciamos a análise desta pesquisa que foi dividida em dois temas: *Atitudes linguísticas: saber sobre a língua* e *Atitudes linguísticas: discurso público sobre a língua*.

No primeiro tema: *Atitudes linguísticas: saber sobre a língua*, partimos da concepção de atitude linguística a partir de Schlieben-Lange (1993), em que o *saber sobre a língua* trata daquilo que o falante reconhece como sua língua nativa e aquilo que é diferente, ou seja, a “outra” língua em uma relação de contato linguístico. Por isso, analisamos o uso linguístico dos Rikbaktsa, os domínios linguísticos e a escolha de uma língua ou outra nos momentos de interação.

No segundo tema: *Atitudes linguísticas: discurso público sobre a língua*, consideramos o *discurso público sobre a língua* como o falar que retoma outros falares do mundo, ou seja, falamos outros discursos que já foram ditos em outro momento. A partir desta definição, analisamos atitudes linguísticas dos colaboradores diante da escolha de qual língua preferem para escrever, os julgamentos de valor: qual língua acham mais *bonita, feia, fácil, difícil*, falam mais no cotidiano; se existe Rikbaktsa que rejeita ou sente *vergonha* da própria língua e se há alguma ação de preservação da língua nativa nas aldeias. Estes temas nos subsidiaram a explicação, com mais clareza, das análises através do agrupamento das perguntas.

## I OS RIKBAK TSA: UMA HISTÓRIA DE LUTA

Neste capítulo nos valem os trabalhos realizados por estudiosos que tomam o povo e a língua rikbaktsa como objeto de estudos. No primeiro tópico apresentamos a história do contato interétnico entre a etnia Rikbaktsa e os não-indígenas, a localização geográfica das terras indígenas; aspectos gerais relacionados ao cotidiano do povo Rikbaktsa. Consideramos pesquisas preexistentes sobre os Rikbaktsa e sua língua, informando, ainda, sobre o tronco linguístico macro-jê. Por fim, no último subtópico deste capítulo descrevemos os procedimentos metodológicos utilizados em nossa pesquisa.

### 1.1 A História do Contato Interétnico e a “Pacificação” Rikbaktsa (DORNSTAUER, 1975)

Para além da denominação “Rikbaktsa” encontra-se algumas denominações atribuídas ao povo e sua língua: os Rikbaktsa eram denominados “canoeiros” pelos seringueiros, devido à grande habilidade no manejo de canoas, e “orelhas de pau”, uma referência aos “batoques que usam nos lóbulos das orelhas” (SILVA, 2005, p. 02). Boswood (1973, p. 01) afirma que também eram conhecidos como “Aripaktsa” e “Erigbaktsa”.

Segue, então, a história do contato interétnico e a “pacificação” dos Rikbaktsa ou dos “Aripaktsa”, ou ainda, dos “Erigbaktsa”, como eram conhecidos. Em 1942, começaram a surgir comentários sobre um povo localizado no Noroeste mato-grossense, que usavam canoas de cascas de árvores para se locomover pelos rios Arinos, Juruena e Rio do Sangue. Estas canoas eram feitas com técnicas apropriadas, geralmente eram retiradas cascas de jatobá, caju selvagem, paineira e jequitibá, as quais permitiam que os Rikbaktsa se locomovessem pelos rios com agilidade (PACINI, 2015, p. 222-226).

No início da década de 50, os indígenas Rikbaktsa tiveram os primeiros contatos com seringueiros. Outros povos como os Cinta Larga, Kayabi e Iranxe, possuíam suas terras próximas aos Rikbaktsa, e os seringueiros começaram a invadir todos os territórios, espalhando seus seringais, feitorias e barracões por toda região, desde o rio Papagaio ao alto curso do rio Juruena, rio do Sangue, nascente e barra do

rio Arinos, resultando em uma guerra entre indígenas e não-indígenas pelo domínio das terras (PACINI, 1999).

A constituição de seringais foi impulsionado pelo Estado Novo que instituiu a *Marcha para o Oeste*. Neste período, intensificaram-se conflitos e guerras entre vários povos indígenas e seringueiros, sobretudo envolvendo a luta por territórios e o domínio das terras (PACINI, 1999), que ocasionaram a morte de muitas etnias pelas epidemias e massacres. Durante o período da *Marcha para o Oeste* houve um grande surto econômico no Estado de Mato Grosso, pois muitas empresas e companhias de exploração e colonização migravam para o Estado em busca de benefícios próprios. O Banco de Crédito da Amazônia foi o principal agente financiador para a abertura de estradas e a urbanização da região mato-grossense, assim como investimentos econômicos, principalmente nas áreas da agropecuária, extração de madeiras e minérios (ARRUDA, 1994).

Nos conflitos entre indígenas e seringueiros, um dos primeiros registros de mortes foi em 1952, em que Bibiano Pedroso e José Cearense foram encontrados mortos a flechadas em terras Rikbaktsa (DORNSTAUDER, 1975, p. 75). A invasão dos seringueiros nas terras indígenas trouxe tristeza e morte para as aldeias, pois os Rikbaktsa eram obrigados a deixar suas terras ou morrerem por elas:

A invasão do alheio sempre é uma forma de violência, pior se chega a eliminar vidas humanas e, mais inaceitável ainda, quando provoca o etnocídio. E foi violenta e bárbara a forma como as firmas seringalistas investiram contra os Rikbaktsa em seus corpos e no seu território tradicional (PACINI, 2015, p. 243).

Diante do conflito entre seringueiros e indígenas, os Rikbaktsa precisavam se proteger. Por isso na organização social Rikbaktsa, havia indígenas designados para atacar os inimigos, e eles eram vistos com respeito e admiração nas aldeias, eram chamados de *matadores de inimigos*, e protegiam o povo e seus territórios por meio da violência física e o uso de feitiços (veneno) (PACINI, 1999). Os indígenas usavam a violência como meio de proteção, e diante desta situação, os conflitos eram intensificados: os indígenas invadiam os seringais para atacar e expulsar os seringueiros, em contrapartida, os seringueiros invadiam as aldeias, abusavam sexualmente das mulheres, matavam e massacravam os indígenas pela conquista do território. Além disso, várias empresas de povoação, sobretudo do sul do país, estavam

se deslocando para o Estado de Mato Grosso com o objetivo de povoar as terras habitadas pelos indígenas, sem se importar com a situação das etnias que moravam nestas terras mato-grossenses, pois visavam apenas o lucro.

Neste contexto, entre 1956 e 1962, foi desenvolvido o projeto missionário de *pacificação*, instituído pela Missão Anchieta, doravante (MIA), cujo responsável era o Pe. João Evangelista Dornstauder. A *pacificação* era vista como uma missão religiosa que envolvia uma tarefa social e humanitária (DORNSTAUDER, 1975). Neste projeto foram realizadas 90 expedições, que estão relatadas em documentos e diários registrados pelo pacificador, reunidos e analisados na dissertação de Aloir Pacini: *Pacificar - Relações interétnicas e territorialização dos Rikbaktsa* (1999).

Nos primeiros anos de contato, o Pe. João viajava com os próprios Rikbaktsa, conhecendo outras aldeias; recolhendo doentes e crianças órfãs, sobreviventes das epidemias que acabavam com aldeias inteiras; e propagando a ideia do não ataque aos seringueiros, levando a mensagem da *pacificação*: “canoeiro bom, seringueiro bom” (ATHILA, 2006, p. 121). Além de Dornstauder, o comerciante alemão Fritz Tolksdorf, também contribuiu para a pacificação e era responsável por alguns Postos de Assistência Indígena (PAIs) (idem). Os PAIs eram postos que auxiliavam os indígenas em suas necessidades particulares como distribuição de alimentos, remédios e assistência aos que precisavam.

Durante a pacificação, os Rikbaktsa negociavam com os não-indígenas, principalmente para adquirir facões e machados, por isso visitavam os seringais, mas frequentemente eram recebidos com disparos pelos seringueiros que queriam vingar a morte de seus companheiros (DORNSTAUDER, 1975). Apesar de todas as iniciativas de pacificar indígenas e não-indígenas, a miséria e os crimes eram constantes nos seringais, assim como a morte de indígenas e os ataques às malocas<sup>3</sup> Rikbaktsa (idem). Nas aldeias Rikbaktsa existiam as casas (*wahorotsa*<sup>4</sup>) e a *patamy*<sup>5</sup>, que foi identificada

---

<sup>3</sup> De acordo com Pacini (1999, p. 19) “a categoria nativa “maloca”, encontrada nos textos do SPI e no contexto da pacificação Rikbaktsa, diz respeito aos locais de moradia tradicionais com uma ou mais unidades residenciais que acolhiam um ou mais núcleos familiares, chamadas “casas das famílias”. (...) Assim demarco algumasdiferenças entre a constituição dos locais de moradia dos Rikbaktsa antes e após a influência dos Postos de pacificação. Chamo “aldeia” aos locais de moradia Rikbaktsa que se constituíram após 1965 e chamo de “maloca” aos 52 locais de moradia encontrados pelo Pe. Dornstauder, dos quais 15 estavam ativos em 1962”.

<sup>4</sup> *Wahoro*: casa; *tsa*: marca de plural; Tradução: casas em rikbaktsa.

<sup>5</sup> Tradução: casa ritual em rikbaktsa.

por Adalberto Holanda Pereira (1994) como uma casa ritual que representa um local sagrado para os Rikbaktsa.

Uma das grandes consequências dos conflitos interétnicos foi o grande número de crianças órfãs de várias etnias. Diante desta situação, foi criado em 1945 o Posto Missionário Utiariti no município de Diamantino-MT, internato onde as crianças eram levadas e cuidadas pelos jesuítas (PIRES, 2009). O Internato Utiariti

Atendia as crianças (Paresí, Nambikwara, Irantxe, Apiaká, Kayabí, Rikbaktsa, Cinta Larga, Xavante e filhos de seringueiros), mas tratava dos Rikbaktsa e outros índios adultos que costumavam ir a Utiariti visitar seus parentes e tratar da saúde. Pelo isolamento e as precárias condições das estradas era considerada uma ‘ilha de civilização’ ou um ‘oásis’ no cerrado (PACINI, 1999, p. 32).

Haviam aproximadamente 1000 órfãs indígenas no Utiariti e eram obrigados a aprender e se comunicar apenas em português, sendo castigados quando falavam suas línguas nativas (PACINI, 1999).

Os castigos físicos parecem ter sido frequentes e corriqueiros, a disciplina era mantida "a ferro e fogo". Os "pequenos", até mais ou menos 10 anos, ficavam sob o cuidado das irmãs. Dizem que apanhavam delas duro e com frequência com varas, na batata da perna. Ao passarem para outro grupo de idade, eram cuidados pelos "mestres" e as surras eram piores (ARRUDA, 1992, p. 134).

Os jesuítas educavam as crianças indígenas para que fossem *cristãos civilizados*, no internato os indígenas de diversas etnias recebiam aulas de português, matemática, geografia, história, religião e outras disciplinas. Além disso, eram educados para serem trabalhadores regionais, as meninas aprendiam tricô, culinária, corte e costura; e os meninos desenvolviam técnicas de carpintaria, pecuária, mecânica e apicultura (ARRUDA, 1992). Segundo Pacini (1999, p. 17), o processo de *pacificação* Rikbaktsa aconteceu em três fases: primeiramente, o objetivo era atraí-los para “amansá-los”, depois “impor” a educação através dos PAIs, a fim de transformá-los em “semi-selvagens” e, por fim, introduzi-los ao mundo do trabalho, como mão de obra barata, qualificando os indígenas pelas técnicas agrícolas e industriais. Pacini (idem) considera “essas fases (...) como partes do processo de pacificação, foram conduzidas pelos missionários e outros que atuaram junto aos Rikbaktsa. Em geral, para civilizar e catequizar os índios, agiam com paternalismo”.

O internato também propiciou a relação de casamentos interétnicos e formador de uma geração criada com outros parâmetros: muitos foram batizados e casados conforme o cerimonial católico, e com o passar do tempo, alguns indígenas até esqueceram a sua língua nativa. Em 1968, o internato fechou e as crianças voltaram para suas aldeias. Os jovens Rikbaktsa encontraram dificuldade em se adaptar e chegaram a criar uma aldeia separada chamada Indianópolis (PACINI, 1999).

As causas das doenças e mortes podem ser explicadas pela invasão e a guerra sem controle provocadas pelos seringueiros. Contudo os missionários tornaram-se porta-vozes não somente do cristianismo, mas também da civilização ocidental, com a qual estavam identificados, e acabaram sendo transmissores do capitalismo, individualismo, doenças, etc., embora fossem para junto dos Rikbaktsa para estabelecerem relações de paz. As muitas mortes decorrentes das relações com ambos foi um fato, mas o que distinguiu os missionários dos seringueiros foi o trabalho intenso de atendimento à saúde e a preocupação primeira pelo salvamento físico dos Rikbaktsa (PACINI, 2015, p. 61).

Na década de 60, depois de muitas expedições, trocas de mercadorias, epidemias e mortes, os Rikbaktsa passaram a conviver de maneira mais amena com os não indígenas. Nesta época, a Missão Luterana criou o PAI Escondido, em que o Pe. Tolksdorf organizava as aulas de carpintaria, mecânica e apicultura para os homens indígenas Rikbaktsa e as mulheres recebiam treinamento das enfermeiras. Posteriormente, foi criada uma cooperativa que ajudava na venda dos artefatos e artesanatos confeccionados pelos Rikbaktsa (PIRES, 2009). Em 1967, foi criado a Fundação Nacional do Índio (FUNAI) para demarcar legalmente as terras indígenas no Brasil (ARRUDA, 1992). Na década de 70 e 80, com a ampliação da mineração e da agropecuária, o processo de ocupação da região Noroeste do Mato Grosso foi acelerada, houve a abertura de novas estradas, o asfaltamento da BR 364 e a criação de novos núcleos de colonização (idem). Este contato entre indígenas e não-indígenas trouxeram sérias consequências ao povo Rikbaktsa. Na década de 90, as avaliações do CIMI sobre as causas das mortes Rikbaktsa foi de 30% atribuídas à "malária e outras doenças", 50% a 'acidentes', 10% ao 'veneno' (quando o doente se sente enfeitado) e 10% a 'causa desconhecida' (ATHILA, 2006, p. 132).

Uma figura importante que conviveu com este povo durante 48 anos foi o padre Balduíno Loebens, que era membro da Pastoral da Saúde, e possuía uma relação direta



hectares de mata amazônica de acordo com o Instituto Socioambiental (ISA, 2014). No site do ISA (2014) consta que a TI Japuira possui cerca de 154.843 ha e uma população de 215 Rikbaktsa. A TI Erikpaktsa tem uma população de 676 Rikbaktsa, em cerca de 80 ha de mata amazônica. A TI Escondido, por sua vez, possui 169.649 ha e 45 Rikbaktsa (idem).

Nos anos de conflito e dos primeiros contatos interétnicos, o Governo facilmente arrendava grandes porções de terra aos produtores rurais, madeireiros e principalmente para os seringueiros, sem a preocupação se eram territórios habitados por indígenas, pois o principal objetivo era a colonização de Mato Grosso e a exploração, o que restava para os povos ameríndios era a expulsão de suas terras ou o extermínio. Os interessados sobrevoavam a área, caso o comprador manifestasse interesse, assegurava-se a venda através de qualquer quantia considerada como uma entrada. Estes lotes eram limitados a 10.000 hectares, mas podiam alcançar de 100 ou 200 mil (ATHILA, 2006).

### 1.1.2 O cotidiano dos Rikbaktsa

Apresenta-se a seguir alguns aspectos gerais da etnia Rikbaktsa, relacionado à alimentação, distribuição de tarefas e festas tradicionais. A população Rikbaktsa é dividida em duas metades: Arara Amarela (*Makwaraktsa*) e Arara Cabeçuda (*Hazobiktsa*), além de outras subdivisões em clãs<sup>9</sup>. Esta divisão inclui elementos da flora e fauna, assim como não-humanos (ARRUDA, 1992). Cada metade possui a divisão dos seguintes clãs:

Metade MAKWARAKTSA (arara amarela):

- Makwaraktsa (arara amarela, "puro" amarela, como dizem).
- Tsikbaktsa (arara vermelha).
- Bitsitsiyktsa (fruta silvestre).
- Mubaiknytsitsa (referido ao macaco aranha, quat).
- Zoktsa ("pau torcido", refere-se a um tipo de árvore).
- Zuruktsa (animal feroz, mítico, aparentado à onça - parini - que hoje não existe mais)
- Wohorektsa (uma certa árvore).

<sup>9</sup>De acordo com Hahn (1976, p. 96 apud PACINI, 1999, p. 14-15) “os nomes dos clãs seriam não mais que nomes de famílias – patrônimos, nos quais nem todas as relações genealógicas são calculáveis. Isto certamente não esclarece a associação entre os membros de clãs e os animais ou plantas aos quais os nomes dos clãs se referem. Também não esclarece como os clãs se relacionam ideologicamente e de fato”.

Metade HAZOBIKTSA (arara cabeçuda):

- Hazobiktsa (arara cabeçuda).
- Umahatsaktsa (figueira).
- Tsuãratsa (macuquinho).
- Tsawaratsa (inajá).
- Bitsiktsa (tucano).
- Buroktsa ( árvore, "pau leiteiro").
- Zerohopyrytsa (jenipapo) (ATHILA, 2006, p. 178).

A caça é típica dos homens e tudo que conseguem durante a caçada é levado para suas esposas que são responsáveis pelo preparo e a distribuição para a família do caçador e para a casa dos homens, o *mykyry*. Conhecido como um tipo de casa tradicional, o *mykyry* é feita de palha de vários coqueiros como o babaçu, inajá e açai, e as paredes são feitas de lasca destes coqueiros. As mulheres são proibidas de frequentar o *mykyry*, ou seja, apenas os homens podem utilizá-la, pois é neste local que eles trabalham, confeccionam seus artesanatos, arcos e flechas, entre outros tipos de trabalhos (idem).

Os Rikbaktsa comem peixe e apreciam as aves, tais como: gavião de penacho, araras, papagaios, macuco, marreco, entre outras, e também aproveitam as asas para a confecção dos artesanatos. A coleta de castanhas-do-pará geralmente é realizada pelas mulheres, que fazem mingau, bolo, pães e óleo para fritura. O mel também é muito consumido pelos Rikbaktsa, utilizado para adoçar os alimentos, principalmente as Chichas, tipo de bebida fermentada com banana, milho, batatas ou cará (ibdem).

Existe um ritual na etnia Rikbaktsa conhecido como *ritual da chegada*, quando um indígena ou não-indígena chega na aldeia é oferecido chicha e comida para ele, sendo uma forma de acolhida, pois compartilhar o alimento é um gesto de respeito pelo outro, o anfitrião oferece ao visitante uma das coisas mais valiosas para os Rikbaktsa: a sua própria comida (PACINI, 2015).

Há dois fenômenos naturais da região mato-grossense: a seca e a chuva. Nestes períodos distintos os Rikbaktsa realizam várias tarefas, como por exemplo, na seca (período que vai de maio a outubro) é o momento em que as chuvas são reduzidas, e os indígenas procuram lumas e haste para confeccionar suas flechas. Além disso, eles aproveitam a seca para realizar a derrubada da mata para o plantio, e durante este período promovem pequenas festas. Na época da chuva (que compreende novembro a maio) fazem o plantio das roças que pertencem a determinados grupos familiares.

Geralmente plantam batatas, mandiocas, milho, bananas, frutas cítricas e algodão para tecer as redes. Em ambas as épocas (seca e chuva), os indígenas gostam de caçar e pescar.

Em comemoração ao período da festa da época (seca ou chuva), os participantes tocam um instrumento musical conhecido como flauta. A flauta pequena é usada nas festas do período da seca, e as flautas grandes no período da chuva. As flautas são instrumentos musicais típicos dos Rikbaktsa, apenas os homens do clã da Arara Cabeçuda podem confeccioná-las. De acordo com cada clã, os participantes fazem as pinturas corporais, e levam seus artesanatos para usar durante a comemoração. Quando os Rikbaktsa se reúnem nas festas eles comemoram a solidariedade entre os clãs e as metades, numa espécie de reunião fraterna entre os indígenas. O ritual da lamentação é típico desta etnia, eles marcam a morte de um ente querido com vários ritos durante dias, em que o corpo fica no caixão e recebe dos seus parentes artesanatos e comidas, pois os Rikbaktsa acreditam que há vida após a morte (ATHILA, 2006).

Os pajés são importantes para os Rikbaktsa, orientam o povo e possuem muito conhecimento, sobretudo dos rituais e das ervas medicinais, eles são curandeiros e se comunicam com os espíritos e deuses para ajudar o povo e conservar suas tradições (PEREIRA, 2015). No ano de 2014 um grande ancião do povo Rikbaktsa faleceu, Geraldino Patamy. Em comunicação pessoal os indígenas relatam que ficaram dias velando o corpo de Geraldino e realizando o ritual da lamentação, junto com seu caixão foram deixados alguns artesanatos, produzidos por ele mesmo. Os Rikbaktsa relatam que Geraldino era tão respeitado que seu batoque na orelha era o maior entre todos os mais velhos, pois além de promover a preservação dos costumes Rikbaktsa, sempre organizava as festas e ensinava as tradições aos mais jovens.

## **1.2 Os Rikbaktsa: pesquisas preexistentes sobre o povo/língua**

No que se refere às pesquisas antropológicas sobre os Rikbaktsa, Pereira (1973) em seu trabalho *Os espíritos maus dos Nambikuara e quinze lendas dos Rikbaktsa*, relata o pensamento mitológico dos Nambikuara, e no final do trabalho descreve quinze lendas dos Rikbaktsa, tal como a lenda do Gavião Real e os principais pensamentos mitológicos dos Rikbaktsa. O mesmo autor escreveu também: *O Pensamento Mítico do Rikbaktsa* (1994), em que propôs uma descrição e análise dos mitos Rikbaktsa, e como

é a visão de mundo deste povo com relação ao pensamento mítico. Entre os mitos relatados destacamos aquele em que os Rikbaktsa contam que são descendentes do bicho-preguiça, nas narrativas o animal é considerado o avô dos Rikbaktsa, que negou dividir as frutas de uma árvore com seus amigos e por isso perdeu o seu rabo e das misturas de diversos seres e do sangue que saía de seu rabo originou-se os Rikbaktsa.

Dornstauder (1975) escreveu um trabalho de documentação e registro da época da pacificação Rikbaktsa, *Como pacifiquei os Rikbaktsa*, em que relata todas as expedições e os primeiros contatos durante os anos da pacificação.

Há outras pesquisas antropológicas, que também merecem nossa atenção, como por exemplo a dissertação de Aloir Pacini, *Pacificar-relações interétnicas e territorialização dos Rikbaktsa* (1999), que descreve o processo de pacificação dos Rikbaktsa. O livro do mesmo autor: *Um artífice da paz entre seringueiros e índios* (2015), que relata a ação do missionário Pe. Dornstauder com os indígenas da região Noroeste de Mato Grosso e com os seringueiros durante o período de 1945 a 1968, apresentando as relações de conflito e aliança que eram estabelecidas nas terras indígenas.

Arruda (1992) em sua Tese: *Os Rikbaktsa: mudança e tradição*, buscou descrever e analisar as reordenações socioculturais no interior da sociedade Rikbaktsa, em decorrência dos processos de contato entre os indígenas e a sociedade brasileira.

Athila (2006) tratou em sua Tese: *“Arriscando corpos” Permeabilidade, alteridade e as formas da socialidade entre os Rikbaktsa (Macro Jê) do Sudoeste Amazônico*, sobre a composição do mundo do *socius* e *cosmos* Rikbaktsa, explicando etnograficamente a socialidade e a cosmologia Rikbaktsa.

Pires (2009) em sua Tese: *Rikbaktsa: um estudo de Parentesco e Organização Social*, por meio de um levantamento e organização do material bibliográfico sobre os indígenas Rikbaktsa analisou as relações de organização do complexo sistema de parentesco dos Rikbaktsa.

Almeida (2012) em seu trabalho monográfico, na área do Direito Territorial, intitulado: *Direito Territorial do Povo Indígena Rikbaktsa*, trouxe um panorama sobre a demarcação das terras indígenas Rikbaktsa registradas em Alvarás e Cartas Régias, assegurados na Constituição Federal e em Leis Internacionais.

Há uma recente monografia de Pereira (2015), *Juína, a Rainha da Floresta: uma história sob o olhar Rikbaktsa*, que buscou mostrar a história do município de

Juína-MT narrada pelos Rikbaktsa. Além disso, este trabalho traz as atuais ameaças que o povo vem sofrendo, como por exemplo a expansão do agronegócio e a construção de Pequenas Centrais Hidrelétricas (PCHs) ao longo do rio Juruena, próximo às aldeias.

No que se refere às pesquisas linguísticas preexistentes, tem-se que os primeiros estudos sobre a língua do povo Rikbaktsa foram realizados por Odilon Pedro Lunkes, missionário católico da ordem franciscana, que escreveu a dissertação de mestrado *Estudo fonológico da língua Rikbaktsa* (1967), na qual traz os primeiros estudos da fonologia da língua rikbaktsa, propondo a fonêmica e o sistema fonológico da língua estudada.

A dissertação de Joan Boswood, missionária do SIL, intitulada *Phonology and morphology of Rikbaktsa and a tentative comparison with Languages of the Tupi and Jê families* (1971), traz os primeiros estudos fonológicos e morfológicos da língua rikbaktsa. Há, também, outros trabalhos da mesma autora: *Evidências para a Inclusão do Aripaktsa no Filo Macro-Jê* (1973), *Citações no Discurso Narrativo da Língua Rikbaktsa* (1974a), *Algumas funções de participante nas orações Rikbaktsa* (1974b), e outro trabalho intitulado: *Quer falar a língua dos canoeiros? Rikbaktsa em 26 lições* (1978), que propõe em 26 lições um curso introdutório aos estudos da língua rikbaktsa, em que abrange aspectos da fonética, expressões úteis, frases locativas, casos de posse, verbos, frases temporais, afixos, sentenças complexas, entre outras especificações que visam facilitar os estudos sobre a língua rikbaktsa.

A pesquisadora do SIL, Sheila Tremaine, também publicou um *Dicionário Rikbaktsa – Português, Português – Rikbaktsa* (2007), sendo que algumas características deste dicionário é o uso de verbetes em ordem alfabética, os verbos são organizados pela raiz e os substantivos são classificados em possuídos e não-possuídos, além de vocábulos e expressões.

A dissertação de Alexandre Tunis Pioli, *Duas abordagens para a formação de sintagmas fonológicos em Rikbaktsa* (2010-UNICAMP), analisou a formação de sintagmas fonológicos na língua rikbaktsa, a partir da Teoria da Otimalidade e de aspectos da fonologia baseado em regras.

Léia de Jesus Silva escreveu a relevante dissertação *Aspectos da Fonologia e Morfologia na Língua Rikbaktsa* (2005- Unb). Neste trabalho a pesquisadora apresentou um reexame da fonologia segmental e da flexão nominal e verbal da língua rikbaktsa, considerando as pesquisas anteriores de Lunkes (1967) e de Boswood (1971;

1978). No que respeita à fonologia, a autora destaca o contraste entre os fonemas flap e tap e o “espraiamento da nasalidade para os segmentos contíguos ao nasal ou para toda a palavra, quando esta é formada por vogais e por glides” (SILVA, 2005, p. 85), constatando que estes sons não representam barreiras para a nasalidade. Em relação à morfologia, Silva (idem) afirma que há nos nomes flexão de posse, número e gênero. Os verbos, por sua vez, independente do tempo e da transitividade, apresentam flexão de primeira pessoa do plural que é igual a segunda pessoa, assim como, no tempo não-passado, a primeira pessoa do singular nos verbos, é igual a terceira do plural. Além disso, “o alinhamento morfológico básico é nominativo/acusativo, apesar de que no tempo passado, a pessoa e número do objeto motivam ora um alinhamento nominativo/acusativo, ora um alinhamento tripartido” (SILVA, 2005, p. 85).

Léia de Jesus Silva também publicou a mais recente Tese, *Morphosyntaxe du Rikbaktsa (Amazonie brésilienne)* (2011a). Neste trabalho, a partir da perspectiva teórica da linguística funcional-tipológica, a autora analisou a morfossintaxe da língua rikbaktsa, apresentando um resumo das propriedades morfossintáticas e, por fim, as características tipológicas da língua rikbaktsa. De acordo com Silva (idem, p. 366), o nome “compartilha uma série de identificadores pessoais com o verbo, mas também com posições”; “(...) os verbos são morfologicamente mais complexos que os nomes”; e há “poucos mecanismos formais para alterar a valência de verbos” (ibidem, p. 367). Estes são alguns aspectos importantes pesquisados por Silva (2011a) e que contribuíram significativamente para os estudos da gramática da língua rikbaktsa.

### 1.2.1 O tronco linguístico macro-jê

No Brasil há dois troncos linguísticos: O tupi e o macro-jê. Existe grande diversidade entre as línguas indígenas do Brasil, principalmente aquelas que podem se classificar em conjuntos de origem comum mais próxima ou mais remota (RODRIGUES, 2001). Segundo Pires (2009, p. 48), um dos primeiros etnólogos a se interessar pela língua dos grupos jê foi Curt Nimuendajú<sup>10</sup>, chegado ao país em 1903.

---

<sup>10</sup>Nimuendajú (1883-1945) é um alemão que, em 1905, embrenhou-se em território indígena, nas matas pouco exploradas do oeste do Estado de São Paulo. Seu primeiro trabalho etnográfico é “Os mitos de criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapokuva Guarani”, além de ter deixado, ainda, um grande número de manuscritos inéditos. Fonte: Disponível em: <http://www.curtnimuendaju.com/node/62>. Acesso em: 26, Out. 2014.

A partir dos trabalhos de Boswood (1971), intitulado *Phonology and morphology of Rikbaktsa and a tentative comparison with languages of the Tupi and Jê families* e de Rodrigues (1994), *Línguas Brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*, a língua rikbaktsa foi classificada como pertencente ao tronco linguístico macro-jê.

Segundo Rodrigues (1994), o macro-jê abrange doze famílias e tem uma peculiaridade hipotética, devido ao seu descobrimento recente e poucas pesquisas relacionadas ao mesmo. O estudo das línguas indígenas é de fundamental importância para a expansão dos estudos etnolinguísticos acerca da preservação e conhecimento das línguas indígenas vigentes em nosso país. Para Rodrigues (1994, p. 47), o maior constituinte do tronco macro-jê é a família jê. O macro-jê tem:

[...] línguas distribuídas desde o Maranhão até o Rio Grande do Sul, a Aruak no oeste e no leste da Amazônia, em Mato Grosso e em Mato Grosso do Sul, e a Karíb ao norte do rio Amazonas, nos estados do Amazonas, Roraima, Pará e Amapá, mas com algumas línguas ao longo do Xingu, nos estados do Pará e Mato Grosso (RODRIGUES, 1994, p. 47).

Entretanto, há algumas línguas que deixaram de ser faladas, como da família kamakã (kamakã, mongoyó, kotoxó, meniên), da família purí (coroado, purí, koropó) e todas as línguas da família karirí. Recente trabalho de Moore, Galucio e Gabas Júnior (2014, p. 37-38) afirma que “[...] idiomas considerados diferentes, às vezes, são, de fato, dialetos de uma mesma língua,” por isso a dificuldade em documentá-los. Embora se considere a existência de 180 línguas indígenas brasileiras, a soma dificilmente ultrapassa 150, pelo critério de inteligibilidade mútua, em que se observa que “[...] línguas novas aparecem em grupos constatados pela primeira vez, ou pela descoberta de falantes de línguas consideradas extintas” (idem, p. 38). Em síntese, não podemos confundir o número de falantes e a população, pois muitas vezes são poucos os que compreendem e falam a língua nativa. O futuro de uma língua depende da transmissão às gerações subsequentes.

Abaixo, o quadro dos autores sobre as línguas pertencentes ao tronco macro-jê:

*Quadro (1): Línguas pertencentes ao tronco linguístico macro-jê*

TRONCO MACRO-JÊ			
Unidade Linguística	Dialetos, Grupos	Nº de falantes	População
Família Boróro			
<b>Boróro</b>			1.024
Família Guató			
<b>Guató</b>		5 (40)	372
Família Jabutí			
<b>Djeoromitxí (Jabutí)</b>		30 (?)	123
<b>Arikapú</b>		2	19
Família Jê			
<b>Akwén</b>	Xakriabà	?	7.665
	Xavánte	Maioria	9.602
	Xerénte	Maioria	1.814
<b>Apinayé</b>			1.262
<b>Kaingáng</b>	Kaingáng do Paraná Kaingáng Central Kaingáng do Sudoeste		25.000 total
<b>Kayapó (Mebengokre)</b>	Gorotire Kararaô Kokraimoro Kubenkrankegn Menkrangnoti Mentuktíre (Txukahamãe) Xikrin	7.096 total	
<b>Panará (Kren-akore, Kren-akarore)</b>		Todos	202
<b>Suyá (Kisêdje)</b>	Suyá Tapayúna (Beijo-de-Pau)	Todos 58	334 ?
<b>Timbira</b>	Canela Apaniekra		458
	Canela		1.337
	Ramkokamekra		338
	Gavião do Pará (Parkateyé)		473
	Gavião do Maranhão (Pukoblyé)		1.900
	Krahô		682
	Krikatí (krinkatí)		
<b>Xokleng</b>			757
Família Karajá			
<b>Karajá</b>	Javaé	Maioria	
	Karajá	1.860	919
	Xambioá	5	2.500
			185
Família Krenák			

<b>Krenák</b>		8?	150
<b>Família Maxakalí</b>			
<b>Maxakalí</b>		Maioria?	802
<b>Família Ofayé</b>			
<b>Ofayé (Opayé, Ofayé-Xavante)</b>		10	56
<b>Família Rikbaktsá</b>			
<b>Rikbaktsá (Erikpaksá)</b>		Med?	909
<b>Família Yathê</b>			
<b>Yathê (latê, Fulniô, Carnijó)</b>		Maioria?	2.930

Fonte: Moore; Galucio; Gabas Júnior (2014, p. 38)

Rodrigues (1994) em seu livro *Línguas Brasileiras: Para o conhecimento das línguas indígenas* relata que as famílias do tronco macro-jê possuem algumas características gramaticais comuns. Para o referido autor

[...] todas elas exprimem a relação entre um objeto e seu possuidor por meio de elementos gramaticais antepostos ao nome do objeto. Esses elementos são em regra prefixos (partes dos nomes) (...). A maioria das línguas do tronco Macro-Jê distingue duas terceiras pessoas possuidoras, além da primeira (“meu”) e da segunda (“teu”). Uma terceira pessoa é não reflexiva (dele) e a outra é reflexiva (dele mesmo) (como nas frases “João machucou a mão dele (isto é, de José)” e “João machucou a mão dele mesmo (isto é, do próprio João)” (RODRIGUES, 1994, p. 54).

Depois dessa breve apresentação sobre a classificação linguística dos Rikbaktsa e algumas informações sobre o tronco linguístico macro-jê, no tópico seguinte apresentamos os procedimentos metodológicos utilizados em nossa pesquisa.

### 1.3 Procedimentos metodológicos da pesquisa

Para Schlieben-Lange (1993), *saber sobre a língua*, refere-se aquilo que o falante reconhece como sua língua nativa e aquilo que é diferente, ou seja, a “outra” língua em uma relação de contato linguístico. Para atingirmos tal propósito, o primeiro tema: *Atitudes linguísticas: saber sobre a língua*, analisa as respostas das perguntas sobre como se chama a (s) língua (s) que o colaborador fala; com quem o entrevistado aprendeu a falar rikbaktsa; hoje, qual a língua utilizada para se comunicar com os pais e avós, assim como com a família, no trabalho, na vizinhança (aldeia), na escola e nos

rituais religiosos; qual a língua usada em casa na interação entre marido/mulher, pais/filhos, na aldeia entre amigos (adultos) e amigos (crianças), na escola entre colegas e professor/aluno, nos rituais religiosos entre pastor ou padre/indígenas, e no trabalho entre colegas de trabalho; quais etnias frequentam a aldeia e qual a língua utilizada para se comunicar; quando os colaboradores vão para a cidade de Juína, qual a língua falada com os pais, irmãos/irmãs, professor (a), vizinho (a) e indígenas de outras etnias; se há algum lugar na cidade de Juína em que o entrevistado pode usar apenas a língua rikbaktsa.

O *discurso público sobre a língua*, diz respeito ao falar que retoma outros falares do mundo, ou seja, falamos outros discursos que já foram ditos em outro momento. Diante desta definição, no segundo tema: *Atitudes linguísticas: discurso público sobre a língua*, analisamos qual a língua que os entrevistados preferem usar para escrever, qual acham *mais bonita, feia, fácil, difícil*, gostam mais de falar, falam mais no dia a dia; se há Rikbaktsa que rejeitam a própria língua; se sentem *vergonha* de falar a língua nativa; se os colaboradores acham importante que seus filhos aprendam rikbaktsa; se eles acham que a língua rikbaktsa esta desaparecendo e se há algum trabalho de preservação da língua rikbaktsa na aldeia.

Estes temas nos subsidiaram para uma melhor explanação dos dados coletados, assim como uma maneira de explicar com mais clareza as análises através do agrupamento das perguntas nos temas correlatos. Para alcançarmos tal propósito, utilizamos a técnica de coleta de dados que envolve a observação e compreensão seletiva por parte do investigador, razão pela qual utilizamos a Técnica de Elicitação, por meio de um Questionário. A escolha de um questionário guia como instrumento de pesquisa nos possibilitou comparar um conjunto de respostas e analisar, sobretudo, as atitudes linguísticas dos indígenas, de acordo com a geração pertencente.

Elaboramos uma ficha pessoal com dados dos colaboradores, em seguida, aplicamos um questionário fechado com 26 perguntas sobre o contato linguístico (rikbaktsa/português), as possíveis situações de interação que acontecem nos cinco domínios linguísticos sugeridos por Fishman (1995): Domínio familiar, religioso, vizinhança (aldeia), escolar e trabalho. Além disso, buscamos descrever o uso da língua rikbaktsa e do português no dia a dia.

Este trabalho limitou-se à coleta entre moradores das aldeias: Primavera, Cerejeira, Pé de Mutum, Aldeia Velha, Barranco Vermelho e Jatobá. Entretanto,

enfaticamente que a coleta de dados foi realizada no município de Juína - MT, nos momentos em que os indígenas saem de suas aldeias e vão para a cidade.

Entrevistamos 18 colaboradores indígenas Rikbaktsa seguindo uma prévia estratificação que leva em conta três distintas gerações (de faixa etária também distinta). Das três gerações, o grupo da 1ª geração contempla indígenas acima de 56 anos; a 2ª geração é composta pelos colaboradores entre 26 e 55 anos; e a 3ª geração na faixa etária entre 14 e 25 anos<sup>11</sup>. De acordo com os dados esboçados, organizamos o quadro abaixo:

*Quadro (02): Estratificação dos colaboradores*

<b>Origem</b>	<b>Identificação do colaborador</b>					
1ª geração: acima de 56 anos	1.1	1.2	1.3	1.4	1.5	1.6
2ª geração: 26-55 anos	2.7	2.8	2.9	2.10	2.11	2.12
3ª geração: 14-25 anos	3.13	3.14	3.15	3.16	3.17	3.18
				Total: 18 colaboradores		

Para compreensão das análises nos referimos aos colaboradores como 1.1, 1.2, etc., sendo que o primeiro número se refere à geração pertencente e o segundo refere-se ao número do colaborador. Como por exemplo, o entrevistado 2.9 se refere a um indígena da segunda geração e o nono colaborador, enquanto a 3.18 trata-se do grupo da terceira geração e décimo oitavo entrevistado.

O nosso quadro de colaboradores corresponde a 18 indígenas, pois as atuais pesquisas sobre atitudes linguísticas sempre utilizam números reduzidos de entrevistados, pois esta metodologia de estudo visa um recorte das atitudes linguísticas dos Rikbaktsa a partir da situação de contato entre a língua rikbaktsa e o português.

<sup>11</sup> Todos os colaboradores assinaram o TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), assim como os menores de idade tiveram os TCLEs assinados pelos pais ou responsáveis. O Comitê de Ética da UNEMAT aprovou a execução da pesquisa.

Apesar de existirem poucos estudos relacionados às atitudes linguísticas, registramos aqui alguns trabalhos existentes, como de Mello (2011) intitulado *Atitudes linguísticas em uma comunidade bilíngue do sudoeste goiano*, que buscou analisar as atitudes de 12 adolescentes bilíngues (português/inglês,) filhos de casais americanos, canadenses ou interétnicos (norte-americanos e brasileiros) nascidos no Brasil, que residem em uma comunidade rural bilíngue na região sudoeste de Goiás.

O artigo *O preconceito linguístico na visão do indígena douradense* de Moreira e Tavares (2011), que entrevista 09 indígenas das etnias Kaiowá, Guarani e Terena da Reserva Indígena de Dourados-MS, com a idade entre 34 e 72 anos, do sexo masculino e feminino.

No artigo de Tavares e Santos (2012) intitulado *Crenças e atitudes linguísticas de indígenas de Dourados-MS*, os autores entrevistam 10 indígenas, residentes no município de Dourados-MS, com o objetivo de analisar as atitudes em relação às línguas que falam: português e guarani (ñandeva e kaiowá) e terena. As análises das respostas dadas pelos informantes revela que os indígenas reconhecem as diferenças existentes na língua Guarani, mas acreditam na unificação, pois na escola é ensinado a mesma língua aos estudantes que pertencem a etnias diferentes.

Corbari (2013) em sua Tese intitulada *Atitudes linguísticas: Um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste*, investigou as atitudes linguísticas manifestadas por falantes da cidade de Santo Antônio do Sudoeste-PR, na fronteira com a Argentina e Irati-PR, situada na região Sudeste do Estado; essas regiões são cenários sociolinguísticos complexos devido à localização de fronteira e os contextos de imigração. Foram selecionados 18 informantes do corpus coletado pelo *Projeto Crenças e atitudes linguísticas: um estudo da relação do português com línguas de contato* e as entrevistas foram realizadas por meio de um questionário com perguntas específicas para analisar as atitudes linguísticas em relação às línguas em contato e o português.

Além disso, há outros pesquisadores da UNEMAT que trouxeram significativas contribuições, como por exemplo o estudo de Gimenes-Moralis (2000): *Dialetos em contato: um estudo sobre atitudes Linguísticas*; o trabalho de Lima (2000): *Vila Bela da Santíssima Trindade-MT: Sua fala, seus cantos*. Bisinoto (2007) em sua dissertação *Atitudes sociolinguísticas: Efeitos do processo migratório* entrevistou 12 informantes nativos e 12 imigrantes com a aplicação de um questionário com 22 perguntas que

permitiram a autora analisar as opiniões dos entrevistados sobre o falar cacerense (característico da cidade de Cáceres-MT, onde foi realizada a pesquisa), sendo que a partir destas análises Bisinoto (2007) pode investigar as influências políticas nas atitudes linguísticas e que afetam a dinâmica sociopolítica da região.

O artigo de Valéria F. Cardoso (2014): *O Português de contato dos Kaiowá (guarani)* e a recente dissertação de mestrado escrita por Tereza M. Barbosa (2015): *Língua guajajara em contato: um estudo dos fenômenos linguísticos incididos pelo contato com o português*.

As pesquisas mencionadas possuem entre 09 e 18 entrevistados e foram desenvolvidos artigos, dissertações e até mesmo Teses com este número de falantes em comunidades maiores que os Rikbaktsa. Por isso nossa estratificação, visando um recorte da situação sociolinguística dos Rikbaktsa, contempla o objetivo deste trabalho de dissertação diante dos outros trabalhos já existentes realizados em comunidades maiores, sendo indígenas ou não.

## II APORTE TEÓRICO

Neste trabalho, buscamos analisar as atitudes linguísticas advindas do contato entre a língua rikbaktsa e o português. Para atingir tal propósito, o presente capítulo apresenta o aporte teórico de viés sociolinguístico, cujas correntes consideram a relação entre língua e sociedade. Destaca-se aqui a corrente da *Sociologia da linguagem* e suas respectivas áreas de investigação: *Sociologia Descritiva da linguagem* e *Sociologia Dinâmica*, assim como os *domínios linguísticos*, além das definições de bilinguismo individual e social, assim como, as atitudes linguísticas.

### 2.1 Sociolinguística e suas correntes

Toda a história da humanidade é embasada nas sociedades, as quais são possuidoras de um sistema de comunicação oral, por isso a importância da relação entre linguagem e sociedade para a análise dos fenômenos linguísticos. Em 1964, em Los Angeles, William Bright, um dos teóricos da Sociolinguística, realiza uma conferência com 25 pesquisadores da área e, no ano de 1966, publica as atas do evento (*Proceedings of the UCLA Sociolinguistics Conference*). Este encontro de 1964 marca o nascimento da Sociolinguística, corrente linguística que relaciona linguagem e sociedade, a fim de sistematizar a variação existente na linguagem, a partir de uma metodologia rigorosa (CALVET, 2002).

A língua é um sistema heterogêneo, lugar em que se entrecruzam e se correlacionam fatores intra e extralinguísticos, isto é, fatores tanto estruturais quanto sociais. Sob o aparato de uma metodologia matematicamente quantificada, é possível à Sociolinguística, por exemplo, definir uma situação de variação como algo estável numa comunidade, ou como uma mudança em fase de implementação, em processo, ou em fase de conclusão, ou ainda, como estereótipo linguístico com probabilidade de tornar-se uma mudança (MATOS e SILVA, 2002).

Em geral, sabe-se que a Sociolinguística analisa a fala de uma determinada comunidade e, para isso, seu modelo teórico-metodológico considera um grupo de pessoas que possuem traços linguísticos que distinguem o seu grupo dos demais e compartilham determinadas regras e atitudes no uso da linguagem (TARALLO, 2007).

No século XX, as contribuições no campo da Sociolinguística são consideráveis,

sendo que essa área é marcada por uma diversidade de estudos, correntes que ampliam o olhar sobre a relação entre linguagem e sociedade. Destacam-se:

- a Sociologia da Linguagem, representada por J. Fishman;
- a Sociolinguística Interacional, ligada ao nome de J. Gumperz;
- a Dialectologia Social, associada ao trabalho de estudiosos como R. Shuy e P. Trudgil;
- a Etnografia da Comunicação, inseparável do nome de D. Hymes (ALKMIM, 2007, p. 43).

Entre estas correntes sociolinguísticas, destacamos a *Sociologia da Linguagem*, corrente adotada neste trabalho, que trata do contato das línguas e como este fenômeno opera na sociedade. Nesta perspectiva, a *Sociologia da Linguagem* busca as regras sociais da conduta linguística, as atitudes relacionadas a língua de uma comunidade, e “determina os valores simbólicos das variedades linguísticas para seus falantes”<sup>12</sup> (FISHMAN, 1995, p. 38).

Fishman (1974) destaca o valor sociológico dessas pesquisas que analisa a relação da língua e da sociedade:

A sociologia da linguagem examina a interação entre esses dois aspectos do comportamento humano: o uso da língua e a organização social do comportamento. Em poucas palavras, a sociologia da linguagem focaliza toda a gama de tópicos relacionados com a organização social do comportamento linguístico, incluindo não só o uso da língua *per se* mas também atitudes linguísticas e comportamentos manifestos em relação à língua e aos seus usuários (FISHMAN, 1974, p. 25).

Ainda de acordo com o autor, a Sociologia da Linguagem é composta de duas partes: *Sociologia Descritiva da linguagem* (também chamada pelo autor como *Sociolinguística Descritiva*) e a *Sociologia Dinâmica da linguagem* (FISHMAN, 1974). A primeira, *Sociologia Descritiva da linguagem*, consiste em descrever a organização social do uso da língua em uma determinada comunidade, ou seja, estabelecer as normas e padrões do uso da língua, assim como as atitudes em relação à língua. A segunda parte mencionada por Fishman (idem, p.27) que compõem a Sociologia da Linguagem, refere-se à *Sociologia Dinâmica da linguagem*, que busca descrever e analisar os fatores que motivam as diferenças de mudanças na organização social do uso da língua e do comportamento em relação à língua.

---

<sup>12</sup> Do texto original: “determina los valores simbólicos de las variedades lingüísticas de los hablantes” (FISHMAN, 1995, p. 38). (Tradução nossa).

Para demonstrar a funcionalidade da Sociologia Descritiva da linguagem, Fishman (1974) afirma que os membros de uma mesma comunidade nem sempre utilizam a mesma língua e o mesmo comportamento em relação à língua em todos os momentos de interação social. Para ilustrar esta situação o autor traz o exemplo dos funcionários do Governo de Bruxelas, de origem flamenga, que falam fluentemente o francês e o holandês. Mesmo sabendo ambas as línguas, nem sempre eles conversam entre si apenas em holandês, ou apenas em francês, além disso, há alguns que falam o francês e holandês padrão ou com suas variedades regionais, sendo que esta diversidade de “variedades do francês e do holandês constituem o repertório linguístico” de determinadas comunidades de fala em Bruxelas (idem, p. 28). A função da Sociologia Descritiva da linguagem seria descrever quando os funcionários do Governo de Bruxelas utilizam o holandês e em que situações usam o francês, ou seja, descrever as normas e padrões do uso linguístico em uma comunidade linguística e demonstrar a sistematicidade da alternância de uma língua e outra, quando os membros de uma comunidade usam uma língua e quando usam outra, sendo que para isso, o seu ponto de partida consiste em determinar “quem fala qual variedade de qual língua, a quem, quando e sobre o que”<sup>13</sup> (FISHMAN, 1995, p. 36).

A Sociologia Dinâmica, por sua vez, procura explicar como e porquê duas comunidades de fala semelhantes podem ter organizações sociais diferentes do comportamento em relação à língua e ao uso linguístico. Fishman (1995) relata a situação dos imigrantes nos Estados Unidos, que em interação com os americanos de fala inglesa, aprenderam o inglês como segunda língua (L2)<sup>14</sup>, e o mesmo aconteceu com os franco-canadenses em alguns centros industriais, como por exemplo, em Montreal. Ambos aprenderam o inglês, passando por um processo de mudança do repertório linguístico, mas houve uma diferença: nos Estados Unidos os imigrantes perderam suas línguas maternas e aderiram ao inglês; enquanto que em Montreal cada nova geração é monolíngue em francês e depois aprenderam o inglês, sendo que o francês é sempre ensinado como L1<sup>15</sup> (primeira língua) e o inglês como L2. A função da

---

<sup>13</sup> Do texto original: “quién habla qué variedad de qué lengua, a quién, cuándo y sobre qué” (FISHMAN, 1995, p. 36). (Tradução nossa).

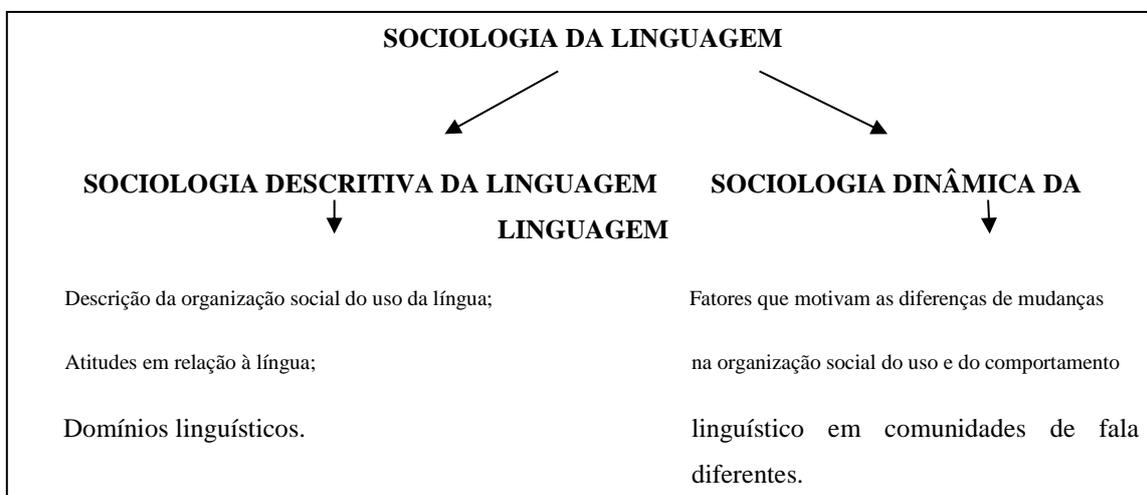
<sup>14</sup> Para Moreno Fernández (2010, p. 137) “Una lengua segunda es aquella que no es la lengua nativa de un país, pero que se usa ampliamente como lengua de comunicación (p.ej. en la educación y en la administración) y que suele usarse paralelamente a otra lengua o lenguas”.

<sup>15</sup> De acordo com Crystal (2000, p. 286) a L1 (primeira língua ou língua materna) é “aquela adquirida de maneira natural desde a infância”, geralmente aprendida no ambiente familiar.

Sociologia Dinâmica da linguagem é explicar os fatores que levaram a diferença dos resultados na aprendizagem do inglês entre as comunidades linguísticas dos Estados Unidos e de Montreal. Fishman (idem, p. 32) analisa que a diferença de aquisição do inglês como L1 e L2, para ambas as comunidades, parece estar relacionada com a capacidade de “diferenciação social funcional” dos franco-canadenses que mantiveram o francês como L1, enquanto que os imigrantes nos Estados Unidos não conseguiram.

Para melhor compreensão da Sociologia da linguagem, representada pelos estudos de Fishman (1971; 1974; 1995), elaboramos o esquema abaixo:

*Esquema (01): Definição da Sociologia da linguagem*



Quanto aos domínios linguísticos, na perspectiva de Appel e Muysken (1987, p. 23), que retomam Fishman (1971), tem-se que o ponto de partida da interlocução entre falantes bilíngues são quem fala o idioma, a quem e quando<sup>16</sup>. Para os autores, quando uma pessoa usa as duas línguas, ele não irá usá-las em todas as circunstâncias, em algumas situações ele usa uma e em outras, a outra. Há vários fatores envolvidos na escolha de um idioma, como a identificação de um grupo, a situação de interação e o tema da conversa. Para Appel e Muysken (idem), quando um falante bilíngue se expressa no seu idioma nativo, ele se identifica como pertencente a determinado grupo que detém daquela língua como uma identidade linguística. Assim como os indígenas, que possuem suas línguas nativas, sendo que este conhecimento é próprio de uma determinada etnia e a partir do momento que os membros deste grupo falam em suas

<sup>16</sup> Do texto original: “ The point of departure for Fishman (1971) was the question: who speaks what language to whom and when?” (APPEL; MUYSKEN, 1987, p. 23). (Tradução nossa).

línguas nativas, é uma maneira de identificar a sua identidade indígena, o seu pertencimento ao grupo étnico. A situação de interação é outro fator importante na escolha do idioma para falantes bilíngues, em que dependendo do local podem escolher a língua para um fim específico, sendo que, geralmente, nestes casos, a língua majoritária é usada nas dependências formais, pois todos compreendem, e a língua minoritária é utilizada no ambiente familiar. Além disso, o tema da conversa pode influenciar a escolha do idioma, os indivíduos de um grupo podem estar reunidos e se comunicar no idioma nativo se o tema da conversa for sobre suas tradições, seu povo e costumes, e podem, as mesmas pessoas, conversar na língua majoritária, se o tema da conversa for sobre outros assuntos atuais, como esporte ou política, por exemplo.

Pensar nas situações de interação dos falantes bilíngues pode ser algo muito complexo, pois são inúmeras situações que podem constituir o dia a dia de uma pessoa, pois a vida possui infinitas possibilidades de interação. Por esta razão, Fishman (1971) propõe uma ideia abstrata de situações de interação e características que possam analisar as interlocuções por meio de uma abstração sociológica, em que o uso linguístico e a sociedade estão relacionados (APPEL; MUYSKEN, 1987, p. 24).

Fishman (1974, p. 30) afirma que os membros nativos de uma comunidade linguística adquirem inconscientemente uma “competência comunicativa sociolinguística”, que se refere a normas apropriadas do uso da língua, sendo um comportamento linguístico que determina a utilização de uma língua em um determinado momento. Para Fishman (idem), existem classes de ocasiões que podem ser reconhecidas como pertencentes a mesma espécie:

Onde *precisamente se situam as fronteiras* que estabelecem a diferenciação entre uma *classe de situações*, que, em geral, exige uma variedade e uma outra classe de situações que, em geral, requer uma outra variedade, deve ser empiricamente determinado pelo investigador e constitui uma das principais tarefas da sociolinguística descritiva. Tais classes de situações são designadas pelo nome de *domínios* (FISHMAN, 1974, p. 30).

Nesta perspectiva, a Sociologia Descritiva da linguagem descreve os *domínios linguísticos*, que começaram a ser estudados por estudantes do Auslandsdeutsche na Primeira Guerra Mundial, em que os colonos alemães estavam em contato com diversas populações não-alemães que falavam vários tipos de línguas<sup>17</sup>, por isso, viu se a

---

<sup>17</sup> Do texto original: “The concept of domains of language behavior seems to have received its first partial

necessidade de se estabelecer os “*dominance configurations*” (SCHMIDT-ROHR, 1932 apud FISHMAN, 1971, p. 18), pois percebeu-se que o comportamento linguístico do falante mudava de acordo com o domínio em que ele estava, ou seja, o domínio familiar, escolar, religioso, etc.

Os domínios linguísticos referem-se às situações de bilinguismo em determinados lugares particulares, com fins comunicativos específicos, trata-se de uma determinada situação em que ocorre uma interação social específica, pois é importante pensar nas relações sociais decorrentes do uso e da escolha de uma língua em determinados domínios. Como por exemplo, a interação entre alunos e professores, pode se referir ao domínio escolar, enquanto que a interação social entre pais e filhos estaria relacionado ao domínio familiar.

Para Fishman (1971), existem cinco tipos de domínios principais: a família, o trabalho, a escola, a igreja e a rua (este último também pode ser entendido como vizinhança). Entretanto, os domínios linguísticos não estão relacionados somente ao local de interação, mas também ao uso de uma ou mais línguas em um contexto específico, a depender do local da interação; da função desta comunicação interativa; o grau de formalidade ou informalidade; e os participantes desta interação, assim como o grau de afetividade entre eles.

A Sociologia Descritiva da linguagem nos auxilia na pesquisa com comunidades indígenas, porque conseguimos identificar os domínios linguísticos de interação entre falantes bilíngues, ou seja, identificamos o uso linguístico em diferentes situações. O contato linguístico entre o português e a língua nativa causa impacto na comunidade indígena, sobretudo em relação à preservação do seu idioma nativo, por isso a identificação das normas gerais que regem o repertório linguístico dos falantes bilíngues é importante para que possamos analisar a atual situação sociolinguística de uma comunidade indígena.

Apresentamos no próximo tópico o bilinguismo individual e social, a partir de Weinreich (2011), que considera a relação entre o uso linguístico e a sociedade.

---

elaboration from students of language maintenance and language shift among Auslandsdeutsche in pre - World War Two multilingual settings. German settlers were in contact with many different non - German - speaking populations in various types of contact settings and were exposed to various kinds of socio-cultural change processes” (FISHMAN, 1971, p. 18).

## 2.2 Bilinguismo

O contato entre línguas pode levar a um processo linguístico de bilinguismo. Sabe-se que há muitas definições para bilinguismo, diversos autores encontram várias abordagens de acordo com o seu objeto de estudo, como por exemplo, os psicólogos definem o bilinguismo a partir de concepções psicoindividuais, os sociólogos acreditam em questões sociais que influenciam os falantes bilíngues, entre outras concepções. Entre tantas abordagens, neste trabalho entendemos o bilinguismo a partir de sua característica do uso linguístico, com a base teórica proposta por Weinreich (2011), por isso propomos reflexões sobre um *bilinguismo individual e social*.

Um dos primeiros estudiosos a propor uma abordagem favorável para o estudo do bilinguismo foi Weinreich (2011), que estuda o bilinguismo sob a perspectiva do *uso da língua*, esta concepção corrobora para uma definição de *bilinguismo individual*, no qual o falante bilíngue pode optar por uma língua em detrimento da outra em seu discurso, pois o “bilinguismo é essencialmente uma caracterização da versatilidade linguística individual” (FISHMAN, 1971, p. 102). Nesta perspectiva, o *bilinguismo individual* pode ser entendido como uso de duas línguas (L1 e L2) por uma mesma pessoa, sendo que a escolha linguística dependerá das funções sociais do uso linguístico em uma comunidade. Quanto ao *bilinguismo social*, entende-se como sendo um fenômeno que não afeta apenas o falante bilíngue, mas as comunidades de fala envolvidas, ou seja, o uso de duas línguas por uma mesma comunidade.

Para Appel e Muysken (1987, p. 02), “em termos de proficiência”, definir um sujeito bilíngue, é difícil porque é necessário estabelecer um padrão de proficiência que analisa suas habilidades de ler, escrever, falar e escutar em ambas as línguas. Por isso, os autores preferem uma definição sociológica, a partir de Weinreich (2011, p. 05), em que “a prática do uso de duas línguas alternativamente será chamado de bilinguismo, e as pessoas envolvidas bilíngues” (APPEL e MUYSKEN, 1987, p. 03)<sup>18</sup>. Nesta perspectiva, o *bilinguismo individual* pode ser entendido como uso de duas línguas (L1 e L2) por uma mesma pessoa, sendo que a escolha linguística dependerá das funções

---

<sup>18</sup> Do texto original: “The problem of a *psychological* definition, in terms of proficiency, seems to be unsurmountable, not because of measurement problems (which are complex enough by themselves), but because it is impossible to find a general norm or standard for proficiency. Therefore we prefer a sociological definition, in line with Weinreich (1953:5), who said that ‘the practice of alternatively using two languages will be called here bilingualism, and the persons involved bilinguals’ (APPEL; MUYSKEN, 1987, p. 03).

sociais do uso linguístico em uma comunidade.

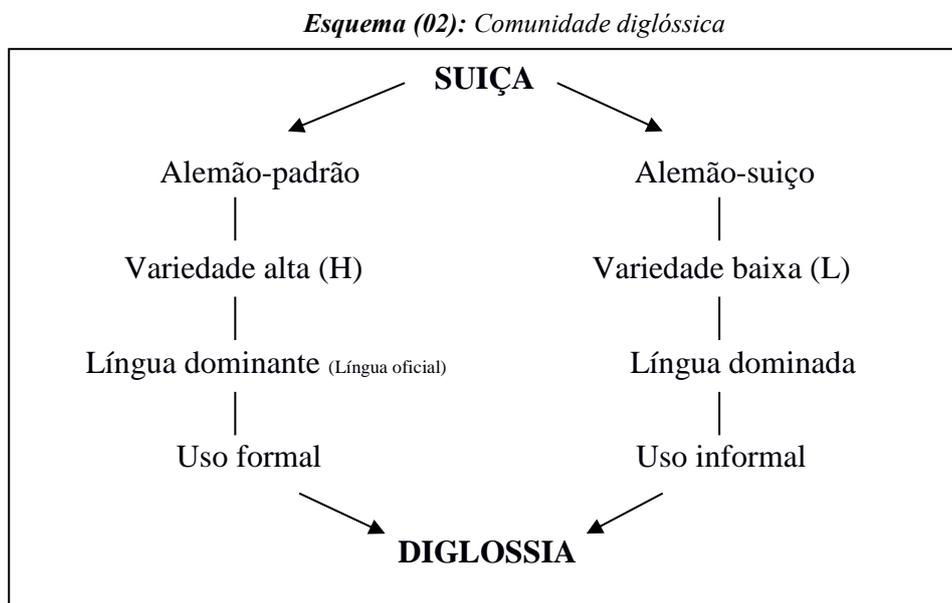
Quanto ao *bilinguismo social*, entendemos como um fenômeno que não afeta apenas o falante bilíngue, mas as comunidades de fala envolvidas, ou seja, o uso de duas línguas por uma mesma comunidade. Heye (1979, p. 211) corrobora afirmando que o bilinguismo descreve “[...] uma situação linguística em que duas ou mais línguas coexistem dentro dos limites de uma sociedade”. Podemos compreender melhor o bilinguismo social a partir do conceito de diglossia. Ferguson (1974) propõe:

Diglossia como uma situação linguística relativamente estável na qual, além da ou das variedades adquiridas em primeiro lugar (variedades que podem conter um padrão ou vários padrões regionais), se encontra também uma variedade sobreposta, muito divergente e altamente codificada, por vezes mais complexa ao nível gramatical, e que é a base de uma vasta literatura escrita e prestigiada. Esta variedade é geralmente adquirida por meio do sistema educativo e utilizada a maior parte das vezes na escrita ou nas situações formais do discurso. Não é, no entanto, utilizada por nenhum grupo da comunidade na conversação corrente (FERGUSON, 1974, p. 102).

Assim, entende-se por diglossia a relação entre uma língua dominante, entendida como aquela que é aprendida na escola e utilizada em situações formais; com uma língua dominada, usada exclusivamente em momentos informais.

Ferguson (1972), em seu trabalho *The role of Arabic in Ethiopia, a Sociolinguistic Perspective*, analisou as diferentes funções de duas variedades linguísticas, denominadas alta e baixa, do árabe clássico nos países árabes e do alemão-padrão na Suíça. Ferguson (idem) considerou o alemão-padrão na Suíça, como a variedade alta e o alemão-suíço, como a variedade baixa. A variedade alta, definida pelo autor com a sigla H, do inglês *high* (língua dominante), pode sobrepor a variedade baixa, marcada com a sigla L, do inglês *low* (língua dominada). A variedade H trata-se da variedade mais prestigiada, a língua oficial de uso formal falado e escrito, além de ser aprendida na escola e não ser utilizada no uso informal. A variedade L, por sua vez, tem uso informal e possui menos prestígio social que a variedade H. Em determinados domínios discursivos a variedade H, sobressai sobre a variedade L, mesmo convivendo em uma única comunidade linguística, de maneira aparentemente estável, a língua dominante (variedade H) sobrepõe a língua dominada (variedade L). Para Ferguson (ibidem), a relação entre o alemão-padrão e o alemão-suíço na Suíça caracteriza uma comunidade diglósica.

Para exemplificar o estudo de Ferguson (1972) sobre diglossia, elaboramos o seguinte quadro:



Mais tarde, Fishman (1971) amplia esta definição e considera que a diglossia pode acontecer não apenas com uma única língua, considerando duas variedades dentro de uma determinada comunidade, mas uma comunidade diglössica pode ser caracterizada por duas línguas em contato, e que não precisam ter uma relação genética comum, podem ser duas línguas com origens distintas. Segundo Fishman (1995), a diglossia refere-se ao *bilinguismo social*. E nesta situação de contato linguístico, o referido autor delimita as principais relações entre diglossia e bilinguismo:

**Esquema (03): As relações entre o bilinguismo e a diglossia**

		DIGLOSSIA	
		+	-
BILINGUISMO	+	1. Diglossia e bilinguismo	2. Bilinguismo sem diglossia
	-	3. Diglossia sem bilinguismo	4. Nem diglossia Nem bilinguismo

**Fonte:** Fishman (1995, p. 121) (Tradução nossa)

Para Fishman (1995) as relações entre o bilinguismo e a diglossia podem ser exemplificadas:

- 1) *Diglossia e bilinguismo*: uma comunidade que possui tanto a diglossia quanto

o bilinguismo, pode ser o caso do Paraguai, em que os falantes são bilíngues e conhecem a variedade alta e baixa, o espanhol (H) e o guarani (L), sendo ambas línguas distintas, a primeira de família românica e a segunda uma língua ameríndia e que possuem uma distribuição funcional diglósica.

2) *Bilinguismo sem diglossia*: uma situação de bilinguismo sem diglossia é o caso de pessoas que migram para outros lugares do país, geralmente com o objetivo de estudar ou trabalhar, tendo que aprender a língua do país de destino, tornam-se bilíngues, mas nem sempre usam as formas linguísticas para fins específicos, pois não há uma delimitação funcional da língua.

3) *Diglossia sem bilinguismo*: Em relação à situação de diglossia sem bilinguismo refere-se à divisão funcional de uso de duas línguas em uma comunidade, em que a previsão do grupo existente “em todas as manifestações econômicas e nacionais uniu esses dois conjuntos em uma <<unidade>> que manifesta uma classe superior e outra inferior cada uma com língua apropriada para seus Interesses”<sup>19</sup> (idem, p. 128). Como por exemplo, a aristocracia russa, que antes da Primeira Guerra Mundial utilizavam somente a língua francesa (H), mas entre o povo falava-se apenas em russo (L), um grupo fala a variedade alta e o outro a variedade baixa. Sendo assim, a existência de uma diglossia nacional não implica em um bilinguismo (idem).

4) *Nem Diglossia, nem bilinguismo*: numa comunidade sem diglossia e sem bilinguismo, tem-se um fenômeno raro em que existe apenas uma língua na comunidade, como por exemplo, em comunidades isoladas.

Diante do exposto, Fishman (1995), ao ampliar o conceito de diglossia, distingue o bilinguismo da diglossia e mostra que a situação diglósica pode não ser estável como afirmava Ferguson (1972). Segundo Tarallo e Alkmin (1987, p. 12), a situação diglósica esta relacionada à “compartimentalização” de dois sistemas em uma mesma comunidade, em que o uso de cada um dos sistemas depende das funções sociais que os determinam. Por exemplo, o Canadá, em que o inglês e o francês se compartimentalizam, os falantes mudam de código, dependendo da situação de interação, sendo que em alguns domínios o uso do inglês é obrigatório, enquanto que em outros, pode-se utilizar o francês.

De acordo com Appel e Muysken (1987, p. 27) “tanto a análise em termos de

---

<sup>19</sup>Do texto original: “a pesar de ello, la previsión del grupo en todas sus manifestaciones económicas y nacionales unió a estos dos conjuntos en una <<unidade>> que manifestó una clase superior y otra inferior cada una con su lengua apropiada para sus intereses” (FISHMAN, 1995, p. 128).

domínio proposta por Fishman quanto a noção de diglossia sugerido por Ferguson exigem uma perspectiva: as normas sociais gerais.”<sup>20</sup> E as indagações da Sociologia da linguagem se refere a quando os falantes bilíngues utilizam determinada língua, onde e com quem, ou seja, quais seriam as normas sociais gerais que atuam em uma determinada comunidade linguística. A relação do indivíduo com a sociedade por Corbari (2013), nos leva a pensar que o falante não é um ser isolado, ele vive em uma comunidade e os aspectos individuais e sociais estão intimamente relacionados.

É preciso considerar a dinâmica dessas duas forças – do indivíduo e da sociedade –, pois o bilíngue é fruto de um contexto social no qual se falam duas (ou mais) línguas, mas, ao mesmo tempo, as situações de línguas em contato é o resultado das atuações individuais. São, portanto, duas perspectivas necessariamente complementares na busca de explicações para o que ocorre em cenários de línguas em contato: de um lado, está o estudo da dinâmica das línguas em contato que compartilham um espaço social comum, e, de outro, o estudo do comportamento individual do bilíngue (CORBARI, 2013, p. 39).

O bilinguismo individual e social não podem ser pensados isoladamente, há uma relação intrínseca entre ambos, pois o primeiro se refere a coexistência de duas línguas em um mesmo indivíduo e a segunda consiste na coexistência de duas línguas ou mais no mesmo espaço e que afeta os falantes bilíngues e as comunidades envolvidas nesta relação de contato de línguas.

No próximo tópico abordamos atitudes linguísticas na perspectiva de Schlieben-Lange (1993), que considera o *saber sobre a língua* e o *discurso público sobre a língua*.

### 2.3 Atitudes linguísticas

Para Calvet (2002, p. 65), a relação entre o falante e a sua língua nunca é neutra, “existe todo um conjunto de atitudes, de sentimentos dos falantes para com suas línguas, para com as variedades de línguas e para com aqueles que as utilizam”. Nesta perspectiva, não pode ser neutro o juízo de valor do indivíduo sobre o modo como o outro fala, há sempre um conjunto de atitudes dos falantes em relação à sua língua e a do outro, pois, muitas vezes, as pessoas são julgadas pelo seu modo de falar, pois na sociedade existe o que podemos “chamar de olhares sobre a língua, de imagens da

---

<sup>20</sup> Do texto original: “Both the analysis in terms of domain proposed by Fishman and the notion of diglossia suggested by Ferguson require a very large perspective: overall social norms.” (APPEL; MUYSKEN, 1987, p. 27). (Tradução nossa).

língua, em uma palavra, normas que podem ser partilhadas por todos ou diferenciadas segundo certas variáveis sociais (...) e que geram sentimentos, atitudes, comportamentos diferenciados” (idem, p. 72).

Na década de 60, partindo da Psicologia Social, Lambert (1972) e seus colaboradores desenvolveram uma técnica utilizada nos estudos de atitudes para medir e avaliar as opiniões sobre os falantes de inglês e francês em Quebec, conhecida como *Matched Guise Technique*. Esta técnica consiste nos informantes ouvirem vozes gravadas de variedades das línguas e indicar o que pensam sobre as características da personalidade dos oradores.

Para Schlieben-Lange (1993), a *Matched Guise Technique*, apesar de ser utilizada por vários estudiosos para compreender as atitudes linguísticas, é considerada uma técnica ineficiente, pois para a autora esta técnica acaba interpretando o *falar e saber sobre a língua* de maneira homogênea. Diferente da perspectiva da Psicologia Social, Schlieben-Lange (idem) propõe uma compreensão das atitudes linguísticas a partir de um *saber sobre a língua* e do *discurso público sobre a língua*, abordagem adotada neste trabalho, no que se refere a atitudes linguísticas.

Schlieben-Lange (1993, p. 40) retoma as indagações de Fishman, sobre quem fala o idioma, a quem e quando e adapta às situações comunicativas: “Quem troca argumentos linguísticos com quem, sob que condições e em que tipo de meio?” Quais seriam as pessoas envolvidas na comunicação? se fariam parte da mesma comunidade linguística, assim como a possibilidade de relações entre professor-aluno, pais-filhos, ou ainda, a que público se destina uma comunicação, sendo que, a consciência linguística recebe o nome de *atitudes* (idem).

Para Schlieben-Lange (1993), há um *falar e saber sobre a língua*, sendo que os falantes reconhecem a língua nativa e aquilo que é diferente, ou seja, a “outra” língua em uma relação de contato linguístico; este saber a língua permanece geralmente implícito e afeta o uso linguístico do falante. A autora também afirma que as pessoas geralmente fazem um *discurso público sobre a língua*, em que ao falar sempre retomam outros falares do mundo, ou seja, falamos outros discursos já ditos em algum momento; e estes discursos possuem uma relação com as línguas e a fala e que são transmitidos ao longo do tempo. Os estereótipos são, para Schlieben-Lange (idem, p. 94), argumentos do *discurso público sobre a língua*, sendo que cotidianamente os discursos podem ser descritivos ou avaliativos e os “estereótipos são importantes para a prática linguística

(...)”. Schlieben-Lange (ibidem, p. 95) afirma que o *discurso público sobre língua*, possui “[...] julgamentos sobre “bonito” e “feio”, “bom” e “ruim”, “eficiente” etc. Mas também contém elementos do saber, como por exemplo, sobre a distribuição de línguas no tempo e no espaço [...]”. Apesar do *saber sobre a língua* e do *discurso público sobre a língua* serem abordagens distintas para observar, nas enunciações dos falantes ambos os elementos estão relacionados, ou seja, a atitude linguística é composta pelas duas abordagens.

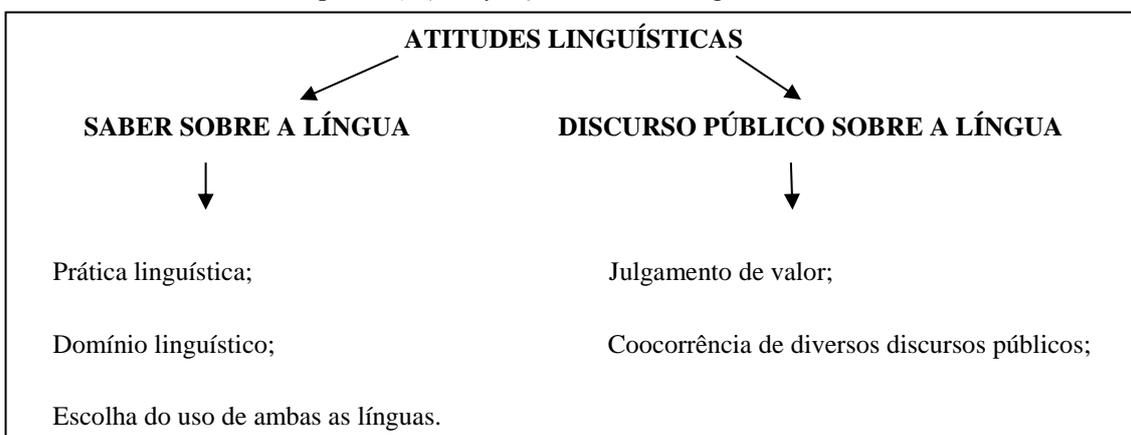
Para explicar o discurso público, ou os diversos discursos que podem coocorrer dentro da fala do indivíduo bilíngue, Schlieben-Lange (1993) realizou uma pesquisa sociolinguística com os moradores da vila de Bagnols-sur-Cèze (sul da França) com o objetivo de verificar se o ocitano ainda era falado nesta vila, pois os habitantes de Bagnols-sur-Cèze diziam que falavam apenas francês. Um falante bilíngue revela que a língua falada no sul da França foi sempre o francês, mas depois diz que sua avó era monolíngue em ocitano. Seguindo a entrevista, o entrevistado afirma que devido as diferenças de fala as pessoas não se comunicam em ocitano com os vizinhos de outras cidades da França, porque não se compreendem, depois afirma que se comunica normalmente com seus parentes em ocitano, os quais estão localizados a 200 km de sua cidade.

O exemplo do falante desta vila expressa a contrariedade da língua, de um lado o falante afirma que a língua ocitano não é falada na região, nega o seu falar, julga a sua língua como se estivesse em desuso, podendo ser julgada como “feia” ou “ruim”, este é um *discurso público sobre a língua*, que as instituições públicas impõem na sociedade, de que não existe ocitano (língua minoritária), e sim, apenas o francês, e o falante bilíngue reproduz este discurso na sua fala. Por outro lado, a contrariedade aparece quando o mesmo falante diz que sua avó era monolíngue e que ele se comunica com seus parentes em ocitano. Analisamos que este falante possui um *saber sobre a língua*, ele reconhece a existência e o uso da língua materna na França, podemos considerar que está língua é positivamente “boa” para o falante. De um lado temos o que é imposto, não há uso da língua ocitano na França, como um *discurso oficial*; e por outro lado temos a *língua falada no cotidiano*, que é o ocitano, preservado na fala entre os parentes e familiares na França (SCHLIEBEN-LANGE, 1993, p. 96).

Para a autora, quando os membros de uma comunidade linguística falam, eles estão expressando um *saber sobre a língua* por meio de suas experiências vivenciadas,

aquilo que ele (re) conhece como sua língua, mas também fala de um *discurso público sobre a língua* que traz outros dizeres, repetindo falares ditos em outros momentos na História, remetendo a falas já ditas, e estas geralmente, vem carregada de julgamento de valor de uma língua, se ela é bonita ou feia, boa ou ruim, etc. Podemos compreender que *saber sobre a língua* e o *discurso público sobre a língua* estão ligadas à fala do indivíduo, o falante expressa sua compreensão sobre o seu falar, mas também retoma falares ditos anteriormente e que circulam na fala de outras pessoas, não podemos dissociar uma concepção da outra. A partir disso, construímos o seguinte esquema que exemplifica o que consideramos como atitude linguística:

*Esquema (04): Definição da atitude linguística*



As atitudes linguísticas compreende o *saber a língua* e o *discurso público sobre a língua*. O *saber a língua* implica na prática e no domínio linguístico, assim como, a escolha do uso de ambas as línguas. E o *discurso público sobre a língua* carrega consigo o julgamento de valor negativo ou positivo das línguas, sendo que geralmente há a coexistência de diversos discursos públicos que podem se manifestar. O esquema representa esta composição da atitude linguística que não pode ser vista como um mero comportamento linguístico do falante.

### III ATITUDES LINGUÍSTICAS DOS RIKBAK TSA

Neste capítulo, apresentamos uma breve descrição histórica do contato linguístico no Brasil e, a partir das respostas dos colaboradores, descrevemos a visão atual dos Rikbaktsa diante da situação de contato da língua rikbaktsa com o português. Depois, apresentamos as análises das atitudes linguísticas dos Rikbaktsa.

#### 3.1 Breve histórico do contato linguístico no Brasil

Desde que os portugueses chegaram no Brasil, a história deste país é formada pelos contatos linguísticos de populações europeias, africanas, asiáticas e ameríndias que se misturavam no mesmo espaço. O próprio português no Brasil sofreu modificações ao longo do tempo pela influência destas línguas (MELLO, ALTENHOFEN e RASO, 2011). No período da colonização, eram deixados no Brasil degredados, que tinham a função de aprender a língua local para servirem de intérpretes e intermediadores entre os povos locais e os portugueses. Com passar do tempo, desenvolveu-se a “(...) *língua brasílica*, também conhecida como *língua geral*, uma coiné<sup>21</sup> de base tupi-guarani” (idem, p. 30).

Os primeiros relatos escritos no Brasil, como a carta de Pero Vaz de Caminha, tinham o objetivo de informar ao Rei como eram as terras brasileiras. Diante destes relatos, a metrópole<sup>22</sup> cria estratégias de dominação dos indígenas, enviando para o Brasil missionários da Companhia de Jesus com o intuito de converter os indígenas à fé cristã. Para isso, era necessário aprender a língua dos nativos, para poder impor os costumes não-indígenas, para, assim, dominá-los. A Companhia de Jesus foi fundada em 1539 pelo então soldado Inácio de Loyola. De acordo com Souza (2004), em março de 1549, desembarcaram em Salvador, junto com Tomé de Souza, os soldados de Cristo ou os homens-de-preto vindos da mais nova ordem que surgia na Europa, a Companhia de Jesus. Os padres Manoel da Nóbrega, Leonardo Nunes, João Aspilcueta Navarro, Antônio Pires, Vicente Rodrigues e Diogo Jácome foram os pioneiros a desbravar as terras tropicais. Esses jesuítas iniciaram o processo de educação por meio da

---

<sup>21</sup> Coiné significa “língua comum a um grupo humano”. Disponível em: <http://www.priberam.pt/dlpo/koin%C3%A9>. Acesso em: 25, Out. 2015.

<sup>22</sup> A metrópole trata-se da Coroa Portuguesa, na época em que o Brasil era colônia de Portugal, pois somente em 1822 que o Brasil conseguiu conquistar sua independência.

evangelização e da conversão dos índios, instaurando-se, assim, a territorialidade jesuítica que abarcou todo território português além-mar, com o intuito de realizar o projeto português de colonizar as novas terras recém-descobertas no novo continente. A Coroa Portuguesa, ao enviar os jesuítas para a colônia, tinha como finalidade converter o índio à fé católica, por intermédio da catequese e do ensino de ler e escrever em português (idem).

O motivo de sua presença nas colônias era mais ambicioso do que salvar almas dos infiéis e ensinar a verdadeira fé. Era, acima de tudo, angariar mais crentes católicos face às conversões protestantes que vinham ocorrendo na Europa. Dentro do processo de colonização, para a Companhia de Jesus, a ocupação se tornava real, palpável e concreta a partir da construção das escolas. O edifício da escola materializava a nova religião que seria difundida. O papel de instrumento da colonização refletia-se no edifício. Os assentamentos de frente da ação colonizadora tinham, quase sempre, um colégio, uma escola, uma missão ou um seminário. Assim como foi o Internato Utiariti em Diamantino-MT, que era coordenado pelos jesuítas, em que muitos indígenas órfãos foram levados para não morrerem em suas aldeias pelas epidemias e confrontos com os não-indígenas (cf. capítulo I).

No século XVI, os indígenas começam a criar espaços de resistência linguística, foi neste período, com o movimento de gramatização das línguas, que o Pe. José de Anchieta publica em 1595, a primeira Gramática do Tupi, *Artes de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil* (1990). A Gramática do Tupi era uma política que buscava à normatização da língua indígena, dando visibilidade ao Tupi, enquanto língua autônoma, que era utilizada no dia a dia em várias regiões do Brasil. Mas a metrópole percebe tal ação e em 1757, o Marquês de Pombal expulsa os jesuítas da colônia e determina o uso da língua portuguesa no território brasileiro, por meio do *Diretório dos Índios*, sendo que o português era a língua do Estado e, por conseguinte a dominante, reprimindo as línguas indígenas existentes no território brasileiro.

No século XVIII, com a descoberta de ouro em Goiás e Mato Grosso, houve um fluxo migratório de novos colonos portugueses para esta região e a importação de africanos para ajudar na exploração mineradora. Nesta época, no início do século XIX, a população do Brasil chegou a cerca de 3 milhões de habitantes (MELLO, ALTENHOFEN e RASO, 2011). O objetivo da Coroa Portuguesa era povoar as terras desocupadas e trazer o progresso para todas as regiões brasileiras.

No século XX, segundo Silva (2011b), em seu texto *Línguas em contato: cenários de bilinguismo no Brasil*, o território brasileiro se configura em um cenário de multilinguismo, em decorrência do contato de povos e línguas diferentes, circulando no mesmo espaço. Entretanto, nesta coexistência de línguas em um mesmo espaço, sempre prevalece o uso de uma língua. No caso do Brasil, o português prevaleceu, considerada a língua de *status* e oficial, mas ela não é a única existente no país, conseqüentemente, o português está em contato com outras línguas neste território. Enquanto isso, as línguas tidas como minoritárias, sem prestígio na sociedade, foram sendo extintas ao longo dos anos ou ainda, estão atualmente ameaçadas de extinção (MELLO, ALTENHOFEN e RASO, 2011). E, no século XX, a partir da década de 50, em uma perspectiva social da linguagem, o contato<sup>23</sup> entre línguas começa a ser estudado com foco nos “fenômenos linguísticos e culturais resultantes desse contato” (MELO; SILVA, 2011, p. 11). Uriel Weinreich (2011), com a publicação do livro *Languages in Contact*, foi um dos primeiros estudiosos em chamar a atenção para estas pesquisas. A *Linguística de Contato* é considerada uma disciplina científica, por ser uma área nova de estudos que se insere dentro da Sociolinguística e a maioria de suas publicações estão na literatura internacional. Neste trabalho, pesquisamos a comunidade linguística Rikbaktsa, que possui como língua nativa, a língua rikbaktsa, porém, esta comunidade linguística está em contato com o português.

### **3.1.1 Atual visão da situação de contato pelos Rikbaktsa**

Partindo do pressuposto de que o contato entre línguas resulta em fenômenos culturais e linguísticos (MELO; SILVA, 2011), buscamos analisar os efeitos deste contato entre a língua rikbaktsa com o português. Foi no século XX, na década de 60 que os Rikbaktsa conheceram os não-indígenas, principalmente os seringueiros, que buscavam a extração da borracha. Entretanto, nos primeiros contatos, as relações não eram amistosas, os Rikbaktsa e os seringueiros viviam em guerra e por isso, entre 1956 e 1962, foi criado o projeto de *pacificação* pelo Pe. Dornstauder para amenizar a situação conflituosa vivida entre os Rikbaktsa e os não-indígenas (PACINI, 1999). Nesta época, muitos Rikbaktsa foram mortos pelas epidemias de malária que alastravam

---

<sup>23</sup> Neste trabalho destacamos que o termo *contato* é entendido como a coexistência de duas línguas em um mesmo espaço, por isso propomos estudar o contato entre a língua rikbaktsa e o português.

as terras indígenas. A partir desta situação histórica, descrevemos a visão atual dos Rikbaktsa diante do contato entre a língua nativa e o português. Para atingir tal propósito, destacamos o discurso do colaborador 1.6 que relata como aprendeu a cuidar de doentes com enfermeiras vindas de São Paulo, instalando-se na região Noroeste do Estado de Mato Grosso, onde buscavam ensinar os indígenas para atuarem nas aldeias, ajudando o padre Balduino na tarefa de curar e cuidar dos Rikbaktsa que se encontravam doentes:

1.6: [...] *eram cinco pessoas que trabalhavam de voluntária para atender o nosso povo contra a malária, junto com o finado Balduino. Nós andava, retirando o povo de avião para Diamantino e Cuiabá. Morreu muita criança e adulto de malária.*

O padre Balduino tinha uma equipe de trabalho que recebeu treinamento sobre a utilização da homeopatia e os cuidados com a saúde. Esta equipe viajava com o padre pelas aldeias para ajudar na recuperação dos indígenas. Entretanto, devido ao massacre dos Rikbaktsa, sua população foi reduzida na década de 60: *Nesta época tinha mais ou menos 180 Rikbaktsa, muitos morreram de malária* (colaborador 1.5). Com as mortes dos Rikbaktsa, muitas crianças ficaram órfãos e foram levadas para o Internato Utiariti em Diamantino-MT. Os jesuítas coordenavam o Internato, em que era exigido das crianças indígenas que aprendessem a língua portuguesa na comunicação com outras etnias e com os professores do Internato. Diante disso, os jesuítas, ao exigirem a aprendizagem da língua portuguesa, iniciam um processo de apagamento da L1 nos indígenas, que relatam:

1.1: *Antes do internato era só na nossa língua, mas dai no internato eu aprendi português e até hoje eu falo mais português.*

1.2: *Antes de ir pro Utiariti eu só falava no idioma.*

1.3: *Antes de ir pro Utiariti era só no idioma, mas depois eu comecei a fala português.*

1.4: *No Utiariti (...) tinha muita etnia misturada, a gente acabou deixando a língua de lado e deixamos o costume de falar só na língua e só falar português e aprendemos a ler e escrever em português.*

1.5: *Eu fui com 4 anos para o Utiariti e depois para Diamantino, e fiquei na infância em Diamantino. Voltei em 68 para o Utiariti, trabalhei na marcenaria, uns 4 ou 5 anos (...).*

1.6: *Quando eu cheguei já tinha rikbaktsa no Utiariti e depois nós começamos a aprender rápido português e dai fomos transferidos para Diamantino, dai fomos deixando e falando só português.*

Como a língua portuguesa era imposta pelos jesuítas, os indígenas que chegavam no Utariti falando suas línguas nativas eram obrigados a aprender o português. Este fato retrata o desuso da língua nativa pelas crianças, pois como havia vários indígenas de etnias diferentes (Paresí, Nambikwara, Irantxe, Apiaká, Kayabí, Rikbaktsa, Cinta Larga e Xavante), a comunicação era estabelecida pelo português e com isso, a língua nativa das crianças era deixada de lado e sendo esquecida.

Vimos que as crianças tiradas do seu ambiente tradicional para um local com grandes empreendimentos tiveram que mudar seu estilo de vida e conviver com outras etnias. Essas crianças, órfãos em sua maioria, frutos da guerra com os seringueiros e das epidemias, encontraram pais e mães entre os jesuítas e Irmãzinhas que os “educavam”. Estes e outros aspectos tais como, a separação rígida dos meninos e meninas, a missa diária, o uso da língua portuguesa como forma de reforço da educação escolar, os trabalhos, com horários determinados para as diversas atividades, etc, implicaram numa mudança social, cultural e religiosa violenta para os Rikbaktsa. (PACINI, 1999, p. 160)

Depois de dez anos, o Utariti fechou e os indígenas retornaram para suas aldeias (PACINI, 1999). Os Rikbaktsa ao retornarem ainda encontraram os não-indígenas em suas terras:

1.1: *O primeiro contato foi com os seringueiros, que tirava as borrachas e o fazendeiro Junqueiro. Nesse tempo muitos Rikbaktsa morreram de malária.*

1.2: *Na aldeia tinha só nós, as freira e os jesuítas, mas também tinha seringueiro.*

1.3: *Primeiro foi com os seringueiros, depois veio o padre João e as freiras, depois ainda veio o Balduino que ajudou nosso povo muito tempo.*

1.4: *O não-índio chegou nas nossas terras e daí não saiu mais. No começo o povo sofreu muito, muita gente morreu.*

1.5: *(...) depois em 70 eu vim pra cá (Juína). Já tinha contato com os seringueiros, que tirava as borrachas e tinha muito contato com o fazendeiro Junqueiro.*

1.6: *Eu retornei em 1972 para o Barranco e ainda tinha seringueiro aqui.*

Com a vinda dos jovens do Internato, houve vários casamentos e o povo Rikbaktsa foi crescendo, conforme relata o colaborador 1.1: *Depois que teve casamento com o pessoal que veio do Utariti, daí que foi o crescimento, e até hoje tá aumentando cada vez mais nossa etnia.* De acordo com Pacini (1999, p. 145), “a partir daquele momento a tendência era aumentar a população pois alguns casais, em geral formados

por jovens que passaram pelo Utiariti, começaram a conseguir criar seus filhos”, depois do fechamento do Internato, os jovens que retornaram para as aldeias começaram um processo de adaptação da nova realidade e os casamentos aconteciam na etnia, o que ajudou no aumento da população Rikbaktsa. Em comunicação pessoal, as lideranças Rikbaktsa afirmam que, atualmente, a população Rikbaktsa é estimada em cerca de três mil indígenas, enquanto que o censo do IBGE apurou em 1.411 pessoas (IBGE, 2010).

Uma das perguntas que foi feita nesta pesquisa buscava saber quais são as outras etnias que visitam as aldeias Rikbaktsa, e os colaboradores disseram que Paresí, Nambikwara, Irantxe, Apiaká, Kayabí, Myky, Arara, Enawenê- nawê e Cinta Larga, já passaram pelas TIs Rikbaktsa e algumas vezes, encontram estas etnias no centro urbano da cidade de Juína-MT. Diante disso, perguntamos qual a língua utilizada para se comunicar com estas etnias e os colaboradores responderam:

- 1.1: *Só português.*
- 1.2: *Só português, converso em português.*
- 1.3: **Sempre português**, porque dai da pra se entender.
- 1.4: *Só se comunica em português.*
- 1.5: *Tudo conhecido meu, e converso em português, alguns ainda que foram no Utiariti, dai a gente brinca com eles.*
- 1.6: **Só português.**
  
- 2.7: *A gente só fala português.*
- 2.8: **Só português.**
- 2.9: **Tudo em português**, porque dai todo mundo consegue se entende.
- 2.10: **Só português**, sempre.
- 2.11: *Só português porque dai tudo nós se entende, porque cada um tem sua língua e o português todo mundo sabe.*
- 2.12: *Só falo com eles em português.*
  
- 3.13: *Tudo em português, porque nós não entende a língua um do outro. Eles, entre eles, fala no idioma deles, mas é outra língua, por isso que nós só fala português.*
- 3.14: **Só português.**
- 3.15: *Converso só em português.*
- 3.16: *Só português, converso só em português com eles.*
- 3.17: *É em português mesmo.*
- 3.18: *Tudo em português.*

Nos encontros com outras etnias, a língua predominante na comunicação é o português. A justificativa para o uso da língua portuguesa é porque todos sabem e entendem o português, assim podem se comunicar.

Diante das respostas elaboramos um quadro que mostra as atitudes manifestadas

pelos colaboradores:

**Quadro (03): Atitudes manifestadas**

+ português
<b>Só</b> português
<b>Sempre</b> português
<b>Só fala</b> em português
<b>Tudo</b> em português

As expressões *só*, *sempre*, *só fala*, *tudo*, reafirmam a justificativa do uso do português, pois as respostas mostram que o convívio no internato gerou a comunicação em língua portuguesa entre os indígenas de várias etnias.

Depois perguntamos aos Rikbaktsa qual a língua que eles usavam para se comunicar com seus avós quando eram crianças e obtivemos as seguintes respostas do grupo da 1ª geração:

- 1.1: *Só na **nossa língua**.*
- 1.2: *Só o **idioma**.*
- 1.3: *Não conheci bem meus avós, mas eu conheci mesmo minha mãe e **só falava no idioma**.*
- 1.4: *Só no **idioma**.*
- 1.5: **Rikbaktsa.**
- 1.6: ***Eles falavam no idioma**, só conversava assim.*

O grupo da 1ª geração conversavam somente na língua rikbaktsa com seus avós, pois não conheciam a língua portuguesa. Depois perguntamos a língua que conversavam na infância com os pais:

- 1.1: *Era na **nossa língua**.*
- 1.2: *Nós conversava só no **idioma**, porque nós **não conhecia português**.*
- 1.3: *Antes de ir pro Utiariti era só no idioma, mas depois **eu comecei a fala português**.*
- 1.4: *O **idioma**.*
- 1.5: **Rikbaktsa.**
- 1.6: *Era o nosso idioma, a **nossa língua**, a gente só falava no idioma.*

O grupo da 1ª geração conversavam com os pais utilizando a língua rikbaktsa, mas isso aconteceu antes de irem para o Internato Utiariti.

O grupo da 2ª geração apresenta as seguintes respostas quando indagamos qual a

língua que utilizavam para se comunicar com os avós quando eram crianças:

- 2.7: *Era **mais o idioma**, só que eu quase não convivi com eles.*  
 2.8: ***Só no idioma**, mas eu num vi meus avós, porque eles já tinham falecidos, morreram pela epidemia.*  
 2.9: ***Era mais na língua**, só que eu perdi meus avós bem cedo, mas eles falavam mais na língua.*  
 2.10: *Eles falavam muito o **nosso idioma**, eles sabiam bem.*  
 2.11: *Era mais no **idioma** mesmo.*  
 2.12: *Eu sei que eles **falavam mais o nosso idioma**.*

O grupo da 2ª geração relata que seus avós se comunicavam pelo idioma nativo, mas quando indagamos qual a língua que utilizavam quando eram crianças para se comunicar com seus pais, obtivemos as seguintes respostas:

- 2.7: ***Mais português mesmo**, só que eles ensinavam o idioma também e conversava com a gente no idioma.*  
 2.8: ***Mais português**, só que eles também falavam no idioma e eu aprendi algumas coisas.*  
 2.9: *Falavam **as duas língua**, mas era **mais português**.*  
 2.10: *Quase sempre **português**, mas as vezes falava no idioma e eu respondia.*  
 2.11: ***Mais português**, só que também falava o idioma.*  
 2.12: *Eles falavam as duas línguas, mas era **mais português**.*

O grupo da 2ª geração revela que seus pais se comunicavam por meio da língua rikbaktsa e do português, mas a predominância era a língua portuguesa.

O grupo da 3ª geração também foi interrogado e revelam que quando eram crianças com os avós conversavam:

- 3.13: *Eles falavam o **idioma também**, mas era **mais português**.*  
 3.14: *Era mais em **português também**, só que eles **ensinam o idioma pra nós**, sempre incentiva.*  
 3.15: ***Mais português** mesmo, mas eles falam o **idioma as vezes**.*  
 3.16: ***Mais português**, só que eu gosto quando eles **falam no idioma**.*  
 3.17: ***Mais português** também, as vezes eles **comunica no idioma**.*  
 3.18: *Eles **falam o idioma**, mas com a gente eles **fala mais português**.*

O grupo da 3ª geração conversava com os avós mais em português, apesar de reconhecer que eles sabem o idioma nativo e até buscam ensinar. Depois perguntamos em qual língua esta geração conversava com os pais na infância:

- 3.13: *Mais português.*  
 3.14: *Eu conversava mais em português.*  
 3.15: *Era mais em português.*  
 3.16: *Só português.*  
 3.17: *Falava mais português.*  
 3.18: *Sempre português.*

O grupo da 3ª geração apresenta que a língua predominante na comunicação com os pais, quando eram crianças, foi o português.

Diante destas respostas, elaboramos o quadro abaixo com as atitudes manifestadas que expressam o uso da língua rikbaktsa e do português:

*Quadro (04): Atitudes manifestadas*

+ português	+ rikbaktsa
<b>Mais português mesmo</b>	<b>Só na nossa língua</b>
<b>Mas era mais português</b>	<b>Só o idioma</b>
<b>Falava mais português</b>	<b>Só falava no idioma</b>
<b>Sempre português</b>	Era o <b>nosso idioma</b>
	Era <b>mais o idioma</b>
	Falavam <b>mais o nosso idioma</b>

As expressões intensificadoras, como *só*, *mais*, *sempre*, reafirmam o uso de uma língua em detrimento da outra. As respostas projetam um fora e um dentro das línguas, estabelecendo uma situação de conflito nas atitudes linguísticas manifestadas, pois ora dizem falar só português, ora dizem falar só rikbaktsa.

Além disso, há um sentimento de pertencimento dos Rikbaktsa pela língua nativa, quando afirmam *nosso idioma*, *nossa língua* ao referir-se à língua rikbaktsa que consideram como o idioma de sua etnia, enquanto que o português sempre se referem como a língua do outro, sem nenhum pronome que caracteriza algo pertencente à sua etnia.

Depois perguntamos qual a língua que os avós aprenderam primeiro e obtivemos as seguintes respostas:

- 1.1: *A nossa língua também, eles aprenderam primeiro o **rikbaktsa**.*  
 1.2: *Primeiro **rikbaktsa** e só falavam no idioma.*  
 1.3: *O **nosso idioma**.*  
 1.4: *O **nosso idioma**.*  
 1.5: ***Rikbaktsa** também.*  
 1.6: *Aprenderam primeiro **rikbaktsa**.*
- 2.7: *Acho que **rikbaktsa** primeiro.*  
 2.8: ***Rikbaktsa**.*  
 2.9: *O **nosso idioma**, eles falavam bem.*  
 2.10: ***Primeiro o idioma**, porque eles sempre falavam bem o idioma.*  
 2.11: *Eu acho que **primeiro o nosso idioma**, porque eles entende bem.*  
 2.12: *Acho que **rikbaktsa**.*
- 3.13: *Eu acho que **as duas** ao mesmo tempo.*  
 3.14: *Acho que aprendeu **as duas juntas**.*  
 3.15: *As **duas línguas**.*  
 3.16: *Acho que **aprenderam tudo junto**, português e rikbaktsa.*  
 3.17: *Acho que **português e rikbaktsa**.*  
 3.18: ***português e o nosso idioma**, eu acho que tudo junto.*

O grupo da 1ª e da 2ª geração relata que seus avós aprenderam primeiro a língua rikbaktsa, este fato nos remete aqueles indígenas que permaneceram na aldeia durante a pacificação, que são os mais velhos, aqueles que detém o conhecimento da língua nativa. O grupo da 3ª geração revela que seus avós aprenderam as duas línguas juntas, tanto português, quanto o rikbaktsa. Perguntamos qual a língua que os pais aprenderam primeiro:

- 1.1: *Primeiro foi a **nossa língua**.*  
 1.2: *Meus pais aprenderam **primeiro rikbaktsa**.*  
 1.3: ***Rikbaktsa**.*  
 1.4: *Primeiro aprenderam **o idioma**.*  
 1.5: ***Rikbaktsa, a língua do meu povo**.*  
 1.6: *Só **rikbaktsa**.*
- 2.7: *Eu acho que **as duas juntas**.*  
 2.8: ***Rikbaktsa e português**, tudo junto.*  
 2.9: *Eu acho que **as duas juntas**, o português e o rikbaktsa.*  
 2.10: *Aprenderam **as duas juntas**.*  
 2.11: *Eu acho que **o português e o nosso idioma**.*  
 2.12: *Eu acho que **as duas** ao mesmo tempo.*
- 3.13: *Acho que **as duas**.*  
 3.14: *Aprenderam **as duas línguas**.*  
 3.15: *O **português e o nosso idioma**.*  
 3.16: *Acho que foi **tudo junto**, as duas línguas.*  
 3.17: *Acho que aprenderam **as duas juntas**.*  
 3.18: *As **duas línguas** junto.*

O grupo da 1ª geração relata que os pais aprenderam primeiro a língua rikbaktsa,

e os grupos da 2ª e 3ª geração, por sua vez, revelam que seus pais aprenderam ambas as línguas juntas.

Diante destas respostas, há uma influência da língua portuguesa ao longo dos anos entre os Rikbaktsa, a L1 para os avós e pais da primeira geração era a língua rikbaktsa, mas o grupo da 2ª geração afirma que os avós sabiam apenas o idioma nativo e os pais já aprenderam as duas línguas juntas, assim como os avós e pais da 3ª geração, que aprenderam a língua rikbaktsa e o português.

Os avós e pais do grupo da 1ª geração e os avós do grupo da 2ª geração não tiveram como L1 a língua portuguesa, pois aprenderam primeiro o idioma nativo. Entretanto, os pais do grupo da 2ª geração, assim como os avós e pais da 3ª geração já tiveram como L1 o português e a L2 é a língua rikbaktsa. Este fato retrata que há fatores diferentes que “motivam as diferenças de mudanças na organização social do uso da língua e do comportamento em relação à língua” (FISHMAN, 1974, p. 27), conforme propõe a *Sociologia Dinâmica da linguagem*. O uso da língua rikbaktsa teve sua organização social alterada ao longo dos anos, pois na 1ª geração usava-se o idioma nativo em todos os domínios linguísticos, era um povo monolíngue, conforme relatado nas entrevistas, em que todos disseram que sabiam apenas a língua rikbaktsa, ensinada pelos pais.

A educação monolíngue e a convivência diária e massiva com o português, seja no desempenho e aprendizado de tarefas, seja no atendimento à saúde e em transações comerciais, somaram-se a e superaram sobremaneira as possíveis influências dos jovens criados em Utiariti (ATHILA, 2006, p. 164).

Devido aos primeiros contatos com os não-indígenas, as epidemias, os massacres e o Internato Utiariti, o comportamento em relação à língua nativa foi sendo modificado: ao longo do tempo foram deixando de falar a língua rikbaktsa e começaram a usar o português em decorrência da imposição jesuítica e para que pudessem se comunicar com os não-indígenas e com outras etnias. Os Rikbaktsa levados ao Utiariti passaram por um processo de mudança do repertório linguístico (FISHMAN, 1974, p. 32), em que a língua portuguesa, L2, passa a ser a mais usada no dia a dia, e a língua rikbaktsa, L1, é menos utilizada nas aldeias. O fator que ocasionou esta mudança entre os Rikbaktsa foi a ida das crianças órfãos para o Utiariti e o retorno destes Rikbaktsa para as aldeias, falando português e com suas línguas nativas esquecidas, conforme

relata o colaborador 1.6: *Eu aprendi mais português, era obrigado. No entanto que nós não podia ter deixado, porque hoje faz falta pra gente, porque a gente não consegue ensinar nossos filhos.* De acordo com Arruda (1992, p. 50) hoje em dia há “uma nova figura de liderança entre os Rikbaktsa”.

São os jovens que dominam o português e que detêm conhecimentos advindos da ‘sociedade brasileira’, como professores indígenas, enfermeiros e pilotos, que dominam as novas formas de atividade agora necessárias e também conseguem dialogar com os brancos (PIRES, 2009, p. 106).

Diante da influência da língua portuguesa nas aldeias, perguntamos aos colaboradores como aprenderam o português e obtivemos as seguintes respostas:

- 1.1: *Aprendi no **internato**.*
- 1.2: *Aprendi com os professores no **Utiariti**, em Diamantino.*
- 1.3: *Com os **professores no Utiariti**, lá nós aprendemos e até hoje falo mais português*
- 1.4: *No **Utiariti**, na escola.*
- 1.5: *Aprendi **na escola com os professores padres e freiras em Diamantino.***
- 1.6: *No **Utiariti**, na escola.*
  
- 2.7: *O português eu aprendi com **meus pais**.*
- 2.8: *Eu aprendi com **minha madrastra**, que me criou, me ensinou.*
- 2.9: ***Meus pais** me ensinaram desde pequeno.*
- 2.10: *Aprendi na aldeia com **meus pais**.*
- 2.11: *Com **meus pais**, minha mãe me ensino desde pequeno.*
- 2.12: *Eu aprendi com **meu pai e minha mãe** em casa, com meu pai ele ensinava a falar em português e ele dava aula dentro de casa, para nós mesmo, porque não tinha escola, dai eu estudava com os meus irmãos.*
  
- 3.13: *Eu aprendi com minha **mãe**, que me ensinou.*
- 3.14: *Aprendi com **meus pais**.*
- 3.15: ***Meus pais** me ensinaram e na **escola** mesmo.*
- 3.16: *Aprendi desde pequeno com **meus pais e depois na escola** com os professores.*
- 3.17: *Eu aprendi português com **meus pais**.*
- 3.18: *Aprendi desde bem pequena, com **minha mãe**, e na **escola** também.*

Nota-se que o grupo da 1ª geração aprendeu a falar português no Internato Utiariti com os professores, padres e freiras. Entretanto, o grupo da 2ª geração aprendeu a língua portuguesa com os pais, no domínio familiar. No grupo da 3ª geração a língua portuguesa foi ensinada no domínio familiar e escolar, os mais jovens aprenderam o

português desde pequenos com seus pais e depois na escola reforçam esta aprendizagem.

Após esta breve descrição sobre a visão dos Rikbaktsa diante da situação de contato entre a língua rikbaktsa e o português, apresentamos a análise das atitudes linguísticas considerando o *saber sobre a língua*.

### **3.2 TEMA (1): Atitudes linguísticas: saber sobre a língua (SCHLIEBEN-LANGE, 1993)**

A *Sociologia Descritiva da linguagem* explica as regras sociais da conduta linguística e as atitudes relacionadas à língua de uma comunidade (FISHMAN, 1995), apresentamos neste tópico o *saber sobre a língua* (SCHLIEBEN-LANGE, 1993) como uma atitude linguística. Para atingir tal propósito, perguntamos aos Rikbaktsa como denominam as línguas que falam e todos responderam:

- 1.1: *Rikbaktsa e português.*
- 1.2: *A nossa língua rikbaktsa e o português.*
- 1.3: *Rikbaktsa e português.*
- 1.4: *Rikbaktsa e português.*
- 1.5: *Rikbaktsa e também o português.*
- 1.6: *Rikbaktsa e português.*
  
- 2.7: *O nosso idioma, rikbaktsa e o português.*
- 2.8: *Eu falo em português e falo na língua.*
- 2.9: *Rikbaktsa, o nosso idioma e também o português*
- 2.10: *O nosso idioma rikbaktsa e o português.*
- 2.11: *Rikbaktsa e português.*
- 2.12: *A nossa língua rikbaktsa e o português.*
  
- 3.13: *Rikbaktsa e português.*
- 3.14: *O português e rikbaktsa.*
- 3.15: *Português e rikbaktsa.*
- 3.16: *O português e o nosso idioma rikbaktsa.*
- 3.17: *Português e rikbaktsa..*
- 3.18: *Rikbaktsa e português.*

A partir destas respostas, apontamos a concepção de *saber sobre a língua*, observando que nossos entrevistados são conhecedores do seu falar, ou seja, do seu idioma nativo: a língua rikbaktsa, mas também reconhecem outra língua que não é a nativa de sua etnia: o português. Os colaboradores reconhecem a coexistência dos dois sistemas linguísticos na mesma comunidade.

Perguntamos aos entrevistados como aprenderam a língua rikbaktsa. E eles responderam:

- 1.1: Aprendi com **meus pais**.
- 1.2: **Meus pais** me ensinaram o idioma quando eu era pequenininha
- 1.3: Com **minha mãe**, na aldeia mesmo, sempre fala o idioma.
- 1.4: Com **minha mãe**, na aldeia.
- 1.5: Me interessei, daí **meu pai me ensinou**, mas **os mais velhos** também. Eu gostava muito de sentar com eles, **era o rodeio**, só sentava os homens e onde nós combinava o trabalho, a caçada e só no idioma e eu me interessei e aprendi muitas coisas, aprendi a cantar, a fazer o velório, aprendi um pouco a história de passado, de como é o clã, a pintura e as festas. Principalmente nós homens aprendia muitas coisas com o material de artesanato e daí você vê cada tipo de clã que a pessoa é.
- 1.6: Com **meus pais** na aldeia e **os mais velhos** também me ensinaram o idioma.
- 2.7: Aprendi com os **meus pais** e também com os **anciãos**.
- 2.8: **Minha mãe**, **meu pai** e os **mais velhos** também me ensinaram.
- 2.9: Eu aprendi com **meu pai** e **minha mãe** e também com as cartilhas que eu fui lendo e os **ancião**, que eu era muito envolvido com eles e eu tentava se envolver com eles e aprendi o canto com eles.
- 2.10: Rikbaktsa com **meu tio** e **minha mãe**.
- 2.11: Aprendi com **minha mãe**, **meu tio** e os **mais velhos** da aldeia.
- 2.12: Aprendi com **minha mãe** e **meus avós** também.
- 3.13: Aprendi **na escola**, com as cartilhas. E as **pessoas mais experientes** que falavam no idioma com nós.
- 3.14: Aprendi um pouco com os **meus pais**, **os mais velhos** também falam e na **escola** tem as aulas de idioma.
- 3.15: **Minha mãe** me ensino, **minha vó** também e o **professor** na aula de idioma.
- 3.16: Tem as cartilha na **escola** e em casa **meus pais** também me ensinam algumas palavras.
- 3.17: Eu aprendi um pouco com meus **pais** mesmo, e quando tem aula de idioma o **professor** estuda a língua rikbaktsa.
- 3.18: Aprendi com **meus pais**, **os mais velhos** também ajudam e na escola com o **professor** que ensina nas cartilhas o idioma.

Os colaboradores dos grupos da 1ª e 2ª geração relatam que aprenderam a língua rikbaktsa com os pais e parentes no domínio familiar e os mais velhos na aldeia. O grupo da 3ª geração, por sua vez, aprenderem com os pais, com os mais velhos e na escola nas aulas do idioma, em que utilizam cartilhas elaboradas pelos professores Rikbaktsa para aprender a língua do seu povo.

Os anciãos são os maiores conhecedores da língua rikbaktsa e possuem o interesse de ensinar os costumes, compartilham momentos de conversas e ensinamentos

com os mais jovens. De acordo com Pacini (1999, p. 93), “os homens tomavam a frente na organização das malocas, na caça e no preparo da roça; iniciativas essas prioritariamente masculinas articuladas através do *mykyry* que lhes permitiam um domínio da organização social (...)”. O rodeio, citado pelo colaborador 1.5 H, era um costume do povo Rikbaktsa, em que os homens se reuniam para planejar seus afazeres e nestes momentos havia a troca de experiências:

Na casa dos homens (*mykyry*), chamada também de “rodeio”, onde fazem plumárias, flechas, degustam caças das quais contam os pormenores das caçadas e também lugar, entre outros, onde ensina-se mais intensamente todas estas atividades aos mais jovens, o idioma rikbaktsa é predominante. Dentro das casas, pode-se ouvir tanto o rikbaktsa quanto o português, a depender de sua composição incluir ou não membros de mais idade (ATHILA, 2006, p 58)

O *saber sobre a língua*, enquanto uma atitude linguística, consiste numa prática linguística que esta intrinsecamente relacionada aos outros elementos que compõe um *saber a língua*, como o domínio e o uso linguístico. A *Sociologia Descritiva da linguagem* nos auxilia a estabelecer os padrões gerais do uso da língua rikbaktsa e portuguesa na comunidade indígena Rikbaktsa, por meio dos comportamentos linguísticos em relação à língua e seus usuários.

No questionário buscamos descrever a organização social do uso da língua: quando, com quem e onde os Rikbaktsa usam o português e a língua nativa nos momentos de interação, ou seja, quais os *domínios linguísticos* dos Rikbaktsa.

O domínio linguístico consiste na organização social do falante no uso linguístico, em que o indivíduo escolhe uma língua para interagir em uma determinada situação (APPEL; MUYSKEN, 1987). Um falante bilíngue pode na sua casa na aldeia durante o almoço com seus pais conversar em rikbaktsa ou em português e será compreendido normalmente, mas se ele se deslocar para a cidade e estiver em um restaurante comendo com pessoas do centro urbano ele terá que se comunicar em português, porque são falantes da língua portuguesa e não entenderiam se ele falasse em rikbaktsa. Appel e Muysken (idem, p. 27) chamam a atenção para estas *normas sociais gerais*, em que em determinados locais o falante bilíngue é ‘obrigado’ a se comunicar em uma determinada língua para que seja compreendido. Neste caso, na cidade de Juína, com juinenses, os Rikbaktsa precisam se comunicar em português para que possa haver compreensão de ambas as partes.

Para demonstrar a funcionalidade da *Sociologia Descritiva da linguagem*, Fishman (1995) afirma que os membros de uma mesma comunidade nem sempre utilizam a mesma língua e o mesmo comportamento em relação à língua em todos os momentos de interação social. Para identificar estes domínios linguísticos, perguntamos aos entrevistados qual a língua que eles usam quando encontram seus pais, irmãos/irmãs, professor (a) ou vizinho (a) na cidade de Juína-MT e eles nos responderam:

- 1.1: *Só português.*
- 1.2: *Sempre português.*
- 1.3: *Mesmo na cidade é mais português mesmo.*
- 1.4: *Português mesmo.*
- 1.5: *Só falo em português.*
- 1.6: *Falo mais em português.*
  
- 2.7: *Mais português.*
- 2.8: *Eu falo mais o português.*
- 2.9: *Só em português.*
- 2.10: *Sempre português.*
- 2.11: *Português.*
- 2.12: *Me comunico em português.*
  
- 3.13: *Só português.*
- 3.14: *Sempre português.*
- 3.15: *Português.*
- 3.16: *Só em português mesmo.*
- 3.17: *Português.*
- 3.18: *Só português.*

Todos os colaboradores responderam que sempre utilizam o português.

Em relação ao domínio familiar, perguntamos qual a língua usada entre marido/mulher e pais/filhos, todos responderam que nestas situações de interação a língua mais usada é o português. Entretanto, há algumas exceções:

- 1.1: *Mais português, **as vezes no idioma.***
- 1.2: *Mais português, **pros neto eu to ensinando o idioma, alguma coisa eles já entendem.***
- 1.3: *A maioria das vezes, **mais em português.***
- 1.4: ***As vezes usa o idioma pra se comunica, mas quase sempre é português.***
- 1.5: *Mais português, porque muitas vezes, o pessoal de mais idade que chega em casa **eu falo só no idioma.***
- 1.6: *Eu gosto de fala na língua, mas é difícil, porque a maioria sabe mais português, então em casa **as vezes eu falo na língua.***
  
- 2.7: *Eu uso mais o português, só que as vezes se tem alguém que entende, **eu falo no idioma***

- 2.8: *As vezes nós fala no idioma.*  
 2.9: *Um pouco em português e um pouco na língua, mas mais português.*  
 2.10: *Meu pai já faleceu e com minha mãe as vezes eu falo no idioma e outras vezes em português.*  
 2.11: *Tem vezes que eu falo no idioma, mas quase sempre é português.*  
 2.12: *Falo mais em português, dai tem vezes que a gente conversa no idioma.*
- 3.13: *Só português mesmo.*  
 3.14: *Mais português.*  
 3.15: *Pelo que a gente percebe é mais português, só os casais mais idosos que usam o idioma.*  
 3.16: *Tudo português, a criança aprende português desde pequenininho.*  
 3.17: *Só português.*  
 3.18: *Mais português, na aldeia com minha família.*

O uso linguístico do português é predominante no domínio familiar, mas o grupo da 1ª e 2ª geração relatam que também podem usar a língua rikbaktsa, apesar de ser pouco frequente. O saber sobre a língua, para Schlieben-Lange (1993), é o reconhecimento que os falantes têm da sua própria língua nativa e também reconhecem aquilo que é diferente a ela, ou seja, a língua do outro.

Weinreich (2011) afirma que podemos definir o falante bilíngue a partir do seu grau de conhecimento em ambas as línguas e as diferenças existentes entre elas. A língua rikbaktsa e o português possuem filiações tipologicamente distintas. A primeira trata-se de uma língua indígena pertencente ao tronco linguístico macro-jê, e a outra é uma língua indo-europeia de características muito diferentes.

Arruda (1992), antropólogo que conviveu anos com os Rikbaktsa, já havia identificado em sua Tese de Doutorado a perda paulatina do idioma nativo, pois a língua utilizada nas aldeias era mais o português, enquanto a língua rikbaktsa era pouco falada, sobretudo pela “geração Utiariti”:

Uma séria limitação ao trabalho de pesquisa foi o fato de nunca ter conseguido aprender a língua de forma operacional, aliás, cheguei apenas a aprender algumas palavras e expressões de uso corrente. Em parte creio que deveria ter dispendido muito mais esforço nessa tarefa, mas por outro lado, o fato de na maior parte das vezes as pessoas se comunicarem em português, e da língua rikbaktsa apresentar dificuldades sérias para o aprendizado, acabou por me desviar da tarefa mais difícil. Além disso, as pessoas com as quais mais convivi foram as da "geração Utiariti", que além da faixa de idade semelhante, tinham mais clareza dos problemas derivados da situação de contato e

maior curiosidade e interesse na sociedade envolvente e, por extensão, na minha pessoa (ARRUDA, 1992, p. 55).

Arruda (1992), em seu trabalho, já havia identificado que a “geração Utiariti”

São eles os meus amigos mais chegados no povo Rikbaktsa e, ao menos nos primeiros anos em que os conheci, a maior parte deles falava mal a própria língua, usando em casa, com sua família, a língua portuguesa. A geração mais velha tinha a língua Rikbaktsa como língua materna mas usava também o português quando em contato com esta geração (ARRUDA, 1992, p. 55).

Segundo Fishman (1971), nos estudos sobre comportamento linguístico, o domínio familiar é fundamental, pois, geralmente, começa na família o incentivo ao uso de uma língua em determinados locais. O domínio é uma esfera social que reúne pessoas por interesses em comum em um ambiente delimitado. Fishman (idem, p. 20) afirma que o domínio linguístico é uma “construção sociocultural abstrata de comunicação”, em que estão relacionados os falantes, os locais, as instituições de uma sociedade, podendo distinguir padrões sociais e comportamentos individuais. A construção desta abstração sociocultural só é possível por meio da análise da escolha que o falante faz do uso da língua nos momentos de interação (ibdem)<sup>24</sup>.

Weinrich (2011) afirma que a influência de uma língua sobre a outra pode ser explicada por meio do condicionamento das inter-relações sociais no comportamento da fala dos indivíduos bilíngues, através da relação entre as duas línguas dentro da comunidade linguística<sup>25</sup>. Esta influência pode ser medida por uma pergunta que o pesquisador faz sobre as características do comportamento de fala do indivíduo em alguns discursos, ou seja, sobre a escolha de uma língua em um determinado ambiente. Apesar de não identificar esta relação entre escolha da língua e ambiente de interação como domínio linguístico, o autor já considerava que existiam certos locais em que uma

---

<sup>24</sup> Do texto original: “The 'governmental administration' domain is a social nexus which brings people together primarily for a certain cluster of purposes. Further - more, it brings them together primarily for a certain set of role - relations (discussed below) and in a delimited environment. Thus, domain is a socio - cultural construct abstracted from topics of communication, relationships between communicators, and locales of communication, in accord with the institutions of a society and the spheres of activity of a speech community, in such a way that individual behavior and social patterns can be distinguished from each other and yet related to each other” (FISHMAN, 1971, p. 20).

<sup>25</sup> Do texto original: “But the extent, direction, and nature of influence of one language upon another can be explained also, and sometimes more convincingly, in terms of the speech behavior of bilingual individuals, which is conditioned by the social interrelation of the two languages in the community in which the individual lives (WEINRICH, 2011, p. 32).”

língua era mais utilizada que outra.

Para analisarmos as normas gerais do uso da língua rikbaktsa e do português, perguntamos aos colaboradores qual a língua usada no domínio da vizinhança (aldeia), entre amigos (adultos e crianças):

- 1.1: *Mais português.*
- 1.2: **Português.**
- 1.3: *Também mais português.*
- 1.4: *Quando os mais velhos conversam e falam na nossa língua e a gente responde e fala, quando a gente quer que acompanhe em algum lugar ou pedir alguma coisa.*
- 1.5: *Mais português mesmo.*
- 1.6: *Também, eu ouço só português.*
  
- 2.7: *Sempre é mais o português que se fala.*
- 2.8: *Só português.*
- 2.9: *Lá na aldeia eu falo em rikbaktsa e português, porque tem alguns que se comunicam na língua.*
- 2.10: *Só fala português.*
- 2.11: *Mais o português*
- 2.12: *Sempre fala em português, porque daí todo mundo consegue fala e se entende.*
  
- 3.13: *Só português mesmo.*
- 3.14: *Mais português.*
- 3.15: *Na comunidade nós usamos mais português.*
- 3.16: *Sempre falo português.*
- 3.17: *Só falo em português.*
- 3.18: **Português.**

Os grupos da 1<sup>a</sup>, 2<sup>a</sup> e 3<sup>a</sup> geração relatam que falam mais o português durante as interações no domínio vizinhança, que seria a convivência na aldeia com os amigos, apesar do colaborador 1.4 do grupo da 1<sup>a</sup> geração relatar que conversa em rikbaktsa com os mais velhos que sabem o idioma: *os mais velhos conversam e falam na nossa língua*, assim como, o colaborador 2.9 do grupo da 2<sup>a</sup> geração afirma que se comunica na língua nativa com aqueles que *só se comunicam na língua*, ou seja, os mais velhos que falam pouco o português. A 3<sup>a</sup> geração relata que fala mais o português, pois nota-se que a língua portuguesa é aquela que todos entendem e sabem falar, por isso a comunicação pode ser estabelecida. Em seguida, indagamos o uso linguístico no domínio escolar, entre colegas e professor/aluno:

- 1.1: *No internato era só português, na aldeia eu não estudei, mas os jovens falam mais português.*

1.2: *Eu não estudei aldeia, mas todo mundo fala que na escola é mais português.*

1.3: *Na escola tem mais o português.*

1.4: *Na escola só português, às vezes, quando aparecia algum Rikbaktsa, eu falava no idioma.*

1.5: *Dai na escola sempre usam mais o português*

1.6: *No Utiariti era só português, porque a gente só podia se comunicar em português.*

2.7: *Usa mais o português.*

2.8: *Também, só português.*

2.9: *Quando os professores ensinam o idioma eles usam a língua rikbaktsa.*

2.10: *Parece que usa mais o português.*

2.11: *Na escola usam mais o português, parece que rikbaktsa é só na aula de idioma.*

2.12: *Acho que só na aula de idioma que fala a nossa língua, o resto é tudo em português.*

3.13: *Mais português, só na aula de idioma que dai usa a língua.*

3.14: *mais português, tem aula que usa as cartilhas, pra aprende o idioma, dai usa a nossa língua.*

3.15: *Usa mais português e na aula do idioma dai fala bastante na língua.*

3.16: *A gente tem as aulas de idioma, da língua materna, ai usa o idioma.*

3.17: *nas aulas de idioma, dai usa o idioma, mas nas outras aulas é só português mesmo.*

3.18: *Na escola tem as duas línguas, mas um dia é português e no outro é idioma. O professor fala em português e no idioma.*

Para o grupo da 1ª geração o domínio escolar é o Utiariti, em que aprendiam com os padres e freiras, por isso afirmam que só falavam português, pois era obrigado, e não tinham aula do idioma nativo. Às vezes, conversavam em rikbaktsa quando: *aparecia algum Rikbaktsa* (1.4), mas a única escola que frequentaram foi o Internato em Diamantino-MT.

No domínio escolar o grupo da 2ª geração relata que prevalece o uso da língua portuguesa, mas nas aulas de idioma nas escolas indígenas os professores falam a língua rikbaktsa para ensinar seus alunos.

No grupo da 3ª geração, prevalece o uso do português, mas usam também a língua rikbaktsa nas aulas de idioma, nas escolas indígenas, pois esta geração frequentou as escolas nas aldeias e aprenderam o idioma com professores, mas eles afirmam que: *o professor fala em português e no idioma* (3.18), ou seja, nestas aulas usa-se também a língua portuguesa.

Diante das respostas elaboramos um quadro de atitudes manifestadas pelos

colaboradores diante do uso linguístico no domínio escolar:

**Quadro (05): Atitudes manifestadas**

+ português	+ rikbaktsa
<b>Usa</b> mais o português	<b>Usa</b> a língua
<b>Usam</b> mais o português	Tem aula que <b>usa</b> as cartilhas
	<b>Usa</b> o idioma
	<b>Usam</b> a língua rikbaktsa

A utilização do verbo *usar* demonstra que a língua possui uma utilidade, algo que se pode usar em um determinado momento e depois optar por outra. Como usamos no dia-a-dia uma determinada coisa ou objeto e depois podemos não usar mais. Diante disso, as respostas dos colaboradores são atitudes tanto do saber sobre a língua, quanto do discurso público sobre a língua, resultante da situação de contato entre a língua rikbaktsa e o português, em que aos poucos os indígenas Rikbaktsa estão abandonando a sua língua nativa.

A *Sociologia Descritiva da linguagem* propõe que a escolha de uma língua em certos domínios linguísticos pode não ser apenas uma questão de preferência individual, mas também está relacionada às funções que estas relações estabelecem e interferem nesta escolha (FISHMAN, 1995). Para analisar a função que a língua rikbaktsa pode ter no domínio religioso perguntamos qual a língua usada na interação entre pastor ou padre/indígenas:

1.3: *Tem a **bíblia traduzida em rikbaktsa.***

1.5: *No idioma, ritual da lamentação, mesma coisa que velório, e quando esta no final da festa, principalmente o dono da festa que chama o pessoal pra buscar o mingau, a chicha, o biju, a batata, estas coisa, dai **fala só no idioma** e chama a pessoa pelo nome no idioma.*

2.10: *Lamentação, seca e chuva **é tudo o idioma** e eu entendo um pouco e acompanho.*

2.12: *ritual nosso mesmo **é na língua rikbaktsa.***

3.16: *o padre Balduino também falava na nossa língua rikbaktsa, mas a missa ele **celebrava em português.***

Nos grupos da 1ª e 2ª geração, o domínio religioso trata-se dos rituais realizados nas aldeias, próprios da etnia Rikbaktsa, em que usam o idioma nativo: *fala só no*

*idioma* (1.5). A 2ª geração ainda afirma: *eu entendo um pouco e acompanho* (2.10), os rituais acontecem na língua rikbaktsa e este costume é preservado nas aldeias. O ritual da lamentação é fúnebre e se refere as reclamações e choros que os Rikbaktsa fazem do falecido:

Tudo isso reforça a ideia de que a “lamentação” é, igualmente, “reclamação”. Pode ser um simulacro de tristeza e piedade, onde se enfatiza a “tomada de partido” do morto. Não se deixa de querer, com isso, isentar aqueles que estão vivos e que ali estão a “reclamar”, de culpas ou querelas passadas. Estes, por algum ângulo, sempre poderão ter causado, pensado ou falado mal daquele que morreu. Ao mesmo tempo, é ritualmente permitido e recomendado que se fale mal dos vivos. Este tipo de exposição é completamente não-recomendada no cotidiano e quando por ventura ocorre, aí se poderá encontrar a origem de homicídios ou ameaças. Desta forma, “responsabilidades” são apropriadas e ritualmente “deslocadas” para outrem durante as “lamentações”, que melhor se caracterizariam enquanto “reclamações funerárias”, ao menos sob a perspectiva da família do morto (ATHILA, 2006, p. 222)

A lamentação é realizada até hoje nas aldeias Rikbaktsa; este ritual do funeral é preservado pelos Rikbaktsa. O grupo da 3ª geração relata que apesar de o padre Balduíno saber falar a língua rikbaktsa, suas celebrações eram realizadas em português, ou seja, a interação entre padres/pastor e os indígenas é estabelecida pela língua portuguesa e o uso do idioma nativo acontece nos rituais dos Rikbaktsa, que para eles tem sentido religioso. A escolha de uma ou outra língua reflete a situação de bilinguismo nas aldeias, em que há o uso de ambas as línguas em algumas atividades e a paulatina soberania do português quando algumas atividades são apenas interagidas na língua portuguesa, como por exemplo as celebrações religiosas feitas por padres ou pastores nas aldeias.

Indagamos aos colaboradores sobre o domínio do trabalho, entre colegas:

1.6: ***Mais português, quando fazemos artesanato, porque a maioria não conversa mais na língua.***

2.9: ***Quando tem aquele que fala mais na língua a gente se comunica no idioma.***

3.16: ***Mais português, as pessoas que conheço falam mais português.***

No domínio do trabalho prevalece o uso do português, o grupo da 1ª geração

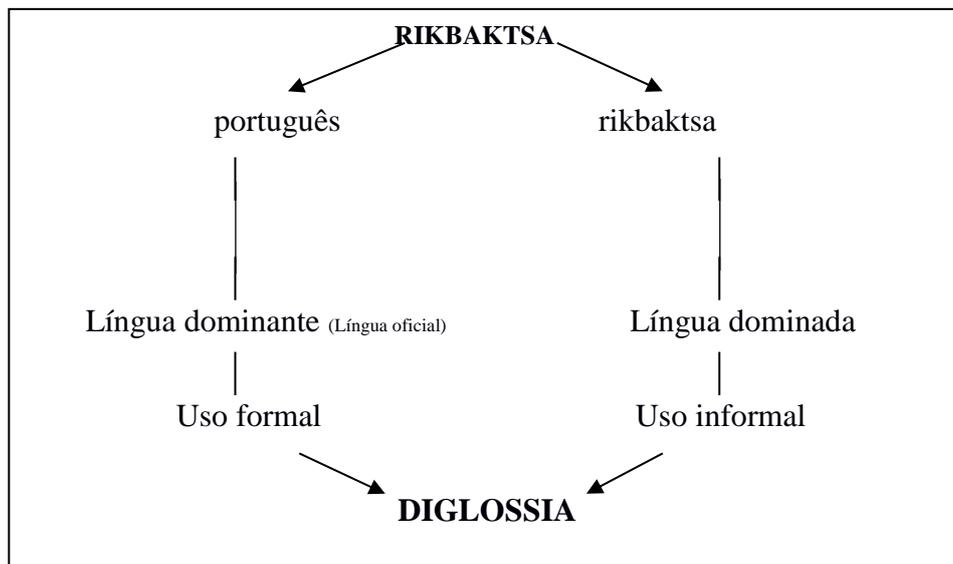
relata que alguns Rikbaktsa estão deixando de falar o idioma nativo, mas ainda existe alguns que se comunicam pela língua rikbaktsa. Nota-se por meio das respostas dos colaboradores, que a língua mais usada nas aldeias é o português, conforme afirma a 3ª geração: *as pessoas que conheço falam mais português* (3.16), então a comunicação é estabelecida pela língua dominante.

Perguntamos aos nossos colaboradores se existe algum lugar na cidade de Juína em que os Rikbaktsa podem usar apenas a língua nativa para se comunicar. A colaboradora 1.6 relata que, às vezes, na CASAI eles brincam no idioma e conversam entre eles. O indígena 1.5 ainda acrescenta: *A não ser que eu encontre alguém mais velho da aldeia*, se os Rikbaktsa encontram alguém da aldeia que fala o idioma, pode haver a possibilidade de se comunicarem em rikbaktsa.

Para Weinreich (2011) o bilinguismo individual trata-se do uso de duas línguas (L1 e L2) por um mesmo indivíduo, analisamos que todos os entrevistados usam a língua rikbaktsa e o português. Todos os colaboradores sabem a língua portuguesa e o idioma nativo, ou seja, sabem duas línguas, por isso analisamos que se trata de falantes bilíngues que reconhecem a organização social do comportamento linguístico, pois sabem dizer quando é usada uma língua e quando se utiliza a outra. Athila (2006) observou este bilinguismo presente nas aldeias e afirma:

[...] diria que os Rikbaktsa são, em sua maioria, bilíngues. Aqueles nascidos durante os primeiros contatos missionários e que foram alijados de suas aldeias quando ainda crianças (...) não falam a língua nativa – estes são minoria - ou trataram de 'reaprendê-la', ao retornarem ao convívio das aldeias (ATHILA 2006, p. 55).

Diante das respostas coletadas, analisamos que os falantes Rikbaktsa possuem um *bilinguismo individual*, pois sabem e usam as duas línguas (L1 e L2), sendo que a escolha linguística poderá depender da organização social do uso linguístico na comunidade, conforme estuda a *Sociologia Descritiva da linguagem*. Por isso, elaboramos o esquema abaixo:

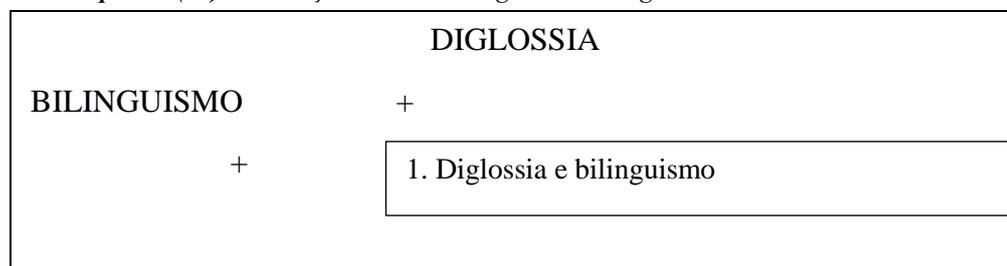
*Esquema (05): A diglossia nos Rikbaktsa*

Na perspectiva de Ferguson (1974), analisando as diferentes funções das duas línguas, em que o português é a língua dominante, por ser a língua oficial de uso formal, utilizada e ensinada nas escolas. E a língua rikbaktsa tem uso informal, ensinada apenas nas escolas indígenas e não é a língua oficial do país. Os Rikbaktsa podem ser considerados uma comunidade diglósica porque aparentemente o português e o rikbaktsa convivem dentro da mesma sociedade de maneira “estável”, mesmo a língua dominante sobrepondo a língua dominada em várias situações. Entretanto, são poucas as situações em que a língua rikbaktsa é utilizada, o seu uso é restrito ao domínio familiar em algumas situações em que se encontram os mais velhos e pode haver uma comunicação no idioma nativo e podendo acontecer também no domínio vizinhança, escolar, no trabalho, ou até mesmo fora da aldeia. Neste contexto, não importa onde, mas quem é o interlocutor, ou seja, um falante Rikbaktsa quando encontra outro falante do idioma nativo pode-se estabelecer uma comunicação em rikbaktsa, assim como durante os rituais nas aldeias. Por outro lado, na maioria das situações, a língua predominante na comunicação é o português.

Considerando a definição de Fishman (1971) de que a comunidade diglósica pode ser definida a partir do contato entre duas línguas, sem que tenham uma relação genética comum, podendo ter origens distintas, consideramos o caso do rikbaktsa, língua indígena pertencente ao tronco linguístico macro-jê; e o português, língua românica, considerada uma língua indo-europeia que se originou da evolução do latim.

Nesta relação podemos considerar o seguinte quadro:

*Esquema (06): As relações entre o bilinguismo e a diglossia entre os Rikbaktsa*



**Fonte:** Adaptação de Fishman (1995, p. 121) (Tradução nossa)

De acordo com as respostas dos colaboradores, o bilinguismo individual consiste na existência de duas línguas em um mesmo indivíduo, os Rikbaktsa sabem o português e o rikbaktsa. O bilinguismo social também está presente entre os Rikbaktsa quando os entrevistados relatam os usos das línguas rikbaktsa e português nos domínios linguísticos e nos momentos de interação, em que em algumas ocasiões usam o português e em outras utilizam o rikbaktsa, analisando que os Rikbaktsa vivem uma situação linguística de diglossia e bilinguismo.

Há sempre uma hierarquia quando duas línguas coexistem em um mesmo espaço, um idioma é escolhido para determinados momentos, esta é a base da diglossia. Ambas as línguas, a língua rikbaktsa e o português, possuem uma relação estável, como no caso do Paraguai apresentado por Fishman (1995) em que ambas as línguas (espanhol e guarani) possuem uma distribuição funcional diglósica determinada. Entre os Rikbaktsa, há uma delimitação funcional de ambas as línguas, em que todos os falantes se reconhecem como bilíngues, e sabem identificar o uso linguístico das duas línguas.

Antes dos primeiros contatos com os não-indígenas, a língua rikbaktsa era a L1 do povo, a língua majoritária, que passou a ter o uso restrito em ocasiões específicas, como nos rituais religiosos próprios da etnia Rikbaktsa, como o ritual da lamentação, e quando é necessário estabelecer a comunicação com um ancião, que ainda detém o conhecimento da língua nativa e sabe pouco o português, ou ainda, em conversas esporádicas entre Rikbaktsa, em frases soltas que geralmente acontecem no domínio familiar ou nas aulas do idioma nativo nas escolas das aldeias. A língua portuguesa, por sua vez, era inicialmente usada pelos Rikbaktsa que foram levados ao Utiriti e foram

obrigados a aprender a língua oficial do Brasil, o português. A língua portuguesa se propagou e hoje é considerada a língua dominante e a mais usada. Assim, as duas línguas sofreram mudanças no uso linguístico, o comportamento linguístico dos Rikbaktsa sofreu alterações ao longo dos anos, e estas mudanças propiciaram o surgimento de falantes bilíngues e as situações de diglossia analisadas neste trabalho.

No Brasil podemos pensar na situação diglósica que provavelmente viviam os diversos povos que habitavam o território nacional durante o período colonial e do Império, sendo que um terço da população eram portugueses e os outros dois terços eram africanos, indígenas e seus descendentes (LUCCHESI, 2015). Para podermos observar o cenário linguístico no país desde o início da colonização até o século XIX, confira o quadro abaixo:

*Quadro (06): População do Brasil por etnia do século XVI ao XIX*

<b>Etnia</b>	<b>1583- 1600</b>	<b>1601- 1700</b>	<b>1701- 1800</b>	<b>1801- 1850</b>	<b>1851- 1890</b>
Africanos	20%	30%	20%	12%	2%
Negros brasileiros	—	20%	21%	19%	13%
Mulatos	—	10%	19%	34%	42%
Branco brasileiros	—	5%	10%	17%	24%
Europeus	30%	25%	22%	14%	17%
Indígenas integrados	50%	10%	8%	4%	2%

Fonte: Alberto Mussa (1991, p. 163 apud LUCCHESI, 2015, p. 94)

No início do século XX, quase 60% da população brasileira era descendente de africanos e indígenas, mais de 75% eram analfabetos e menos de 10% residiam nos centros urbanos. Estas pessoas eram marginalizadas pelos seus falares distante da maneira como a metrópole portuguesa falava. Entretanto, se no Brasil a polarização sociolinguística “deixou de opor línguas distintas – o português da elite colonizadora *versus* as línguas indígenas e africanas dos grupos subjugados – ela ainda se manteve, no limiar do século XX, muito próxima a uma situação de *diglossia*” (LUCCHESI, 2015, p. 88). Neste sentido, a situação diglósica do Brasil seria caracterizada pela coexistência de várias línguas no país, sendo que a língua da metrópole era imposta pela classe dominante, em detrimento à diversidade linguística existente no território

brasileiro.

Por um lado, as línguas humanas devem ser vistas sempre como criação coletiva dos povos que as falam, pois o indivíduo sozinho não cria uma língua natural. As línguas se formam nas relações sociais entre os indivíduos de uma mesma comunidade, ao tempo em que são o meio que possibilita as formas superiores de relação social que só a espécie humana atingiu. Assim, a língua é dialeticamente produto e veículo das relações sociais humanas (LUCCHESI, 2015, p. 48).

De acordo com Rosa Virgínia Mattos e Silva (2004 apud LUCCHESI, 2015, p. 114), o Brasil vive atualmente um *multilinguismo localizado*, pois o português é a língua materna de aproximadamente 98% da população e apenas 1% é composto pelos remanescentes povos indígenas que ainda preservam suas línguas nativas. O restante da população é constituído pelos imigrantes, sobretudo europeus e asiáticos.

### **3.3 TEMA (2): Atitudes linguísticas: discurso público sobre a língua (SCHLIEBEN-LANGE, 1993)**

Neste tópico, tratamos das atitudes linguísticas dos Rikbaktsa manifestadas diante da própria língua nativa (rikbaktsa) e a do outro (português), a partir do *discurso público sobre a língua* (SCHLIEBEN-LANGE, 1993), o outro elemento que compõe a atitude linguística, em que a variedade de fala utilizada pode possuir valores de juízo, tanto positivos, como negativos, relacionada ao modo do outro falar e do seu próprio modo de falar. Para atingirmos tal propósito, perguntamos aos colaboradores qual a língua que eles acham *mais bonita*, todos responderam o rikbaktsa:

- 1.1: **Rikbaktsa**, porque é a língua da minha etnia.
- 1.2: **Rikbaktsa**.
- 1.3: A língua do meu povo, **rikbaktsa**.
- 1.4: A língua do meu povo.
- 1.5: O meu idioma, rikbaktsa.
- 1.6: **Rikbaktsa**. Por causa das tradição, música, festa de tudo que rikbaktsa tem eu acho **mais bonita**.
- 2.7: O nosso idioma.
- 2.8: **Rikbaktsa** porque é mais bonita, é a língua do meu povo.
- 2.9: O idioma, claro, é a língua do meu povo, eu acho **mais bonita**.
- 2.10: **Rikbaktsa**.
- 2.11: A língua do meu povo, **rikbaktsa é mais bonita**.
- 2.12: **Rikbaktsa**. Porque eu acho bonito falar.

- 3.13: **Rikbaktsa**, claro, é o **nosso idioma**  
 3.14: **Rikbaktsa**, porque a **minha língua é importante pra mim**.  
 3.15: **Rikbaktsa**, claro, é o **nosso idioma**.  
 3.16: **Rikbaktsa**, o **meu idioma**.  
 3.17: *Eu acho mais bonita a **língua rikbaktsa***.  
 3.18: *A **língua rikbaktsa** é mais bonita*.

A língua rikbaktsa é mais apreciada que o português. A expressão *mais bonita* é uma atitude que reflete o sentido de pertencer à identidade étnica indígena, e é manifestado pela atitude positiva, ao considerar a língua rikbaktsa *mais bonita* que o português, mesmo que a predominância da fala seja da língua portuguesa. Quando todos afirmam *rikbaktsa*, demonstram o reconhecimento da língua rikbaktsa como o idioma próprio da etnia: *língua do meu povo, língua da minha etnia, nosso idioma, minha língua é importante pra mim*. Nas respostas, a valorização da língua rikbaktsa está relacionada à representatividade da etnia Rikbaktsa; o seu povo é considerado o mais prestigiado para o entrevistado, conseqüentemente a sua língua é a mais prestigiada no julgamento de valor do colaborador, pois a língua rikbaktsa é importante para a etnia:

1.5: *A **arma que hoje nós temos** é o nosso idioma materno*.

1.6: *Eu sinto que a língua hoje é de extrema importância, porque é **nossa identidade**, a cultura da gente é valorizada [...]*.

Os pronomes são argumentos de identificação cultural e linguística, conforme expresso no quadro abaixo:

**Quadro (07): Atitudes manifestadas**

+ rikbaktsa
<b>Minha</b> etnia
Língua do <b>meu</b> povo
<b>Nosso</b> idioma
<b>Nossa</b> identidade

A utilização dos pronomes pessoais que indicam posse: *minha, meu, nosso, nossa*, reafirmam a identificação dos Rikbaktsa enquanto indígenas, pertencentes a etnia Rikbaktsa e que valorizam a sua cultura e a sua língua.

Weinrich (2011) afirma que atitudes positivas referentes a uma língua podem ser

analisadas pelo fato de ser a língua nativa de sua comunidade linguística. O autor afirma que os falantes desenvolvem um apego emocional com o idioma de origem, o qual, muitas vezes receberam as primeiras formações<sup>26</sup>. Não somente no domínio familiar, mas também nos outros domínios linguísticos, em que os jovens possuem contato com seus costumes tradicionais que fazem lembrar todo sentimento de pertença a uma etnia, com uma história de luta e resistência de sua cultura, frente às invasões alheias. A importância da língua nativa não pode ser igualada ao uso de qualquer outra língua, para o falante nativo, a sua língua é sempre a *mais rica, mais bonita e mais valorizada*, o sentimento de pertencimento a uma identidade étnica é mais forte que a preferência pela língua do outro.

Indagamos aos colaboradores se eles acham importante ensinar o idioma nativo aos seus filhos e se eles saberiam ensiná-los:

- 1.1: *Sim, eu acho importante e eles sabem um pouco.*  
 1.2: *Sim, eu ensinei eles e algumas coisa eles aprenderam.*  
 1.3: *Sim, eu tento ensina pra eles.*  
 1.4: *Eu ensino meus filhos e netos e quero que eles ensinem os filhos deles também.*  
 1.5: *Sim, eu ensino eles, tem que sabe o idioma.*  
 1.6: *Sim, mas eles tem que ir atrás para aprender, buscar o aprendizado.*
- 2.7: *Eu acho importante e quero que todos aprendam, e eu vou ajuda eles a aprende.*  
 2.8: *Sim, na aldeia eu falo do jeito das pessoas da aldeia e eu ensino rikbaktsa.*  
 2.9: *Sim, é importante, aquilo que eu sei eu ensino desde pequeno.*  
 2.10: *Eu quero que eles aprendam e eu vou ensina o que eu sei pra eles.*  
 2.11: *Sim, eu tô tentando ensina pra eles.*  
 2.12: *Eu ensino meus filhos e quero que eles aprendam o nosso idioma.*
- 3.13: *Sim eu quero que eles aprendam.*  
 3.14: *Eu quero que ele aprenda, o que eu sei eu vou ensinar pra ele, mas eu queria aprende de tudo para ensinar pra ele, mas se eu falar direto no idioma com ele, ele vai prenda melhor que eu. **Eles falam que criança é melhor pra aprender que adulto.***  
 3.15: *Eu quero que eles saibam fala o nosso idioma, e eu vou ensinar o que eu sei pra eles.*  
 3.16: *Eu vou ensinar, mas minha mãe também disse que me ajuda e eu*

---

<sup>26</sup> Do texto original: “another source of positive attitudes toward a language is to be found in its very status as a mother-tongue. Most persons develop an emotional, pre-rational attachment to the language in which they receive their earliest and most fundamental training in semiotic behavior” (WEINRICH, 2011, p. 07).

*quero que ele fale na língua do nosso povo.*

3.17: *Sim, eu quero que fale o nosso idioma e eu vou ajudar sim.*

3.18: *Eu quero que eles aprendam e minha família ensina, na escola ele também vai aprende.*

Todas as gerações querem que seus filhos aprendam rikbaktsa e afirmam que pretendem ensinar. O grupo da 1ª geração relata que *eles têm que ir atrás para aprender* (1.6), esta afirmação retoma a tradição Rikbaktsa do *rodeio*, o *mykyry*, em que os homens se reuniam e trocavam experiências e os mais novos aprendiam com os mais velhos. Mas esta iniciativa é espontânea, os próprios indígenas demonstram interesse em compartilhar estes momentos com os anciãos e assim, adquirir o conhecimento. De acordo com Athila (2006, p. 258), “algumas vezes crianças de ambos os sexos acompanham seus pais e avôs nas atividades do *mykyry*. Eles aproveitam a oportunidade para ensinar-lhes alguma tarefa”. Os mais velhos são incentivadores dos costumes indígenas e buscam transmitir para os jovens nas aldeias.

O grupo da 2ª geração também ensina seus filhos o idioma nativo, *na aldeia eu falo do jeito das pessoas da aldeia* (2.8), o *jeito de falar* na aldeia refere-se aqueles momentos em que a interação entre Rikbaktsa acontece pela língua nativa, geralmente em conversas com os mais velhos que se comunicam mais no idioma nativo.

O grupo da 3ª geração, apesar de nem todos terem filhos ainda, também querem que a futura geração aprenda o idioma do seu povo, e que desde pequeno possa aprender a língua rikbaktsa: *eles falam que criança é melhor para aprender que adulto* (3.14).

Os argumentos descritivos ou avaliativos do discurso público são os estereótipos (SCHLIEBEN-LANGE, 1993), que consistem nos julgamentos de “bonito” ou “feio”, “melhor” ou “pior”, etc. Perguntamos aos colaboradores qual a língua mais feia e todos afirmaram ser a língua portuguesa:

1.1: *Português.*

1.2: *O português.*

1.3: *O português mesmo.*

1.4: *O português.*

1.5: *Português é mais feia.*

1.6: *Português, mas tem muitos termos que muitas vezes lá na frente é outro termo e você acaba não entendendo o significado daquela palavra, ela é complicada, mas o rikbaktsa é só um sentido.*

2.7: *Eu acho português mais feio.*

2.8: *Português é mais feio, porque não é o nosso idioma.*

2.9: *Português, porque se a gente fala errado todo mundo percebe.*

- 2.10: *Eu acho o português mais feio.*  
 2.11: *O português, porque não é do nosso povo.*  
 2.12: *Acho mais feio o português.*

- 3.13: *Português porque não é o nosso idioma mesmo.*  
 3.14: *Português, porque não é nossa língua.*  
 3.15: *Eu acho que o português é mais feio porque não é nossa língua.*  
 3.16: *Português, porque **não é nosso idioma.***  
 3.17: *Português é mais feio, não é o idioma na nossa etnia.*  
 3.18: *Português porque não é do nosso povo.*

Os Rikbaktsa sabem o português, mas acham *feia*, por não ser o idioma nativo, por ser complicado e ainda, *se fala errado todo mundo percebe* (2.9H). Como o português não é a língua da etnia Rikbaktsa, acham o idioma nativo *mais bonito* e, conseqüentemente, a língua do outro: o português, mais *feia*. Nesta perspectiva, a função da linguagem consiste em transmitir informações sobre os falantes e estabelecer relações sociais, contexto em que o falante consegue descrever o seu falar a partir do falar do outro, ou seja, pelas semelhanças e diferenças que estabelecem entre as duas línguas em contato (GIMENES-MORALIS, 2000). Deste modo, em uma determinada comunidade de fala, as atitudes linguísticas exercem influências sobre o comportamento linguístico do falante. Perguntamos qual a língua mais difícil, obtivemos as seguintes respostas:

- 1.1: *O português, muita regra, muito termo.*  
 1.2: *Português*  
 1.3: *Português, tem muita regra.*  
 1.4: *O português, é complicado.*  
 1.5: *Português, difícil interpretar.*  
 1.6: *Português, tem muitos termos.*
- 2.7: *Rikbaktsa, é difícil escrever.*  
 2.8: *Eu acho difícil rikbaktsa, porque a escrita é difícil.*  
 2.9: *Rikbaktsa, escrever e falar, ela é uma língua muito rápida, tem que falar muito ligeiro. As vezes você não entende, para escrever é complicado.*  
 2.10: ***Rikbaktsa eu acho mais difícil.***  
 2.11: *Rikbaktsa é mais difícil.*  
 2.12: ***Eu acho rikbaktsa.***
- 3.13: ***Rikbaktsa, porque é difícil fala.***  
 3.14: ***Rikbaktsa eu acho que é bem mais difícil.***  
 3.15: *Eu acho que o rikbaktsa, porque é complicado pra escreve.*  
 3.16: *Rikbaktsa.*  
 3.17: *Eu acho que é bem mais difícil rikbaktsa.*  
 3.18: *Rikbaktsa, porque eu não aprendi a fala desde pequena, se eu dominasse bem a minha língua eu não teria tanta dificuldade para falar.*

Em contrapartida, interrogamos qual a língua eles acham mais fácil, nos responderam:

1.3: *O Rikbaktsa, eu gosto do idioma e acho mais fácil.*

1.2: *O idioma mais fácil, o português é muito difícil, muito difícil escrever, tem muita regra.*

2.8: *Português, mais fácil, a gente acha bonito.*

2.9: *Hoje eu acho o português, porque tenho mais contato, tudo o que eu faço é em português.*

3.18: *O português, porque a gente aprende desde criança, já aprende a falar o português*

3.17: *O português, parece mais fácil que rikbaktsa, eu acho.*

O grupo da 1ª geração acha o português mais difícil, principalmente na escrita, na interpretação e ainda relatam que há muita regra, estas respostas refletem o monolinguismo existente nesta geração antes do contato com os não-indígenas. A L1 era a língua rikbaktsa, depois aprenderam o português, e de maneira imposta, por isso a facilidade com a língua nativa, que desde pequenos conviveram e aprenderam na aldeia e apesar de ficarem anos no Internato, o idioma nativo faz parte da cultura dos Rikbaktsa.

O grupo da 2ª geração acha *mais difícil* a língua rikbaktsa, por ser diferente do português, sendo que no dia a dia usam mais o português, tanto na fala como na escrita, por isso acham mais fácil. O colaborador 2.9 H ainda diz: *tudo o que eu faço é em português*, ou seja, no cotidiano, suas tarefas e atividades são desenvolvidas em língua portuguesa, o mesmo colaborador relata sobre a língua rikbaktsa: *Às vezes você não entende, para escrever é complicado*. O uso linguístico do grupo da 2ª geração acontece mais em português, por isso a fala e a escrita em rikbaktsa é difícil para eles, pois no cotidiano não utilizam com frequência o idioma nativo.

O grupo da 3ª geração acha *mais difícil* a língua rikbaktsa, a colaboradora 3.18 M afirma que acha difícil o idioma *porque eu não aprendi a falar desde pequena*, esta geração tem como L1 o português, e o idioma nativo é aprendido no domínio familiar e escolar, mas a língua portuguesa eles aprendem desde pequenos, e é a língua mais usada, por isso acham mais fácil e possuem mais afinidade com a língua que utilizam com mais frequência.

Quando pedimos para os entrevistados qual a língua eles gostam mais, todos

respondem rikbaktsa, mas quando interrogados qual a língua que mais falam no dia a dia, é unânime a resposta: *português*. Se eles preferem o idioma nativo, porque usam mais a língua do outro? Esta era a nossa inquietação enquanto realizávamos o questionário.

A partir do entendimento de estereótipo proposto por Schlieben-Lange (1993), que consiste no argumento do discurso público ou daqueles que concorrem entre si, nas respostas ao questionário existe uma atitude compartilhada pela sociedade Rikbaktsa, em que a língua nativa, gera avaliações negativas, de *vergonha*. Interrogamos: “Alguns Rikbaktsa rejeitam a própria língua?”

1.5: *Sim. Se não tivesse vergonha as crianças podiam falar no idioma.*

1.6: *Sim. Porque **tem medo de falar errado**, eu tenho percebido que eles, às vezes, nem tem vergonha mas não sabe a pronúncia da palavra. É porque eles não sabem mesmo, como se conversa no idioma, no sentido que eu percebi na maioria. **Muitos não sabem o idioma.***

2.8: *Sim, alguns jovens não querem falar e muitos não querem aprender, porque **tem vergonha de fala o idioma.***

2.12: *Sim, devido a falta de incentivo dos próprios pais, que dão muita liberdade, assim de viver na cidade e pega todo o costume da sociedade não-indígena.*

3.17: *Eu acho que tem, acho que **sente vergonha do seu próprio idioma**, eu não sei porque.*

3.18: *A gente, às vezes, tem até **vergonha de falar**, pra não falar errado.*

Os mais jovens não falam a língua rikbaktsa, discurso público instaurado acerca da desvalorização da língua nativa perante a língua portuguesa, de maior *status* na sociedade não-indígena. O discurso dos colaboradores legitima que apesar de considerarem a língua rikbaktsa a *mais bonita*, afirmam que muitos se *envergonham* em falar a própria língua nativa. Temos um conflito que nos leva a refletir quais seriam os motivos desta mudança de atitude/comportamento em relação à própria língua. Existe uma atitude negativa dos colaboradores diante da própria fala quando afirmam: *tem vergonha*. Trata-se da identidade linguística dos Rikbaktsa que se consideram indígenas, acham *bonita* a sua cultura e língua, mas não utilizam no dia a dia, pois a influência do português é tão grande que ocasiona a *vergonha* em falar sua língua nativa.

Alguns Rikbaktsa estão mais influenciados pela cultura do outro do que pela própria cultura nativa, devido, sobretudo ao convívio na cidade. Por isso, todos os

colaboradores afirmam que o idioma está se perdendo, sobretudo pelo desuso e o desinteresse dos mais jovens em aprender o idioma nativo. Os colaboradores se auto avaliam como falantes da língua rikbaktsa e do português, mas o estereótipo que recobre a língua nativa, ou seja, a vergonha que os mais jovens possuem em falar a língua rikbaktsa, faz com que eles busquem afastar-se da esteriotipação e deixam de falar a língua rikbaktsa, afirmando ter vergonha de pronunciar o próprio idioma.

Pode-se definir que a

[...] atitude é uma disponibilidade, uma tendência para agir ou reagir de um certo modo quando confrontado com certos estímulos. (...) As atitudes são reforçadas por crenças (o componente cognitivo) e geralmente atraem fortes reações (o componente emocional) que levarão a formas determinadas de comportamento (a componente de tendência expressiva) (OPPENHEIM, 1966, apud GIMENES-MORALIS, 2000, p. 38-39).

Essa concepção de Oppenheim (1966, apud GIMENES-MORALIS, 2000) considera o componente emocional como gerador de formas expressivas no comportamento, ou seja, um julgamento de valor. As marcas linguísticas “*tem medo de falar errado*”, “*tem vergonha de fala o idioma*”, “*sentem vergonha do seu próprio idioma*”, são expressões negativas em relação ao próprio idioma, considerado anteriormente como o “*mais bonito*”, mas agora contradito nas atitudes negativas.

Para explicar os diversos discursos que coocorrem dentro da fala de um indivíduo bilíngue, Schlieben-Lange (1993) realizou uma pesquisa sociolinguística com os moradores da vila de Bagnols-sur-Cèze (sul da França) (cf. tópico 2.4). Com o objetivo de verificar se o ocitano ainda era falado nesta vila, suas análises evidenciaram que o falante possui um *saber sobre a língua*, quando reconhece a existência e o uso da língua materna na França. Entretanto, há em seu discurso aquilo que é imposto, não há uso da língua ocitano na França, como um *discurso oficial*; e por outro lado temos a *língua falada no cotidiano*, que é o ocitano, preservado na fala entre os parentes e familiares na França (idem, p. 96).

Os Rikbaktsa possuem um *saber sobre a língua* quando reconhecem o uso da língua nativa nos domínios linguísticos, em situações de interação com falantes do idioma nativo, principalmente os mais velhos e durante os rituais. Contudo, analisamos em suas respostas que *os mais jovens não usam a língua rikbaktsa porque têm vergonha de falar o idioma nativo*, como um *discurso público sobre a língua*, pois no dia a dia os

mesmos indígenas afirmam que existe momentos em que a língua rikbaktsa é utilizada, mesmo afirmando que o português é mais usado no cotidiano, existem alguns momentos em que a língua rikbaktsa também é usada.

Perguntamos aos colaboradores se a língua rikbaktsa estava desaparecendo:

1.2: *Sim, tá desaparecendo porque eu ouço muito pouco.*

1. 4: *Sim, tá devagar, mas tá.*

2.11: *Pra mim tá, porque o jovem de hoje tá falando muito pouco a nossa língua, fala mais português. Muito pouco jovem fala a língua.*

2.12: *Olha eu acho que em certos lugares que não tem pessoas que não incentivam, tá desaparecendo sim.*

3.13: *Sim, poucas pessoas falam e esta desaparecendo mesmo.*

3.16: *Eu acho que a língua tá morrendo, porque tem pouca gente que fala a língua.*

Os indígenas veem que a língua rikbaktsa está desaparecendo porque não se ouve mais o idioma nas aldeias. Conforme analisamos no subtópico 3.2, o saber sobre a língua como uma atitude linguística, nos domínios linguísticos familiar, vizinhança, escolar, religioso e trabalho, há a predominância do uso da língua portuguesa, e o idioma nativo é usado em algumas ocasiões restritas. O comportamento linguístico dos Rikbaktsa leva a escolha da língua portuguesa na comunicação, pois é a língua que todos entendem, assim a interação acontece de maneira satisfatória.

A atitude linguística também pode ser vista como uma reação diante de uma determinada situação. Neste caso, o contato entre o rikbaktsa e o português ocasiona reações negativas de rejeição à própria língua nativa, em contrapartida, todos afirmam positivamente que consideram o idioma nativo o *mais bonito*. Estas reações distintas são influenciadas pela intensa relação de contato entre indígenas e não-indígenas, e pela dominação da língua portuguesa. As respostas anteriores sobre o domínio linguístico apresentam que a língua rikbaktsa vem diminuindo seus lugares de predominância e o português vem sendo a principal língua usada nas interações. Este deslocamento da língua nativa para a língua oficial, o português, reforça as reações negativas em relação ao uso de um idioma em detrimento de outro.

Para Schlieben-Lange (1993, p. 97), a consciência linguística está no campo da heterogeneidade, não pode ser considerado algo homogêneo, definido naturalmente pelo falante. Entretanto, esta heterogeneidade possui uma ligação entre o *discurso oficial*

sobre a língua e aquilo que consiste na *experiência cotidiana da língua*, ambas as concepções estão interligadas, mas a consciência linguística resultante do falar não é homogênea, e muitas vezes pode ser contraditória. O discurso oficial sobre a língua rikbaktsa é que ela é a *mais bonita*, mas na experiência cotidiana do uso do idioma nativo os mais jovens não utilizam a língua rikbaktsa porque *têm vergonha*. Athila (2006) relata a preocupação no desuso da língua rikbaktsa pelos mais jovens nas aldeias:

A maior parte dos jovens, crescida e educada nos arredores do Posto missionário Barranco Vermelho, que mais tarde tornar-se-ia aldeia, apesar de compreenderem perfeitamente a língua Rikbaktsa, evitam nela expressar-se. O mais preocupante, contudo, é que os filhos destes jovens, de uma maneira geral, não têm sido socializados na língua materna, principalmente aqueles que vivem em famílias nucleares, longe de avós e bisavós. Desta forma, seu contato com o idioma nativo é muito menos constante do que o recomendável. Mesmo assim, pude gravar alguns cantos, que os tinha gravados com homens mais velhos, entoados por um menino de seis anos de idade (ATHILA, 2006, p. 55).

A língua rikbaktsa constitui a identidade étnica deste povo, e este diferencial é o que caracteriza a sua etnia. Quando os Rikbaktsa mais jovens optam por não falar sua língua nativa, eles buscam garantir a oportunidade de incluir-se socialmente, pois, a partir do momento que adquirem o “falar do outro”, eles diminuem as pressões sociais resultantes do conflito linguístico existente desde a época da colonização brasileira. Contudo, a vergonha da própria língua pode caracterizar uma negação da etnia Rikbaktsa, ou seja, a negação da língua é o meio de inserção e aceitação na cultura do “outro”.

Neste contexto, retomamos o conceito de insegurança linguística, “[...] quando os falantes consideram seu modo de falar pouco valorizador e têm em mente outro modelo, mais prestigioso [...]” (CALVET, 2002, p. 72). Neste caso, o modo mais prestigioso é o português, pois há uma competência social nesta abordagem, em que o indivíduo se sente valorizado a partir do momento que usa a variedade de mais valor, a inclusão acontece pela apropriação da cultura e do falar do outro, reafirmando que não podemos separar o social do linguístico, já que ambos estão intrinsecamente relacionados. Diante desta perspectiva, perguntamos se existe algum trabalho de preservação da língua rikbaktsa nas aldeias e a maioria respondeu que na escola as crianças têm aula de idioma e podem aprender a língua nativa:

1.2: *Hoje tem pessoas que poderiam dar aula indígena dentro da aldeia, (...) se os professores incentivassem essas pessoas para ajudar a juventude e fazer uma roda de conversa no idioma. Meu marido tem interesse de fazer uma roda de conversa e resgatar a cultura e a tradição e eu acho que poderia fazer um resgate cultural.*

2.10: *Mas nós estamos incentivando os professores e os alunos nas escolas para cantar na língua e aprender. No currículo tem as práticas culturais onde todo o fim de semana tem esse trabalho. Na aula de idioma tem as cartilhas.*

3.16: *Tem só os professores que são bilíngues e da aula de idioma na sala de aula para os alunos.*

A escola é fundamental na manutenção da língua nativa de um povo, por meio de uma pedagogia que respeita e valoriza a organização social, os costumes e as particularidades da etnia. As atividades pedagógicas devem promover a comunicação na língua nativa e que os conhecimentos adquiridos possam proporcionar aos indígenas o reconhecimento pela sociedade não-indígena, garantindo condições de igualdade e autonomia para o povo. Nos Rikbaktsa a educação indígena promovida nas escolas das aldeias vem auxiliando a preservação da língua e dos costumes Rikbaktsa:

Há escola na maior parte das aldeias, todas com professores exclusivamente indígenas. Observo que muitas destas escolas foram implantadas nas estruturas dos *mykyry*, que existem em algumas aldeias, com função muito semelhante. Muitos velhos ou indivíduos que não se adaptaram à estrutura dos Postos, pouco falando português, permanecem orientando aqueles mais jovens, com "cantos", "festas", ensinamentos sobre flechas, arte plumária, "histórias" e mitos. "Aulas" como tais podem fazer parte da programação dos professores, embora estas atividades sejam mais propriamente desenvolvidas no *mykyry* ou nas casas, no contato cotidiano entre aqueles que dominam estas técnicas e os que desejam aprendê-las (ATHILA, 2006, p. 165).

A educação é um mecanismo de preservação da língua rikbaktsa. O Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas (RCNei, 2008) estabelece que a educação indígena deve favorecer as especificidades de cada etnia, buscando contemplar a realidade sociocultural de cada povo, sem seguir os modelos estabelecidos pela sociedade indo-europeia. Entretanto, muitas escolas indígenas, assim como as escolas Rikbaktsa, trabalham com os livros didáticos de nossas escolas regulares. As aulas de geografia, história, matemática etc. são ministradas com os mesmos materiais que são utilizados nas escolas dos centros urbanos. Este tipo de

educação não contempla os saberes indígenas e seus costumes. É necessário incentivo do Governo para promover o desenvolvimento da educação indígena nas aldeias. Há anos que os povos indígenas vem lutando pela sua legitimação nas aldeias e seu direito de preservar seus costumes através da educação.

Atualmente as etnias indígenas estão buscando cada vez mais a qualificação profissional para preservar sua cultura da influência dos não-indígenas nas aldeias. A qualificação de professores indígenas para atuarem nas aldeias é fundamental, pois conhecem a realidade do seu povo e promoverão um ensino voltado para a preservação dos costumes da sua etnia. Além disso, uma formação acadêmica voltada para os anseios dos povos indígenas é indispensável para a promoção da educação nas aldeias e a construção de mecanismos que auxiliem na preservação de seus costumes.

O Estado de Mato Grosso vem aos poucos agregando políticas referentes à valorização de línguas e culturas indígenas. Uma dessas ações políticas, é a existência do primeiro projeto de educação indígena -3º Grau Indígena- e posteriormente, transformada na Faculdade Indígena Intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), localizada em Barra do Bugres-MT, que oferta cursos de licenciaturas plenas para qualificar professores indígenas de várias etnias. Francisco (1998) relata que foi realizada a Conferência Ameríndia de Educação e o Congresso de Professores Indígenas do Brasil no mês de novembro de 1997, em Cuiabá. Várias pessoas de 9 países da América Latina e de 12 Estados brasileiros participaram deste evento em que o então governador de Mato Grosso, Dante de Oliveira, instituiu a Comissão Interinstitucional e Paritária composta por representantes da SEDUC/MT, FUNAI, CEE/MT, CEI/MT, UFMT, UNEMAT, CAIE/MT e representantes indígenas (Decreto nº 1.842, de 21 de novembro de 1997). Esta Comissão tinha o compromisso de discutir políticas públicas para o desenvolvimento do ensino superior para os indígenas. Depois de muitas reuniões e discussões, em 2001, foi inaugurado o Projeto de Formação de Professores Indígenas – o 3º Grau Indígena, que possibilitou aos indígenas de 12 Estados brasileiros a formação superior nas áreas de Línguas, Artes e Literatura; Ciências Matemáticas e da Natureza; e Ciências Sociais. O *campus* para as aulas presenciais foi instituído na UNEMAT em Barra do Bugres-MT, e em 2008 foi criada a tão sonhada Faculdade Indígena Intercultural (MEDEIROS, 2008).

Desde então, muitos indígenas buscam qualificação na Faculdade Indígena Intercultural, e esta iniciativa vem promovendo o desenvolvimento da educação

indígena. Estes professores retornam para as aldeias com novas ideias de incentivo e promoção dos costumes do seu povo. A etnia Rikbaktsa possui professores indígenas nas aldeias, alguns estudaram na época do Projeto 3º Grau Indígena, outros estudaram/estudam na Faculdade Indígena Intercultural em Barra do Bugres, e alguns já possuem especialização em áreas afins. A qualificação é um incentivo importante para o ensino nas aldeias, mas vemos a necessidade de intensificação deste processo. É necessário mais professores indígenas atuando nas aldeias, mais políticas públicas de incentivo a elaboração de materiais pedagógicos e didáticos voltados para as particularidades de cada etnia.

De acordo com nossas análises realizadas durante este capítulo, há um processo de deslocamento linguístico, em que o português está dominando o espaço de propagação da língua rikbaktsa. Entretanto, também existe um processo de manutenção da língua rikbaktsa, por meio das escolas das aldeias, através do ensino da língua nativa com cartilhas elaboradas pelos próprios professores. Os mais velhos, que falam fluentemente a língua, transmitem aos mais novos seus saberes. Os Rikbaktsa têm suas particularidades, as quais devem ser abrangidas na educação, pois a cultura deve ser respeitada e voltada aos dizeres de sua etnia e aos anseios da comunidade. Além disso, os Rikbaktsa têm a AIMURIK (Associação Indígena das Mulheres Rikbaktsa), que busca incentivar a cultura e estimular a conservação ambiental, por meio da utilização de materiais da natureza necessários à confecção das peças de artesanato, bem como a utilização de plantas medicinais. Outra associação é a ASSIRIK (Associação Indígena Rikbaktsa), que ajuda os indígenas de maneira geral, buscando recursos para auxiliar as TIs. A preocupação é que esta língua não seja extinta, como tantas outras que já desapareceram ao longo dos anos, como tantas que possuem poucos ou nenhum falante, ou ainda, aquelas línguas indígenas que se foram sem deixar nenhum registro.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde o início da colonização do Brasil há registros dos contatos linguísticos existentes no território. Com a chegada das populações europeias, africanas e asiáticas, viu-se necessário a aprendizagem da língua dos ameríndios que viviam nas terras brasileiras para poder dominar o seu espaço. Diante desta situação, a metrópole envia para o Brasil a Companhia de Jesus, que tinha como objetivo converter os indígenas à fé cristã. Os jesuítas aprendiam a língua dos indígenas e depois ensinavam a língua portuguesa e os obrigavam a seguir os costumes não-indígenas. Ao longo dos anos, a situação de contato linguístico foi sendo intensificada no Brasil, principalmente pelos fluxos migratórios oriundos da exploração dos recursos naturais. Diante desta situação, na década de 50, surge a *Linguística de Contato* com o intuito de estudar os fenômenos linguísticos que resultam dos contatos de línguas.

Retomando nosso percurso sobre as atitudes linguísticas dos Rikbaktsa diante da situação de contato entre a língua nativa e o português, primeiramente descrevemos a visão atual dos Rikbaktsa diante dos primeiros contatos com os não-indígenas. As primeiras relações não foram amistosas e trouxe muitas mortes por epidemias, sobretudo a malária. Entre 1956 e 1962, foi criado o projeto de *pacificação* com o intuito de amenizar as mortes entre os Rikbaktsa e os seringueiros. Durante este período, alguns Rikbaktsa receberam qualificação profissional por meio de cursos para aprender a cuidar dos doentes e saíam com o padre Balduino pelas aldeias para ajudar o povo. Os colaboradores narram que nesta época havia aproximadamente 180 indígenas, eles estavam sendo dizimados, e as crianças órfãos levadas para o Utiariti. Quando o Internato fechou e as crianças voltaram para as aldeias, começaram a acontecer alguns casamentos entre os próprios indígenas, fazendo com que a população aumentasse.

Mesmo assim, houve uma mudança no repertório linguístico dos Rikbaktsa, pois aqueles que foram para o Utiariti sabiam apenas a língua nativa e, ao retornar para as aldeias, voltaram falando *mais português*. Os colaboradores relatam que antigamente a língua rikbaktsa predominava nas aldeias em todos os domínios, mas com o passar do tempo o português prevaleceu, por isso analisamos que os Rikbaktsa são bilíngues individuais, porque reconhecem o uso de ambas as línguas, ou seja, possuem um *saber sobre a língua*.

Além disso, há nas aldeias um bilinguismo social, diante da situação de *bilinguismo e diglossia*, pois os colaboradores identificam os domínios linguísticos de utilização da língua rikbaktsa e do português. Existe uma organização no uso linguístico, em que os colaboradores revelam a escolha de uma língua ou outra nos momentos de interação. O uso da língua rikbaktsa é restrito ao domínio familiar, ou quando se encontram com algum indígena Rikbaktsa que sabe falar o idioma nativo, e isso pode acontecer em qualquer domínio linguístico, como no trabalho, vizinhança, escolar, familiar ou religioso. Destaca-se o domínio religioso nos rituais próprios dos costumes Rikbaktsa, em que se utiliza apenas o idioma nativo, como por exemplo o ritual da lamentação, da seca e da chuva. No domínio escolar, os Rikbaktsa têm a aula do idioma, em que os professores indígenas ensinam a língua nativa por meio de cartilhas e nestes momentos o uso da língua rikbaktsa prevalece.

O que mudou desde os primeiros contatos dos Rikbaktsa com os não-indígenas até os dias atuais foram os usos funcionais das línguas rikbaktsa e portuguesa, e conseqüentemente, seus domínios linguísticos. Depois da pacificação e do retorno das crianças órfãos para as aldeias, a situação sociolinguística do povo mudou, tornaram-se uma comunidade diglósica e bilingue, o português e a língua rikbaktsa estão presentes nos usos funcionais da língua, e o português vem dominando a maioria das interações.

Há entre os Rikbaktsa um *discurso público sobre língua* que os colaboradores possuem valores de juízo em relação a sua língua e a do outro. Os Rikbaktsa reconhecem a língua nativa como *a mais bonita*, ou seja, valorizam o idioma nativo. Além disso, acham importante ensinar a língua rikbaktsa para seus filhos. Consideram como *mais feia* a língua portuguesa. Entretanto, há uma atitude negativa dos Rikbaktsa diante da própria fala quando afirmam: *têm vergonha* de falar o idioma nativo, pois apesar de se considerarem indígenas, no dia a dia falam *mais o português*. Os colaboradores relatam que o idioma está desaparecendo, devido ao desuso dos mais jovens e o desinteresse de alguns em falar a língua nativa.

As respostas dos colaboradores são atitudes tanto do saber sobre a língua, quanto do discurso público sobre a língua, resultante da situação de contato entre a língua rikbaktsa e o português, em que aos poucos os indígenas Rikbaktsa estão abandonando a sua língua nativa.

Diante disso, o processo pelo qual podemos sucintamente esboçar neste trabalho diz respeito ao deslocamento da língua rikbaktsa que está perdendo seus domínios

linguísticos dentro da comunidade linguística rikbaktsa. É necessário que sejam criadas políticas linguísticas de preservação da cultura/língua rikbaktsa. Por fim, a preocupação em formar indígenas capacitados para ministrar aulas nas aldeias é fundamental para o enriquecimento da própria cultura. O indígena busca uma qualificação profissional voltada para as particularidades de sua etnia, pois deverá retornar às aldeias aquilo que aprendeu em sua qualificação, num processo de valorização da cultura, no caso, a Rikbaktsa.

## REFERÊNCIAS

- ALKMIM, T. Sociolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à Linguística**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- ALMEIDA, Josenalva O. S. **Direito Territorial Do Povo Indígena Rikbaktsa**. Monografia (Bacharelado em Direito). Juína-MT: AJES (Faculdade de Ciências Contábeis e Administração do Vale do Juruena), 2012. Disponível em: [http://www.biblioteca.ajes.edu.br/arquivos/monografia\\_20121024224931.pdf](http://www.biblioteca.ajes.edu.br/arquivos/monografia_20121024224931.pdf). Acesso em: 12. out. 2015.
- ANCHIETA, Pe. José de. **Artes de Gramática da língua mais usada na costa do Brasil**. São Paulo: Edições Loyola, 1990.
- APPEL, René; MUYSKEN, Pieter. **Language contact and bilingualism**. London: Amsterdam Academic Archive, 1987.
- ARRUDA, Rinaldo S. V. **Existem realmente indígenas no Brasil?** São Paulo: Perspectiva, 1994. Disponível em: [http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v08n03\\_11](http://www.seade.gov.br/produtos/spp/v08n03_11). Acesso em: 20. out. 2015.
- \_\_\_\_\_. **Os Rikbaktsa: mudança e tradição**. Tese (Doutorado em Antropologia). São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1992.
- ATHILA, Adriana Romano. **“Arriscando corpos.”** Permeabilidade, alteridade e as formas de socialidade entre os Rikbaktsa (Macro-Jê) do sudoeste Amazônico. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia). Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.
- BARBOSA, Tereza M. **Língua guajajara em contato: um estudo dos fenômenos linguísticos incididos pelo contato com o português**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Cáceres-MT: Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, 2015.
- BISINOTO, Leila Salomão Jacob. **Atitudes Sociolinguísticas: efeitos do processo migratório**. Campinas: Pontes Editores, 2007.
- BOSWOOD, Joan. **Algumas funções de participante nas orações Rikbaktsa**. Série Linguística. Brasília: Summer Institute of Linguistics (SIL). n.3, p.7-33. 1974b.
- \_\_\_\_\_. Evidências Para a Inclusão do Aripaktsa no Filo Macro-Jê. Série Linguística, **Associação Internacional de Linguística – SIL**, Anápolis, n. 1, p. 67-78, 1973. Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/publcn/ling/AKMcJe.pdf>. Acesso em: 01. out. 2015.
- \_\_\_\_\_. **Citações no Discurso Narrativo da Língua Rikbaktsa**. Série Linguística. Brasília: Summer Institute of Linguistics (SIL). n.3, p.99-129. 1974a. Disponível em: <http://www-01.sil.org/americas/brasil/publcn/ling/RKDisc.pdf>. Acesso em: 01. out. 2015.

\_\_\_\_\_. **Phonology and morphology of Rikbaktsa and a tentative comparison with languages of the Tupi and Jê families.** Dissertação (Mestrado em Linguística). Mémoire de maîtrise en Linguistique: Reading University, 1971.

\_\_\_\_\_. **Quer falar a língua dos canoeiros?** Rikbaktsa em 26 lições. Cuiabá: Associação Internacional de Linguística–SIL, Brasil, 1978.

CALVET, Louis-Jean. **Sociolinguística: uma introdução crítica.** São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

CARDOSO, Valéria F. O Português de contato dos Kaiowá (guarani). In: FERREIRA, Rogério Vicente; AMADO, Rosane de Sá & CRISTINO, Beatriz Protti (Orgs.). **O Português indígena: novas reflexões.** Munique - Alemanha : LINCOM Studies in Romance Linguistics (LSRL) 76. 146pp. 2014.

CORBARI, Clarice C. **Atitudes linguísticas: Um estudo nas localidades paranaenses de Irati e Santo Antônio do Sudoeste.** Tese (Doutorado em Letras e Linguística). Salvador: Universidade Federal da Bahia – UFBA. 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufba.br/ri/bitstream/ri/16202/1/Clarice%20Cristina%20Corbari.pdf>. Acesso em: 09, jun. 2015.

CRYSTAL, D. **Dicionário de linguística e fonética.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

DORNSTAUDER, J. E. **Como pacifiquei os Rikbaktsa.** São Leopoldo : Instituto Anchietano de Pesquisas, 1975.

FERGUSON, C. A. The role of Arabic in Ethiopia, a Sociolinguistic Perspective.1970. In: PRIDE, J. B.; HOLMES, Janet. **Sociolinguistics.** Australia: Penguin Books Ltd, 1972.

\_\_\_\_\_. Diglossia. In: FONSECA, Maria S. V.; NEVES, Moema F. (Orgs.). **Sociolinguística.** Rio de Janeiro: Eldorado, 1974.

FISHMAN, J. A Sociologia da linguagem. Trad. de Álvaro Cabral In: FONSECA, M. S. V.; NEVES, M. F. (Orgs.) **Sociolingüística.** Rio de janeiro: Eldorado, 1974.

\_\_\_\_\_. **Sociología del Lenguaje.** (Trad. Ramón Sarmiento y Juan C. Moreno). Madrid: Ediciones Cátedra, 1995.

\_\_\_\_\_. The Relationship between Micro- and Macro-Sociolinguistics in the Study of Who Speaks What Language to Whom and When.1971. In:PRIDE, J. B.; HOLMES, Janet. **Sociolinguistics.** Australia: Penguin Books Ltd, 1971.

FRANCISCO, Nelson. **Unesco aponta índio de MT como o mais alfabetizado de todo o país.** Cuiabá: Jornal A Gazeta, 9 jul, 1998. Disponível em: <http://www.ipol.org.br/imprimir.php?cod=171>. Acesso em: 03. out. 2015.

GIMENES MORALIS, Edileusa. **Dialetos em contato**: um estudo sobre atitudes Linguísticas. 2000. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000215182>. Acesso em: 17. out. 2015.

HEYE, Jurgen. Sociolinguística. In: PAIS, C. T.; BARBOSA, M. A.; PONTES, E.; WITTER, G. P.; HEYE, J.; NEIVA JR., E. **Manual de Linguística**. Petrópolis: Vozes, 1979.

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2010. Disponível em: <http://indigenas.ibge.gov.br/estudos-especiais-3/o-brasil-indigena/povos-etnias>. Acesso em: 17. out. 2015.

**ISA**- Instituto Socioambiental. 2014. Disponível em: <http://ti.socioambiental.org/pt-br/#!/pt-br/terras-indigenas/3657>. Acesso em: 17. out. 2015.

LAMBERT, W. E. **Language, Psychology, and Culture**. Stanford: Stanford University Press, 1972.

LIMA, José Leonildo. **Vila Bela da Santíssima Trindade-MT**: Sua fala, seus cantos. Tese (Doutorado em Linguística). UNICAMP, 2007. Disponível em: [file:///C:/Users/Mileide/Downloads/LimaJos%C3%A9Leonildo%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/Mileide/Downloads/LimaJos%C3%A9Leonildo%20(2).pdf). Acesso em: 02. out. 2014.

LUCCHESI, Dante. **Língua e sociedade partidas**: a polarização sociolinguística do Brasil. São Paulo: Contexto, 2015.

LUNKES, Odilon Pedro. **Estudo Fonológico da Língua Rikbaktsa**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília: Unb, 1967.

MATOS E SILVA, rosa Virgínia. Variação, mudança e norma. In: BAGNO, Marcos (org). **Linguística da norma**. São Paulo: Loyola, 2002

MEDEIROS, Iraci Aguiar. **Inclusão Social na Universidade**: Experiências na UNEMAT. Dissertação (Mestrado em Política Científica e Tecnológica). Campinas: UNICAMP, 2008.

MELLO, Heloísa A. B. Atitudes linguísticas em uma comunidade bilíngue do sudoeste goiano. In: **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

MELLO, H.; ALTENHOFEN, C. V.; RASO, T. **Os contatos linguísticos no Brasil**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2011.

MELLO, Heloísa A. B.; SILVA, Sidney S. **Revisitando contextos bilíngues em Goiás**. Revista UFG / Julho 2011 / Ano XIII nº 10. Disponível em: [http://www.proec.ufg.br/revista\\_ufg/Revista%20UFG%20Julho%20-%202011/arquivos\\_pdf/heloisa\\_augusta.pdf](http://www.proec.ufg.br/revista_ufg/Revista%20UFG%20Julho%20-%202011/arquivos_pdf/heloisa_augusta.pdf). Acesso em: 25. set. 2015.

MOORE, Dennis Albert; GALUCIO, Ana Vilacy; GABAS JÚNIOR, Nílson. **Desafio de documentar e preservar línguas**. Disponível em: <http://saturno.museu-goeldi.br/lingmpep/portal/downloads/publicacoes/desafio-de-documentar-e-preservar-moore-galucio-gabas.pdf>. Acesso em: 17. fev. 2014.

MOREIRA, Elisângela B. M.; TAVARES, Marilze. O preconceito linguístico na visão do indígena douradense. **VII EPGL - VI CNELLMS e IV EPPGL**. Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul: Dourados-MT. 27 a 29 de julho de 2011. Disponível em: [http://www.uems.br/eventos/cnellms/arquivos/29\\_2011-09-22\\_18-52-02.pdf](http://www.uems.br/eventos/cnellms/arquivos/29_2011-09-22_18-52-02.pdf). Acesso em: 04, Jun. 2015.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. **Las variedades de la lengua española y su enseñanza**. Madrid: Arco Libros, 2010.

PACINI, Aloir. **Pacificar: Relações Interétnicas e Territorialização dos Rikbaktsa**. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Rio de Janeiro: Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1999.

\_\_\_\_\_. **Um artífice da paz entre seringueiros e índios**. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2015.

PEREIRA, Adalberto Holanda. **O Pensamento Mítico do Rikbaktsa**. São Leopoldo: Série Pesquisas (Antropologia) - vol. 50, 1994.

\_\_\_\_\_. **Os espíritos maus dos Nanbikuára e quinze lendas dos Rikbáktsa**. São Leopoldo: UNISINOS-Instituto Anchieta de Pesquisas (Pesquisas, Antropologia, 25), 1973.

PEREIRA, Patricia I. G. **Juína, a Rainha da floresta: uma história sob o olhar Rikbaktsa**. Monografia. 2015.

PIOLI, Alexandre T. **Dois abordagens para a formação de sintagmas fonológicos em Rikbaktsa**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Campinas: UNICAMP, 2010.

PIRES, Paula Wolthers de Lorena. **Rikbaktsa: um estudo de Parentesco e Organização Social**. 2009.196f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Disponível em: [www.tese.usp.br/teses-disponiveis/8/.../PAULA\\_W\\_LORENA\\_PIRES.pdf](http://www.tese.usp.br/teses-disponiveis/8/.../PAULA_W_LORENA_PIRES.pdf). Acesso em: 01. jul. 2014.

**RCNEI** - Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas. MEC/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: Gráfica JB, 2008.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. A Originalidade das Línguas Indígenas Brasileiras. **Com Ciência, Revista Eletrônica de Jornalismo Científico**, SBPC, Linguagem: cultura e transformação, n. 23, agosto de 2001. Disponível em: <http://www.comciencia.br-reportagens-linguagem/ling13.htm>. Acesso em: 01. jun. 2014.

\_\_\_\_\_. **Línguas Brasileiras**: para o conhecimento das línguas indígenas. São Paulo: Edições Loyola, 1994.

SCHLIEBEN-LANGE, Brigitte. **História do falar e história da linguística**. Tradução de TARALLO, Fernando *et al.* Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.

SILVA, Léia de Jesus. **Aspectos da Fonologia e Morfologia na Língua Rikbaktsa**. Dissertação (Mestrado em Linguística). Brasília: Unb, 2005.

\_\_\_\_\_. **Morphosyntaxe du Rikbaktsa** (Amazonie brésilienne). 2011a. 389f. Tese (Doctorat-Linguistique théorique, descriptive et automatique) - Université Denis Diderot - Paris 7 - École Doctorale : Sciences du Langage.

SILVA, S.S (Org.). **Línguas em contato**: cenários de bilinguismo no Brasil. Campinas: Pontes, 2011b.

SOUZA, Ney de (Org.). **Catolicismo em São Paulo**. São Paulo: Editora Paulinas, 2004.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa Sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

TARALLO, Fernando; ALKMIN, Tania. **Falares crioulos**. São Paulo: Editora Ática. 1987.

TAVARES, Marilze; SANTOS, Ludoviko C. Crenças e atitudes linguísticas de indígenas de Dourados-MS. **Cadernos do IL**. Porto Alegre, n.º 44, junho de 2012. p. 117-134. Disponível em: <http://seer.ufrgs.br/cadernosdoil/article/viewFile/28120/pdf>. Acesso em: 04, Jun. 2015.

TREMAINE, Sheila D. **Dicionário Rikbaktsa – Português, Português – Rikbaktsa**. Associação Internacional de Linguística – SIL Brasil. 2007. Disponível em: <http://www.sil.org/americas/brasil/publcns/dictgram/RKDic.pdf>. Acesso em: 20. jun. 2014.

WEINREICH, U. **Languages in contact**: French, German and Romansh in twentieth-century Switzerland. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 2011.

## APÊNDICE

### QUESTIONÁRIO RIKBAK TSA/PORTUGUÊS

- 1-Quando vocês (Rikbaktsa) conheceram os não-indígenas? Quem estabeleceu as primeiras relações?
- 2-Como se chama a (s) língua (s) que você fala?
- 3-No passado as pessoas falavam diferente na aldeia? Qual (s) a (s) língua (s) era usada?
- 4-Com quem você aprendeu a falar rikbaktsa?
- 5 -Com quem você aprendeu a falar português?
- 6-Quando você era criança, qual a língua utilizada pelos seus PAIS para falar com você?
- 7-Quando você era criança, qual a língua utilizada pelos seus AVÓS para falar com você?
- 8-Você sabe qual a língua que seus pais aprenderam primeiro?
- 9-Você sabe qual a língua que seus avós aprenderam primeiro?
- 10-Em casa, no domínio familiar, qual a língua mais usada entre:
  - a) marido/mulher
  - b) pais/filhos
- 11-Na aldeia, no domínio vizinhança, qual a língua mais usada entre:
  - a) amigos (adultos)
  - b) amigos (crianças)
- 12-Na escola qual a língua mais usada entre:
  - a) colegas
  - b) professor/aluno
- 13-Nos rituais religiosos, no domínio religioso, qual a língua mais usada entre:
  - a) pastor ou padre/indígenas
- 14-No trabalho qual a língua mais usada entre:  
colegas de trabalho-
- 15-Indígenas de outras etnias frequentam a aldeia? Qual (is) etnia (s)?
- 16-Quando você se encontra com algum indígena de outra etnia você usa qual língua e em qual (is) situação (ões)?
- 17-Quando você vai para a cidade de Juína você conversa com seus pais, irmãos/irmãs, professor (a), vizinho (a) em que língua? Quando? Onde?

- 18 –Na cidade de Juína tem algum lugar que você pode usar apenas a língua rikbaktsa?  
Quando? Onde? Quais situações e com quem?
- 19-Que língua você acha mais bonita? Por quê?
- 20-Que língua você acha mais feia? Por quê?
- 21-Você acha que alguns Rikbaktsa rejeitam a própria língua? Por quê?
- 22-Que língua você acha mais fácil? Por quê?
- 23-Que língua você acha mais difícil? Por quê?
- 24-Você acha importante que seus filhos aprendam rikbaktsa? Você saberia ensiná-los?
- 25 –Você acha que a língua rikbaktsa está desaparecendo? Por quê?
- 26-Existe algum trabalho de preservação da língua rikbaktsa na aldeia? Qual (is)?